ANO – 2019

Observatório de Análise
de Conjuntura Internacional

CONJUNTURA E PERSPECTIVAS

DESAFIOS PARA O BRASIL

Laboratório de Relações Internacionais
(LARI)

UNIVERSIDADE
CATÓLICA
DE SANTOS

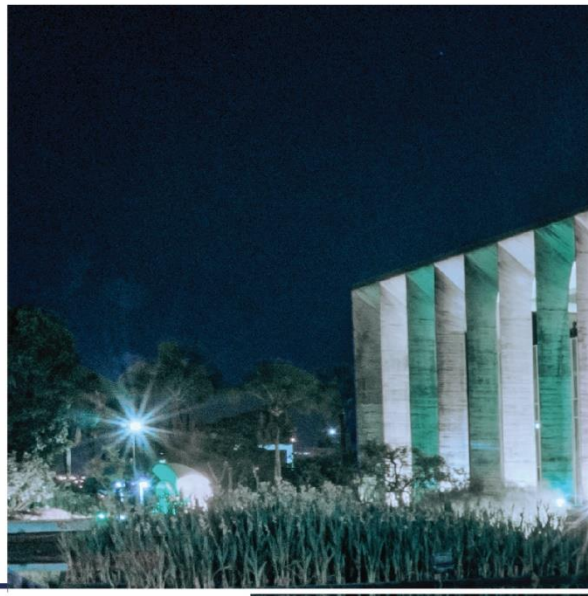
UNIVERSIDADE
CATÓLICA
DE SANTOS

Observatório de Análise de Conjuntura Internacional
Coordenação: Daniel Rei Coronato

Laboratório de Relações Internacionais (LARI)
Coordenação: Fabiano Lourenço de Menezes

Instituto de Pesquisas Científicas e Tecnológicas (IPECI)
Direção: Adriana Florentino de Souza

Centro de Ciências Sociais Aplicadas e da Saúde (CCSAS)
Direção: Flávia Henriques



CONJUNTURA E PERSPECTIVAS

DESAFIOS PARA O BRASIL

Organização: Daniel Rei Coronato

Autores: Ana Luisa Martins Cortes; Barbara Osorio De Oliveira; Bianca Thomaz Rossi; Daniel Silva Gatti; Danielle Da Silva Agostinho; Enzo Franciscatto; Fernanda Garcez Nunes; Gabriel Figueredo Oliveira; Gabriela Nunes Da Silva; Guilherme Gomes Amorim Barbosa; Juliana Gadotti Guimarães; Larissa Lima Barros; Laura Santos Lisbôa; Letícia Vaz De Lima Pacheco; Lucas Faria Chacon Cardoso; Lucas Fernandes Dias; Manuela Freitas Pestana; Maria Vitória Oliveira Rodrigues De Souza; Mayara Santos Bueno; Murilo Zampirolli; Nicole Grell Macias Dalmiglio; Rebeca Lopes; Renan Papale; Rodrigo Batista Rodrigues Dos Anjos; Vinícius De Araújo Santos; Vitória Mayu Sugimoto

Sumário

Apresentação 7

África Do Sul 9

Política Sul-Africana 10

Partidos Sul-Africanos 10

Economia Sul-Africana 11

Relação Brasil-África Do Sul 11

Alemanha 14

Angela Merkel 15

A Alemanha Pós-Angela Merkel 16

Relação Brasil E Alemanha 16

Arábia Saudita 20

Aspectos Economicos E Políticos 21

Brasil-Arábia Saudita 23

Austrália 26

Economia E Sociedade 26

Aspecto Militar E Geopolítica 27

Conjuntura Atual: Seca, Inundação E Eleições 28

Chile 30

Contexto Politico E Economico 31

Brasil-Chile 33

China 36

Guerra Comercial 43

Perspectivas Futuras 46

Egito 52

Crise Política 52

Governo De Sissi 54

Relações Com O Brasil 55

Estados Unidos 58

Guerra Comercial 60

Venezuela 63

México 66

Perspectivas Eleitorais (Candidatos E Plataformas) 68

França 74

Economia Geral 75
Crise Política 75
França E Brasil 76
Índia 79
Eleições 2019 81
Cenário Político Indiano 83
Cenários: Brasil-India 85
Indonésia 88
Indonésia-Brasil 88
Israel 92
Conjuntura Política 93
Relação Brasil – Israel 94
Cenários 95
Itália 98
Relevância Política E Econômica 98
Relação Brasil-Itália 100
Eleição Parlamentar Europeu 101
Moçambique 104
Trajetória Política 104
Ideologia Dos Partidos 106
Aspectos Econômicos Gerais 106
Relação A China 107
Brasil-Moçambique 107
Nigéria 110
Relevância Econômica E Militar Na Nigéria 112
Brasil-Nigéria 114
Perspectiva Do Governo Bolsonaro Para A Nigéria 114
Paraguai e Uruguai 118
Importância Regional 119
Questão De Itaipu 120
Eleições No Uruguai 121
Peru 125
Importância Regional E Econômica 125
Brasil-Peru 127
Portugal 130

Caráter Econômico E Político 131
Questões Militares 132
Portugal Na Ue 134
Brasil - Portugal 134
Reino Unido 137
O Caminho Para O Brexit 137
Brexit 139
Brasil – Reino Unido 144
Rússia 148
Geopolítica 149
Brasil-Rússia 152
Suíça 155
Lava Jato E Cooperação Com O Brasil 156
Venezuela 162
Chavismo 162
A Crise 163
Relações Brasil-Venezuela 165

Apresentação

Daniel Rei Coronato

O ano de 2019 possivelmente passará para a história como um dos momentos determinantes da trajetória política, econômica e social brasileira. A vitória de Jair Messias Bolsonaro (PSL) representou um marco na longa crise que o país experimenta pelo menos desde de 2013, quando se iniciou o ciclo de convulsões sociais, recessão e instabilidade que embaralharam o horizonte, e representaram o fim de um período comandado pelo duopólio dos dois partidos mais importantes desde a redemocratização.

O presidente Bolsonaro buscou durante a campanha defender uma alteração completa no *status quo,* dando voz aos grupos de indignados com os escândalos de corrupção e com as vicissitudes do presidencialismo de coalização. Associando um discurso conversador no plano moral com o liberalismo econômico, conseguiu emergir de candidato pouco viável, em razão da ausência de uma estrutura partidária sólida, a uma posição de grande interlocutor para parte importante do eleitorado que rejeitava a possibilidade da volta do Partido dos Trabalhadores ao poder, usando de maneira hábil as mídias sociais e mecanismos não tradicionais de propaganda política.

Apesar de expressiva votação, Bolsonaro não foi capaz de vencer a eleição no primeiro turno. A campanha marcada pela ausência de debates, e na aspereza com que as narrativas foram construídas, ajudou a consolidar a imagem de *outsider* e liderança carismática do atual presidente, em especial após o atentado que o então candidato sofreu em ato de campanha na cidade de Juiz de Fora (MG). Não obstante, a margem por ele conquistada no segundo turno expos a ampla clivagem social no Brasil, representada pela votação de Fernando Haddad (PT) e no número contundente de votos brancos, nulos e abstenções.

Desde o início do governo, Bolsonaro tem buscado se cercar de figuras fortes, como os ministros Paulo Guedes e Sérgio Moro, além de anunciar uma nova fase na relação entre o Executivo e o Congresso, anunciada como uma proposta de interação que seria marcada pela ausência de trocas de cargos por aprovação de matérias pelos legisladores. O número crescente de escândalos, os tropeços no campo da comunicação e a errática base na Câmara e Senado, até então demonstram os limites dessa estratégia. Associados ao desempenho econômico insatisfatório, de baixo crescimento e muito desemprego, o governo ainda não foi capaz de colocar em movimento sua agenda de campanha, em especial pela dificuldade de aprovar a autoproclamada grande bandeira da gestão: a Reforma da Previdência.

No campo da política externa esse novo momento também significou uma redefinição do modelo de inserção internacional do país, sendo possível verificar seus efeitos inicias já nos primeiros meses de governo. O chanceler Ernesto Araújo alterou profundamente a condução das relações exteriores do país, guiado por uma visão de mundo pautada por critérios radicalmente diferentes dos governos FHC, Lula, Dilma e Temer. Associado à pauta do 'Globalismo', e da redefinição do modelo de aproximação do Brasil com os Estados Unidos, Araújo tem sido um dos elos mais destacados do governo Bolsonaro, em especial por materializar diversas ideias expostas antes e durante a campanha.

A alteração na condução da diplomacia brasileira acontece em paralelo com uma mudança profunda na geografia do poder mundial, marcado pela emergência de novas pautas e disputas no campo social e político. Desde os Estados Unidos até a China, passando pela União Europeia e pelo sul global, poucas são as regiões que não vêm experimentando intensas transições, evidenciando um mundo em transformação que caminha entre movimentos (neo)populistas e/ou de contestações da ordem democrática, além de instabilidades significativas em diversas localidades importantes para a estabilidade global.

Esse novo momento é decisivo para o Brasil, e os efeitos das ações e formulação atuais devem ecoar por décadas. Como nenhum país é uma ilha, a intenção dessa iniciativa é olhar para o cenário presente e as perspectivas dos mais importantes países do mundo, buscando conjeturar acerca dos dilemas que existem ou podem vir a emergir nessas localidades. Esse foi o desafio proposto e realizado pela equipe do Observatório de Análise de Conjuntura Internacional, associada ao Laboratório de Relações Internacionais (LARI), procurando trazer um material capaz de elucidar o momento atual do Brasil no mundo.

Boa leitura!

África do Sul

Larissa Lima Barros

A África do Sul é um país localizado na região Subsaariana do continente africano e divide fronteiras com o Zimbábue, Botsuana, Namíbia, Moçambique, Suazilândia e Lesoto. O sistema político é uma república parlamentar e sua constituição está vigente desde 1994 sancionada pelo então presidente Nelson Mandela. Possui três capitais: Cidade do Cabo, como capital legislativa, Pretória, capital administrativa e Blemfonteiné, capital judiciária e é dividida em nove províncias.

Assim como a maioria dos países presentes no continente Africano, a história da República da África do Sul é cercada de conflitos em relação à colonização, racismo institucional e economia turbulenta. O país possui um dos mais antigos sítios arqueológicos do mundo e é denominada, segundo a UNESCO, como o Berço da Humanidade. Os primeiros registros da África do Sul são referentes à colonização holandesa em meados do século XVII e pela colonização britânica subsequente, período no qual se passa a maioria dos conflitos étnicos, culturais e raciais, incluindo as guerras em relação ao diamante recém-descoberto do território sul-africano já entre o século XIX e XX.

Vale lembrar que durante este período os negros – fora da Cidade do Cabo – não tinham direito ao voto, ou seja, o regime colonial era, em seu cerne, extremamente racista. Com a criação de bases legais para o apartheid que se mantiveram constantes até o final do século XX, o desenvolvimento das políticas segregacionistas chegou ao ponto de terem proibições de casamentos, divisões de terras, banheiros e afins.

O *apartheid* é o momento sul-africano mais referenciado, uma vez que causou impactos não só na comunidade interna – com o aumento da violência e de resistência – mas também em esferas internacionais. Tendo o Conselho Nacional Africano, ANC, na sigla em inglês, como líder e a presença de Albert Lutuli e Nelson Mandela – ambos ganhadores do Nobel da Paz por seus esforços – o partido endureceu e se militarizou após o Massacre de Sharpeville e, como forma de retaliação, o governo sul-africano baniu o ANC e prendeu Nelson Mandela. Vale lembrar que, durante este período, todos os países-membros da

ONU já haviam rompido grande parte de suas relações políticas-econômicas e até mesmo militares devido às práticas racistas ocorridas. O país estava isolado e sendo boicotado em diversos setores, como por exemplo na restrição em eventos internacionais e em times esportivos – inclusive, o país apenas participou da Copa do Mundo após a abolição do *apartheid*.

Política Sul-africana

Após o fim do apartheid, Mandela tornou-se presidente da África do Sul e realizou diversas ações afirmativas, governando até o final do século XX. Desde então, todos os presidentes do país são do ANC, elucidando o quão impactante o primeiro governo na democracia igualitária foi para o país. Contudo, o penúltimo representante – Jacob Zuma, que estava no governo desde 2009 – renunciou por pressão do próprio partido devido às diversas acusações de corrupção – e seu vice, Cyril Ramaphosa assumiu o poder até as próximas eleições, ficando como interino pelo período de pouco mais de um ano.

Zuma sofreu mais de 800 denúncias de corrupção em relação a contratos de armas durante os anos de 1990, além de denúncias relativas à fraude, agressão e lavagem de dinheiro. Foi notado também a prisão de diversos assessores mais próximos e integrantes da família indiana Gupta, na qual é dona de um grande conglomerado de empresas que vão desde aviação civil até mineração e são extremamente próxima de Zuma, sob alegação de usarem seu dinheiro para influenciarem a política interna, obtendo contratos públicos ilícitos e de escolherem líderes e cargos públicos. Apesar da intensa pressão oriunda do partido, o então presidente fez diversas presenças nos jornais sul-africanos mostrando sua insatisfação e a sensação de injustiça que perpassa sua renúncia.

A reeleição de Cyril Ramaphosa foi cercada de novidades, como a menor porcentagem de votos desde o apartheid – lembrando que, na África do Sul, a votação não é obrigatória – o que demonstra o descontentamento geral com a política e o distanciamento com o governo ANC. Há inclusive diversos problemas internos que são extremamente similares ao Brasil, como a extrema desigualdade de renda – no índice GINI, a África do Sul é considerada o país mais desigual do mundo –, a recessão econômica e uma exorbitante taxa de desemprego, excluindo o discurso anticorrupção no qual Cyril Ramaphosa foi eleito.

Partidos Sul-Africanos

É importante lembrar como é o funcionamento da democracia na África do Sul. No caso, a votação no país é feita por partidos para os cargos nacionais e provinciais, não sendo possível a votação em indivíduos como no Brasil e, são eleitos 400 representantes para a Assembleia Nacional. Logo, os membros são escolhidos pelo partido e os mesmos elegem o presidente do país para o mandato de cinco anos.

O ANC – partido no poder desde Nelson Mandela – é diretamente ligado com o fim da segregação racial e este é um dos motivos pelo qual o mesmo segue em alta. Possui uma aliança

com o Partido Comunista Sul-africano e com o Congresso dos Sindicatos Sul-africanos – também conhecido como aliança tripartite, na qual sofreu recentes protestos internos acerca dos temas escolhidos e da falta de mobilização sobre a classe trabalhadora sul-africana. Seu principal opositor é a Aliança Democrática, partido de conotação centrista com discurso contra a corrupção e historicamente sendo um partido de brancos que anteriormente eram contra o apartheid. Há também a presença dos Combatentes da Liberdade Econômica – EFF – que é um partido em ascensão caracterizado por ser de extrema-esquerda e lutar pela emancipação econômica do país.

Economia Sul-Africana

A economia sul-africana é focada nos ramos de mineração, energia, turismo, agricultura e transporte. Suas importações são baseadas na compra de máquinas e eletrônicos, metais e produtos têxteis, enquanto as exportações se concentram em minerais, máquinas, metais preciosos, como diamante, produtos de metais e afins. Os países parceiros, tanto de importação quanto de exportação são a China, Alemanha, Índia, Estados Unidos e o Japão, importante notar que em ambos os setores nem o Brasil nem a Rússia são os mais relevantes para a economia do país.

O PIB é cerca de 348 bilhões – segundo censo de 2017 – e é o terceiro maior PIB de todo continente Africano, atrás do líder Egito e da Nigéria. Os principais desafios para a economia sul-africana perpassam o alto nível de desemprego – que beiram os 27% –, a grande disparidade de riquezas e a corrupção que assola o país. Seus gastos militares variaram pouquíssimo durante os últimos 6 anos, entre 1.07% a 1.13%, tendo como enfoque a questão de imigração do país, ou seja, questões fronteiriças.

Relação Brasil-África Do Sul

Com relação ao Brasil, ambos os países possuem relações políticas-comerciais desde anteriormente do período do apartheid, contudo, como todos os outros países que mantinham relações com a África do Sul, tal associação foi distanciada devido a políticas antirracistas brasileiras. Com a presença de Nelson Mandela e o fim da segregação, o Brasil juntou seus esforços principalmente no governo Lula, com políticas na área de saúde – em especial de HIV-AIDS que assolava o país sul-africano – e a criação do IBAS – Fórum de Diálogo Índia-Brasil-África do Sul – que estreitou os laços políticos, estratégicos e econômicos. A entrada do país no BRICS – grupo político de cooperação no qual até então continham o Brasil, Rússia, Índia, China

– firmou as correlações entre todos os países no âmbito desenvolvimentista.

Com a recém eleição do presidente Jair Bolsonaro no Brasil e o afastamento do grupo supracitado, o novo presidente sul-africano demonstrou temor para com os próximos passos do líder brasileiro. Declarações de Cyril Ramaphosa declarando que a África do Sul estava mais de acordo com as políticas do PT denota uma insatisfação com a guinada aos Estados Unidos e Israel, principalmente sobre o suposto acordo com a OCDE – Organização de Cooperação e Desenvolvimento Econômico.

Referências

ÁFRICA NEWS. Main political parties in south Africa's election. Disponível em: <https://www.Áfricanews.com/2019/04/30/main-political-parties-in-south-África-s-election/>. Acesso em: 31 mai. 2019.

AGÊNCIA BRASIL. África do sul diz que eventual afastamento do BRICS prejudicará brasil. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2018-11/África-do-sul-diz-que-eventual-afastamento-do-brics-prejudicara-brasil>. Acesso em: 30 mai. 2019.

CIA. The world factbook: south África. Disponível em: <https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/sf.html>. Acesso em: 31 mai. 2019.

DCI. Política externa pode afastar brasil de parceiros no brics. Disponível em: <https://www.dci.com.br/neg%c3%b3cios/politica-externa-pode-afastar-brasil-de-parceiros-no-brics-1.796309>. Acesso em: 31 mai. 2019.

DEMOCRATIC ALLIANCE. Why the da?. Disponível em: <https://www.da.org.za/why-the-da>. Acesso em: 31 mai. 2019.

EFF ONLINE. Background of the economic freedom fighters. Disponível em: <http://www.effonline.org/abouteff>. Acesso em: 31 mai. 2019.

FERRARO, Francine; GRECHI, Patrícia Assoni. RELAÇÕES BILATERAIS ENTRE BRASIL E ÁFRICA DO SUL: DO PERÍODO COLONIAL À POLÍTICA ÁFRICANA DO PRESIDENTE LULA. Revista Perspectiva, Rio Grande do Sul, v. 7, n. 13, ago./set. 2014.

O GLOBO. Brasil é o 10º país mais desigual do mundo. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/economia/brasil-o-10-pais-mais-desigual-do-mundo-21094828>. Acesso em: 31 mai. 2019.

PENNA FILHO, Pio. África do Sul e Brasil: diplomacia e comércio (1918-2000). Rev. bras. polít. int., Brasília, v. 44, n. 1, p. 69-93, Junho 2001. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-73292001000100006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 31 de maio de 2019

THE NEW YORK TIMES. South África's biggest trade union pulls its support for a.n.c. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2013/12/21/world/África/south-Áfricas-biggest-union-pulls-support-for-anc.html>. Acesso em: 31 mai. 2019.

THE OBSERVATORY OF ECONOMIC COMPLEXITY. Ranking da complexidade económica da áfrica do sul. Disponível em: <https://atlas.media.mit.edu/pt/profile/country/zaf/>. Acesso em: 31 mai. 2019. THE WORLD BANK. South África. Disponível em: <https://data.worldbank.org/country/south-África>. Acesso em: 31 mai. 2019.

TRADING ECONOMICS. South África. Disponível em: <https://tradingeconomics.com/south-África/indicators>. Acesso em: 31 mai. 2019.

Alemanha

Bianca Thomaz Rossi

A Alemanha está localizada no continente Europeu, mais precisamente na Europa Central, e faz fronteiras ao norte com o mar do Norte, Dinamarca e pelo mar Báltico, a leste pela Polônia e pela República Checa, a sul pela Áustria e pela Suíça e a oeste pela França, Luxemburgo, Bélgica e Países Baixos. Possui a segunda maior população regional, com cerca de 80,4 milhões de habitantes, estando entre as 20 maiores populações mundiais. A taxa de natalidade é decrescente em 0,17%. Seus principais recursos naturais que possuem papel significante na economia são carvão, lignito, gás natural, minério de ferro, cobre, níquel e urânio. (CIA, 2019)

Por possuir a maior economia do continente e a quinta maior do mundo, a Alemanha é peça chave nas discussões econômicas, políticas e na segurança continental. Seu PIB é constituído por 0,7% de agricultura, 30,7% das indústrias que abrangem a manufatura e construções e 68,6% de serviços que cobrem atividades governamentais, comunicação, e todas as outras atividades econômicas privadas que não produzem bens materiais. (CIA, 2019)

O país é a segunda maior economia de exportação no mundo, sendo seus principais produtos os carros, peças de veículos e medicamentos embalados, tendo como principal destino os Estados Unidos, a França e China. Na importação, seus principais países de origem são China, Holanda e França, tendo como produtos principais os carros e as peças de veículos. (OEC, 2017)

Os gastos militares da Alemanha são baixos em comparação a outros países do mesmo patamar de desenvolvimento econômico. No último levantamento feito pelo site da CIA em 2018, o país gastou cerca de 1,24% do PIB, sendo 92º num ranking de 155 países. A prestação do serviço é voluntária dos 17 aos 23 anos de idade tanto para homem quanto para mulher, com tempo de serviço de 8 a 23 meses ou 12 anos. Algumas ramificações militares existentes na Alemanha são as Forças Armadas (Bundeswehr), Marinha (Deutsche marine) e a Força Aérea (Luftwaffe).

O sistema político alemão não é um parlamentarismo convencional. O presidente, mesmo que seja o chefe de estado, possui apenas um poder simbólico que lhe garante assinar acordos e tratados internacionais. Quem realmente exerce o poder, e lida com as questões de política externa, é o chefe de governo denominado chanceler federal, cargo atualmente ocupado por Angela Merkel. Existem sete partidos que possuem representação na Bundestag (parlamento alemão), o que se encontra atualmente sendo representado pela chanceler federal é o União

Democrata Cristã (CDU), que possui um viés conservador e se considera “popular de centro”.

Angela Merkel

No cargo de chanceler alemã desde 2005, Angela Merkel possui alguns marcos importantes nesses quase 14 anos de governo, tornando-se uma das líderes mais influentes do mundo. O fim do serviço militar obrigatório foi um dele. Sua obrigatoriedade existia desde 1957, com a recrutação de jovens em períodos que variaram de 6 até 18 meses. A proposta para que se tornasse um serviço voluntário foi aprovada em julho de 2011, abrindo caminhos para Forças Armadas mais enxutas e buscando reduzir o envio de suas forças militares para países em guerra. (DW, 2010)

Em 26/08/2015, durante visita ao centro de acolhimento de Heidenau, leste do país, palco de violentos protesto de radicais de direita realizados no final de semana que antecedeu a visita, a chanceler assegurou que a Alemanha não iria mais tolerar ataques xenofóbicos, classificados pela mesma como “vergonhosos” contra os refugiados. Vaiada e sendo chamada de “traidora do povo”, Angela Merkel apelou para que os cidadãos alemães repugnassem qualquer forma de pregação do ódio para com o próximo: "Quanto mais pessoas tornarem isso claro, no seu trabalho e nas conversas com conhecidos, amigos e familiares, mais fortes e mais capazes seremos de lidar com a tarefa de acolher refugiados". (DW, 2015)

Em 2011, uma reunião da coalizão do governo alemão, declarou por meio do então ministro do Meio Ambiente na época, Norbert Rottgen, o fechamento de todas as usinas nucleares do país até o ano de 2022. A chanceler alemã Angela Merkel sofrendo pressão popular, viu a Alemanha conviver com muitos protesto contra a energia nuclear após os incidentes ocorridos em Fukushima no Japão, com isso, resolveu adotar políticas em busca de uma energia mais sustentável. (BBC, 2011)

Provavelmente um de seus maiores feitos na história da Alemanha tenha sido a implementação da política de portas abertas, que se destina a abrigar os imigrantes e refugiados. A decisão tomada em 2015 rendeu alguma críticas internas e de outros governos europeus, gerando um enfraquecimento de popularidade da chanceler e de seu partido. O ocorrido favoreceu também um aumento no apoio ao partido de extrema-direita, Alternativa para a Alemanha (AfD). Mesmo assim, Angela Merkel diz que a decisão tomada foi a correta a se fazer no momento e que pensou de forma humanitária.

A Alemanha Pós-Angela Merkel

A chanceler alemã declarou em 29/10/2018, após 13 anos de mandato, que não irá concorrer novamente à liderança do governo em 2021 e nem se candidatará para um novo mandato, na presidência de seu partido (CDU), após o mesmo ser derrotado nas eleições regionais em Hessen, onde saiu enfraquecida ao perder 11 pontos em relação ao pleito anterior.

Existem algumas possibilidades de sucessores para seu cargo de chanceler, das mais diferentes vertentes políticas e ideológicas. Os nomes mais cotados são o da secretária do partido, Annegret Kramp-Karrenbauer, a favorita de Merkel, que já foi escolhida como sua sucessora na presidência do partido. Apesar de conservadora no plano social e próxima de Merkel em questões ligadas a economia, um hipotético governo de Kramp-Karrenbauer seria mais ligado às pautas culturais e de externa do que o atual. (DN, 2018)

O concorrente direto de Annegret Kramp-Karrenbauer é o advogado corporativo Friedrich Merz, que está fora da política ativa há quase uma década, após ter sido deixado de lado no próprio início de governo de Merkel. Caso Merz venha a ser o eleito, isso irá demonstrar certa forma de repúdio a atual chanceler alemã, visto que sua forma de governo se inclinaria mais para a direita conservadora. Apesar de o favoritismo estar do lado de Kramp-Karrenbauer, Merz recebeu alguns sinais positivos em reuniões com prefeituras realizadas pelo país desde que Angela Merkel anunciou que se afastaria do mundo político. (GAZETA DO POVO, 2018)

As eleições parlamentares ocorridas por toda a Europa dos dias 23 á 26 de maio deste ano, levou o título de 2º maior eleição democrática do mundo perdendo apenas para a Índia. As eleições mostraram que os partidos centristas, como o de Angela Merkel, estão perdendo sua popularidade e vendo os jovens partidos verdes emergirem justamente tendo uma forte ligação com o público jovem, onde a cada 3 jovens 1 votou nos partidos de causas ambientais.

RELAÇÃO BRASIL E ALEMANHA

Embora tenha parabenizado a candidatura de Jair Bolsonaro, e dito aguardar que a cooperação entre os países continue fundamentada nos valores democráticos, em 12/12/2018 a chanceler alemã Angela Merkel disse que Bolsonaro iria dificultar o acordo entre a UE e o Mercosul, apesar de o então Ministro da Agricultura, Blairo Maggi dizer na época que o Mercosul estava preparado e o acordo só não foi acertado porque a UE não queria. (G1, 2018)

Bolsonaro disse ser mais adepto de acordos bilaterais do que se ligar a grupos multilaterais, como no caso exposto. O acordo com a UE consistiria em os países constituintes do Mercosul receberem uma maior abertura do mercado europeu para produtos agrícolas e a UE oferece um sistema de frações para produtos como carne de frango, bovina, etanol e arroz.

Entretanto há alguns pontos que não entraram em consenso, tendo em vista que os países negociam desde 2000, como o volume das frações e a velocidade de implantação. (G1, 2018)

Diante de uma relação bilateral de desapreço entre os países, no dia 29/04 deste ano o então Ministro do Exterior alemão Heeiko Maas, realizou a primeira visita de um membro do governo de Merkel ao presidente Jair Bolsonaro. A visita foi marcada pelo momento delicado em que se encontram as relações entre Brasília e Berlim que há tempos são ligadas por uma estreita cooperação econômica onde empresas alemãs como Volkswagen e Mercedes são consideradas um dos pilares da indústria brasileira. (DW, 2019)

Houve um encontro com ativistas, onde a principal pauta era o fortalecimento dos direitos das mulheres. Depois de se reunir com o ministro no Palácio do Itamaraty, o chanceler brasileiro Ernesto Araújo declarou que a implantação de uma parceria entre os países é mais do que necessária, visto que o momento que o Brasil passa é favorável à abertura econômica e a competitividade. (DW, 2019)

Desde a eleição de Bolsonaro, as relações entre os países esfriaram e houve até um pedido onde um partido de esquerda exigiu de Angela Merkel que fossem cortadas as parcerias estratégicas com o Brasil. A motivação seriam os posicionamentos controversos do atual presidente do país no quesito dos direitos humanos. Para os membros do partido Die Linke, a ordem de Bolsonaro de comemorar o golpe de 1964 foi o ápice, onde o chamando de fascista, o partido indicou que o “engajamento político hoje no Brasil pode colocar a vida em risco”. (REVISTA FORUM, 2019)

Em visita a Jerusalém neste ano, Bolsonaro após questionado por jornalistas declarou "Não há dúvidas (de que foi um movimento de esquerda), Partido Nacional Socialista da Alemanha’, aludindo ao nome oficial do partido liderado por Adolf Hitler. A classificação vai de acordo com o posicionamento expresso pelo ministro das Relações Exteriores, Ernesto Araújo. (BBC, 2019)

A declaração não foi bem vista pelos políticos que compõem o Parlamento alemão, que condenaram a posição do presidente e do ministro das Relações Exteriores.

O porta-voz de política externa do Partido Verde, Omid Nouripour, condenou as declarações. "Isso é uma distorção e falsificação massiva da verdade histórica. A tentativa de desacreditar a esquerda com esse absurdo é uma manobra concertada internacionalmente pela extrema direita para desviar a atenção de sua política vazia, porém, desumana", disse. (DW, 2019)

Peter Weiss, da conservadora CDU, lembrou que o partido nazista em seu início tinha uma ala socialista, que progressivamente foi eliminada. "O nazismo não foi um ‘movimento de

esquerda', mas um movimento nacionalista, völkisch e racista, que conduziu a uma catástrofe na Alemanha e Europa", afirmou o deputado, que também faz parte do grupo parlamentar alemão responsável por cultivar as relações com o Congresso brasileiro. (DW, 2019)

Quando questionado sobre o ocorrido, o porta-voz da chanceler alemã, Steffen Seibert, preferiu se conter as declarações de Bolsonaro, entretanto afirmou que a posição do governo alemão em relação ao nazismo é bem clara. "Há anos e décadas existe uma convicção muito sólida que nos sustenta e sustenta todo nosso país", destacou. (DW, 2019)

Referências

BBC. Alemanha anuncia fechamento de todas as usinas nucleares até 2022. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2011/05/110530_alemanha_nuclear_rw - acesso em: 23/05/2019.

BBC. Bolsonaro defende discurso sobre Ustra e 'nazismo de esquerda' no último dia em Israel. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/brasil-47794953 - acesso em: 30/05/2019.

CIA. The World FactBook - Germany. Disponível em : https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/gm.html - acesso em: 23/04/2019.

DW. Alemanha reduz Forças Armadas e suspende serviço militar obrigatório. Disponível em : https://www.dw.com/pt-br/alemanha-reduz-for%C3%A7as-armadas-e-suspende-servi%C3%A7o-militar-obrigat%C3%B3rio/a-6316482 - acesso em: 23/05/2019.

DW. Vaiada, Merkel pede que alemães combatam xenofobia. Disponível em: https://www.dw.com/pt-br/vaiada-merkel-pede-que-alem%C3%A3es-combatam-xenofobia/a-18673459 - acesso em: 23/05/2019.

DW. Ministro do Exterior alemão visita Brasil em turnê pela América Latina. Disponível em: https://www.dw.com/pt-br/ministro-do-exterior-alem%C3%A3o-visita-brasil-em-turn%C3%AA-pela-am%C3%A9rica-latina/a-48524719 - acesso em: 30/04/2019.

DN. Annegret Kramp-Karrenbauer. A sucessora de Merkel garante que é muito mais do que "uma cópia". Disponível em - https://www.dn.pt/mundo/interior/annegret-kramp-karrenbauer-a-sucessora-de-merkel-garante-que-e-muito-mais-do-que-uma-copia-10291730.html - acesso em: 27/05/2019.

DW. Partidos alemães condenam absurdo de Bolsonaro sobre nazismo. Disponível em: https://www.dw.com/pt-br/partidos-alem%C3%A3es-condenam-absurdo-de-bolsonaro-sobre-nazismo/a-48221777 - acesso em: 13/04/2019.

DN. Annegret Kramp-Karrenbauer. A sucessora de Merkel garante que é muito mais do que "uma cópia". Disponível em - https://www.dn.pt/mundo/interior/annegret-kramp-karrenbauer-a-sucessora-de-merkel-garante-que-e-muito-mais-do-que-uma-copia-10291730.html - acesso em: 27/05/2019.

G1. Governo Bolsonaro tornará mais difícil acordo entre UE e Mercosul, diz Angela Merkel. Disponível em: https://g1.globo.com/economia/noticia/2018/12/12/governo-bolsonaro-tornara-mais-dificil-acordo-entre-ue-e-mercosul-diz-angela-merkel.ghtml - acesso em: 27/05/2019.

GAZETA DO POVO. Os dois nomes mais cotados para substituir Merkel na liderança da CDU. Disponível em: https://www.gazetadopovo.com.br/mundo/os-dois-nomes-mais-cotados-para-substituir-merkel-na-lideranca-da-cdu-5fa2kxjijekktx5lmflktdsxr/ - acesso em: 27/05/2019.

PODER360. Sucessora de Merkel, Annegret Kramp-Karrenbauer é eleita presidente da CDU. Disponível em: https://www.poder360.com.br/internacional/sucessora-de-merkel-annete-kramp-karrenbauer-e-eleita-presidente-da-cdu/ - acesso em: 27/05/2019.

PUBLICO. Alemanha questiona-se sobre como será o pós-Merkel. Disponível em: https://www.publico.pt/2018/10/31/mundo/noticia/alemanha-questionase-sera-posmerkel-1849420 - acesso em: 27/05/2019.

Arábia Saudita

Gabriela Nunes da Silva

A Arábia Saudita, ou Reino da Arábia Saudita, é o principal país muçulmano do Oriente Médio. O país tem uma grande importância política e econômica, além de sediar as principais cidades sagradas do Islã. Sua capital é Riade e a língua falada no território é o árabe. O país faz fronteira com Catar, Emirados Árabes Unidos, Iêmen, Iraque, Jordânia, Kuwait e Omã, portanto, é o ator mais importante do Golfo Pérsico, possuindo um papel crucial na segurança do Oriente Médio. O país recebe, anualmente, milhões de peregrinos nas cidades sagradas de Meca (onde nasceu o profeta Maomé) e Medina, uma vez que ambas são consideradas como locais sagrados para os povos mulçumanos. (ISLAMISMO, UNIÃO NET,2019)

A maior parte da população é islâmica, cerca de 92% da população. A lei islâmica aplica-se de forma rigorosa, privando as mulheres de uma série de direitos. Elas não podem mostrar o rosto, sendo obrigadas a usar o tradicional véu, como também sem o direito do voto eleitoral. O Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) da Arábia Saudita é de 0,752, sendo considerado alto. O país proporciona serviços de saúde e educação gratuitos para a população, fator que implica na esperança de vida dos Sauditas ao nascer, que é de 72 anos.

O regime de governo adotado é o de monarquia absoluta, tendo o rei como chefe de governo e estado, no qual a lei básica adotada em 1992 declarou que Arábia Saudita é uma monarquia governada pelos filhos e pelos netos do rei Abd Al Aziz Al Saud. O atual rei está desde 2015, Salman bin Abdulaziz Al Saud. Apesar disso, eleições municipais acontecem em intervalos intermitentes. (O GLOBO, 2018). Nas últimas décadas, a Arábia Saudita tem liderado o combate ao extremismo na região, além de ser um importante aliado americano, contrabalanceando a influência do Irã no Oriente Médio.

O Reino tem uma das melhores forças de defesa do Oriente Médio, formado por um exército, uma força aérea e uma marinha de guerra, totalizando mais de 478 000 combatentes. Junto ao ministério da defesa, o serviço de inteligência nacional. De acordo com o Instituto Internacional de Estudos Estratégicos esta monarquia árabe tem as forças armadas mais equipados do Golfo Pérsico, com laços estreitos com exércitos de outras nações, particularmente os Estados Unidos, Grã-Bretanha e França. Em termos de mão-de-obra, a Arábia Saudita tem pelo menos 688 000 pessoas ativas no serviço militar, com 300 000 em tropas do exército. Com uma enorme quantidade de dinheiro que a capital Riade gasta anualmente dá, ao país, as forças

armadas mais bem equipadas da região, com exceção de Israel. Riad tem uma sede paranoica para adquirir armas de destruição em massa devido a sua intriga com o Irã.

ASPECTOS ECONOMICOS E POLÍTICOS

A Arábia Saudita também é membro do Conselho de Cooperação dos Estados Árabes do Golfo Pérsico, da Organização da Conferência Islâmica, do G20 e da Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP). Isso lhe dá poder e influência significativas, em especial na segunda, a qual tem como objetivo a centralização da elaboração das políticas sobre produção e venda do petróleo dos países integrantes, junto com o estabelecimento sobre as cotas de produção para os países membros, diminuindo a oferta, fazendo o preço do produto atingir valores elevados, proporcionando maior lucratividade para os países exportadores de petróleo. (SUNO, ECONOMIA, 2018)

O grande interesse da OPEP é então controlar a produção e o preço do produto em escala global. Muitos especialistas em petróleo defenderam a entrada do Brasil na OPEP, após a descoberta de petróleo na camada pré-sal na Bacia de Santos. Esta descoberta gerou um aumento das reservas de petróleo do país. Embora não seja um grande exportador, o Brasil já está entre os 15 países com maiores reservas de petróleo do mundo. Sendo assim, a OPEP possui uma importância enorme para o Oriente Médio, por ser sua principal atividade econômica.

O país é a maior força econômica do Oriente Médio e o mais rico dos países árabes, é considerado a maior economia da região, pois em 2004 apresentou um PIB da ordem de US$ 236 bilhões .A economia saudita é quase inteiramente baseada no petróleo, o que torna o país bastante vulnerável a flutuações nas cotações do produto no mercado internacional, uma vez que abriga a maior reserva desse minério do mundo (HERITAGE, ECONOMIC FREEDOM, Arábia Saudita, 2019). Ademais, ocupa o posto de maior produtor entre todos os membros, além de produzir gás natural. Adotando o sistema de livre comércio, sem restrições, controle de quantidade ou barreiras tarifárias ao intercâmbio externo.

A Arábia Saudita é o principal mercado do Oriente Médio, arrecadando uma média de 25% do total do comércio da região. O setor petrolífero é responsável por cerca de 75% das receitas orçamentais, 40% do PIB e 90% das receitas das exportações. Os principais destinos de exportação da Arábia Saudita são a China , o Japão, a Índia, a Coreia do Sul e o Estados Unidos. (OEC, Arábia Saudita, 2019). O país é o maior fornecedor petróleo ao Brasil, com 33% do total importado.

A política de grandes obras públicas empreendidas pelo governo, como o investimento

direto estrangeiro, ajudou o país a se tornar a primeira economia regional e uma das principais no mundo. O país é bastante procurado por estrangeiros, que formam 65% da força de trabalho, porém, milhares de trabalhadores estrangeiros deixaram o país nos últimos meses, prejudicando a demanda interna e fazendo a economia encolher. (BBC BRASIL, 2018)

A estratégia do governo é recorrer ao crescimento do setor privado a fim de diminuir a dependência ao petróleo e de aumentar as oportunidades de emprego para a população, a dificuldade vem da ocorrência sob as empresas privadas que foram duramente atingidas pelos aumentos de impostos e outras medidas para reduzir o déficit orçamentário do governo, e por cotas e taxas que tornam mais caro contratar trabalhadores estrangeiros. (BBC BRASIL, 2018)

Além do mais, escassez de água e o rápido crescimento populacional atêm os esforços governamentais para aumentar a autossuficiência em produtos agrícola. A Arábia Saudita é o maior país em extensão territorial do mundo sem um único rio: quase todo o território é considerado desértico, ou semidesértico. Além disso, menos de 2% do solo tem boas condições para agricultura. Assim, agricultura é extremamente prejudicada pelas condições naturais que o país apresenta, o solo com pouca fertilidade e baixas taxas pluviométricas. No entanto, foram realizados investimentos em irrigação, impulsionando a atividade agrícola no país, a qual se baseia na produção de melancia, tomate, pepino, cenoura, cebola e, principalmente, trigo. (UDOP, 2018)

O país enfrenta problemas como o excesso de funcionários públicos, o sistema educacional incapaz de atender às necessidades da população e os frequentes caso de corrupção, ligada ao seu regime ditatorial, como no caso em que executou 37 de seus cidadãos em abril de 2019, condenados por "terrorismo", uma rara execução em massa no reino. Um dos prisioneiros chegou a ser crucificado, devido à “gravidade de seus crimes”. Não há mídia livre na Arábia Saudita e os jornalistas permanecem sob estreita vigilância, mesmo no exterior, como demonstrado pelo assassinato de Jamal Khashoggi em Istambul, na Turquia, em outubro de 2018. (BBC NEWS, 2019)

A chegada ao poder do jovem príncipe herdeiro Mohamed Ben Salmane em junho de 2017, apesar de seu discurso de abertura, intensificou a repressão. Desde 2017, o número de jornalistas e jornalistas-cidadãos atrás das grades mais que triplicou. A maioria deles está em detenção arbitrária e a tortura é quase metódica. O código penal, as leis antiterroristas e de combate à criminalidade cibernética preveem sanções ou até mesmo a prisão de jornalistas que fazem críticas ou que denunciam abusos no governo. (REPORTERES SEM FRONTEIRAS, 2019)

Classificado como um dos países culturalmente mais fechados e intolerantes do mundo, onde a religião islâmica comanda as ações e dita leis, regulamentos, comportamentos e até

influencia diretamente no modo de se vestir, se alimentar e se informar. O país ainda é um dos poucos a não reconhecerem a Declaração Universal dos Direitos Humanos, principalmente ligado a religiosidade e as mulheres que ainda possuem poucos direitos a não ser serem completamente submissas à influência dos homens.

Os meios de comunicação da Arábia Saudita estão entre os mais controlados do Oriente Médio. A rede de televisão, estatal, é comandada pelo Ministério da Informação. Antenas parabólicas são oficialmente proibidas, mas, mesmo assim, bastante utilizadas no país. Os jornais costumam seguir orientação editorial da agência de notícias estatal, a SPA. Emissoras de rádio privadas são proibidas. A exceção fica por conta da MBC FM, do sheik Walid Al Ibrahim, cunhado do rei. O governo saudita vem investindo bastante no controle do acesso aos websites considerados "indesejáveis". Mas, ainda assim, é possível ter livre acesso à internet, via Barein ou Emirados Árabes Unidos.

BRASIL-ARÁBIA SAUDITA

Arábia Saudita e Brasil estabeleceram relações diplomáticas em 1968. A Arábia Saudita possui uma embaixada no Brasil, o qual possui uma embaixada em Riade. Em maio de 2009, o ex-Presidente Luiz Inácio Lula da Silva tornou-se o primeiro Chefe de Estado brasileiro a visitar a Arábia Saudita, acompanhado por missão empresarial. O país é o principal parceiro comercial do Brasil no Oriente Médio, e é o segundo fornecedor de petróleo no mundo, atrás apenas da Nigéria.

As exportações do Brasil para a Arábia Saudita passaram a possui valor agregado, após a venda de aviões de Embraer, antes compostas exclusivamente por produtos básicos, passou a contar com maior participação de manufaturados e semimanufaturados, além disso, a Arábia Saudita foi o principal destino das exportações de carne de frango brasileiro em 2017, tornando-o o maior comprador de produtos brasileiros nos últimos anos. (G1, GLOBO, 2019). Porém em março de 2019, houve o fim dos anos dourados da exportação do frango brasileiro na Arábia Saudita, em que houve uma queda de 21% em suas compras. Fontes ligadas ao mercado árabe apontam que a retração nas vendas para a Arábia Saudita se deve a medidas internas adotadas com vistas à segurança alimentar. Isso quer dizer que o país pretende depender menos da produção externa e incentivar o mercado doméstico. Os Emirados Árabes tem como característica a compra da carne in natura produzida no Brasil para, posteriormente, agregar valor e exportar para os demais países consumidores do frango halal. Para minimizar os impactos da perda da participação da Arábia Saudita, a indústria brasileira tem contado com o crescimento do interesse da China pela carne de frango nacional. (AVICULTURA, 2019)

O plano Visão 2030 do governo saudita, pretende diversificar a economia local, buscando investimentos para as áreas de infraestrutura, negócios, recursos humanos e turismo. Acrescentando que o Brasil tem boas chances de investimentos no país árabe por meio do plano. Para um futuro, espera-se mais cooperação entre o Brasil e a Arábia Saudita, com um crescimento nos laços comerciais com potenciais investimentos, promovendo uma relação de empresas impulsionando negócios entre os países.

Diante de tudo, negociações comerciais para possuir uma boa relação com o parceiro, entende-se sobre respeitar a cultura para zelar a negociação de fundamental importância no mercado internacional, assim, recordando que para os Árabes fatores como tempo, saudação, uso do nome, mulheres, linguagem corporal, e idioma são muito importantes e devem ser considerados em uma negociação.

Referências

AVICULTURAINDUSTRIAL. Arábia SAUDITA IMPORTA MENOS FRANGO BRASILEIRO E CHINA SE TRONA PRINCIPAL MERCADO. Disponível:< https://www.aviculturaindustrial.com.br/imprensa/arabia-saudita-importa-menos-frango-brasileiro-e-china-se-torna-principal/20190314-151428-n847>. Acesso em 28 de maio de 2019.

BBC. PERFIL: ARÁBIA SAUDITA. Disponível:<https://www.bbc.com/portuguese/noticias/000000_parabiasaudita.shtml>. Acesso em 7 de maio de 2019.

INDEEX OF ECONOMIC FREEDOM. Disponível: <https://www.heritage.org/index/country/saudiarabia>. Acesso em 7 de maio de 2019.

G1. O CASO DO JORNALISTA DA ARÁBIA SAUDITA MORTO NA TURQUIA. isponível:<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2018/10/14/entenda-o-caso-do-jornalista-da-arabia-saudita-desaparecido-na-turquia.ghtml>. Acesso em 7 de maio de 2019.

G1. ARÁBIA SAUDITA BARRA IMPORTAÇÃO DE FRANGO BRASILEIRO. isponível:<https://g1.globo.com/economia/agronegocios/noticia/2019/01/22/arabia-saudita-barra-importacao-de-frango-de-5-frigorificos-brasileiros-diz-associacao.ghtml>. Acesso em 7 de maio de 2019.

UDOP. ARÁBIA SAUDITA MOSTRA QUE NÃO EXISTE LIMITES PARA AGRICULTURA. Disponível:<https://www.udop.com.br/index.php?item=noticias&cod=1169213>. Acesso em 28 de maio de 2019.

O GLOBO. PAPEL DA OPEP. Disponível: <https://oglobo.globo.com/mundo/sob-protestos-principe-saudita-tem-recepcao-amigavel-de-may-elizabeth-22465196>. Acesso em 28 de maio de 2019.

O GLOBO. PRÍNCIPE SAUDITA SOB PROTESTOS. Disponível:<https://oglobo.globo.com/mundo/sob-protestos-principe-saudita-tem-recepcao-amigavel-de-may-elizabeth-22465196>. Acesso em 7 de maio de 2019.

OEC, ARÁBIA SAUDITA. Disponível:< https://atlas.media.mit.edu/pt/profile/country/sau/>. Acesso em 7 de maio de 2019.

Austrália

Fernanda Garcez Nunes

Austrália é um país que se localiza na Oceania, é cercada pelos Oceanos Antártico, Índico e Pacífico Sul. É o sexto maior país do mundo em área a oeste do Meridiano de Greenwich, portanto, é um país do hemisfério oriental. O país tem uma população em média de 24.220 milhões de habitantes, com alta concentração na costa, especialmente ao longo da Leste e Sudeste, sendo o idioma oficial o inglês. A maioria da população reside em áreas urbanas (89%); a densidade demográfica é baixa – 2,7 habitantes por quilômetro quadrado, portanto, o país é bastante populoso, entretanto, pouco povoado.

A sociedade australiana é multicultural, isso significa que o país que acolhe a mistura de diversas culturas. Uma prova disso é a grande diversidade culinária no país. Porém é um país de colonização, exclusiva, inglesa. A primeira frota de colonizadores britânicos, conhecida como First Fleet, desembarcou em Botany Bay em janeiro de 1788, com a finalidade de estabelecer uma colônia penal. No século seguinte, os britânicos estabeleceram outras colônias formando o continente australiano. (AUSTRALIAGO, 2019)

A Austrália é um país democrático, o qual usa o parlamentarismo como forma de governo. Composto pelos três poderes: Executivo; Legislativo e Judiciário. A organização desses poderes é dividida pelas esferas Federal, Estadual e Local, sendo que cada um destes tem suas responsabilidades bem definidas. É importante lembrar que cada estado e território australiano tem sua própria constituição, parlamento, governo e leis, pois cada região do país tem os seus interesses e necessidades, já que a Austrália é um país com dimensões continentais.

A política do país gira em torno de dois principais partidos, os quais se opõem um ao outro. O Partido Liberal da Austrália e sua coalizão, que faz o papel de centro-direita no parlamento, e o Partido do Trabalhador Australiano, que faz oposição ao governo, sendo de centro-esquerda.

Economia e Sociedade

O país ocupa o terceiro lugar no ranking mundial de IDH, com 189 países, com o índice de 0,939 em 2018. Essa posição reafirma a posição da Austrália no grupo de países com desenvolvimento humano muito alto, sendo esse um dos motivos que faz com que o país seja um dos destinos mais procurados por intercambistas. (TRADINGECONOMICS, 2019)

O nível de desemprego australiano está, atualmente, com uma taxa de 5.3% em setembro

2018, o que pode ser considerado próximo do pleno emprego. De acordo com o renomado site de economia Trading Economics (2019) a tendência é que esse número melhore ainda mais nos próximos anos. Pode-se visualizar essa tendência no gráfico abaixo:

- Taxa de crescimento do PIB: 2,2% (em 2017)
- PIB (nominal): US$ 1,390 trilhão (referência 2017)
- PIB per capita: US$ 49.900 (referência ano de 2017)

As exportações principais da Austrália são Minério de Ferro ($48,2 Bilhões), Briquetes de carvão ($47 Bilhões), Ouro ($29,1 Bilhões), Petróleo ($20,3 Bilhões) e Trigo ($4,88 Bilhões), usando o 1992 revisão da classificação HS (Sistema Harmonizado). Os principais destinos de exportação da Austrália a China ($85 Bilhões), o Japão ($34,6 Bilhões), a Coreia do Sul ($18 Bilhões), a Índia ($14,8 Bilhões) e Hong Kong ($14,2 Bilhões). (OEC, 2019) A Austrália abriga três das quatro maiores exportadoras do mundo de minério de ferro. O polo de mineração de Pilbara tem depósitos de alta qualidade, que estão em demanda porque a China está procurando reduzir a poluição. (UOL, 2017).

Suas principais importações são Carros ($18,1 Bilhões), Petrolíferos refinados ($14,4 Bilhões), Plataformas de perfuração ($9 Bilhões), Equipamentos de transmissão ($7,22 Bilhões) e Caminhões de entrega ($6,8 Bilhões). As origens de importação de topo são a China ($47 Bilhões), os Estados Unidos($20,5 Bilhões), a Coreia do Sul ($18,7 Bilhões), o Japão ($16,3 Bilhões) e a Tailândia ($10,6 Bilhões). (OEC, 2019)

Aspecto Militar e Geopolítica

O alistamento no exército australiano é obrigatório depois dos 17 anos. Anova lei de 2018 afirma que em caso de guerra, mulheres também serão chamadas por obrigação. No ranking dos 15 com maiores gastos militares, a Austrália se encontra na posição de 12º lugar. (CIA, 2019)

- 2% de GDP (2016)
- 24,3bi (dólar ao ano)

A Austrália perdeu um dos seu principais e mais fortes aliados, após uma reunião entre o presidente Trump e o Primeiro-ministro Malcolm, os Estados Unidos deixaram claro que, apesar dos acontecimentos antecedentes como os principais conflitos militares do século XX (Coreia, Vietnã, Iraque e na Síria), a Austrália não terá um tratamento preferencial para continuar a aliança, assim como México ou Canadá. Porém a Austrália tem outros países aliados como o Japão, o

Brasil, o Reino Unido (comunidade britânica) etc. (ZEROHORA, 2017)

A Comunidade Britânica é uma associação entre o Reino Unido e suas antigas colônias, a qual a Austrália está presente. Os principais objetivos da Comunidade Britânica são o estabelecimento do regime político democrático, desenvolvimento socioeconômico, garantia dos direitos humanos, promover a paz, benefícios comerciais e assistência educacional nos países membros. A organização oferece apoio técnico e científico aos membros mais pobres em áreas como agricultura, indústria, energia, saúde e educação. Desde 1991, a Comunidade Britânica monitora eleições a pedido dos governos para que possíveis fraudes eleitorais não ocorram.

Conjuntura Atual: Seca, Inundação e Eleições

A Austrália sofreu umas das piores secas de todos os últimos 100 anos, em 2019, o país entrou em urgência por conta do problema que atacou quase todo o território, principalmente nas partes onde a pecuária é a principal fonte de atividade econômica, internamente e externamente. Mais da metade de toda a safra dos animais morreram e a Austrália perdeu 20% de seu comercio externo, fazendo com que os parceiros comerciais procurassem novos mercados. (REVISTAGLOBORURAL, 2019)

O período de seca teve fim após uma temporada intensa de alguns dias que inundaram as fazendas e plantações do país, perdendo também uma boa parte de sua pecuária e agricultura. A Austrália, por conta dessa sequência de acontecimentos naturais, saiu da terceira posição no ranking dos maiores exportadores bovinos do mundo, quando só estava atrás do Brasil e dos Estados Unidos.

Entretanto, esses acontecimentos afetaram também as economias de outros mercados, como um exemplo o Brasil, que pegou uma boa parte do mercado bovino da Austrália, fazendo novas relações de comercio com os parceiros australianos. (THE GUARDIAN, 2019)

Outro fator importante na Austrália nos últimos momentos, foi a eleição de 2019 que aconteceu em maio deste ano. Como um pouco mais de 50% dos votos, a direita conservadora ganhou a eleição de 2019 para a presidência parlamentarista do Estado da Austrália. A Coalizão Liberal/Nacional, liderada pelo primeiro-ministro Scott Morrison, garantiu a vitória, mesmo contrariando as pesquisas de intenção de voto. Segundo a Comissão Eleitoral Australiana, com pouco mais de dois terços dos votos contados, a coalizão tinha 73 assentos, contra 67 do Partido Trabalhista, o favorito nas enquetes.

O Brasil é o maior parceiro comercial da Austrália na América do Sul, com um comércio bilateral de mercadorias que totaliza quase R$ 2 bilhões por ano. As principais exportações da

Austrália para o Brasil são: carvão, petróleo bruto, ferro e aço. As principais exportações do Brasil para a Austrália são: equipamentos de engenharia civil, medicamentos, café e sucos.

A relação bilateral entra Austrália e Brasil se tornou mais forte no governo da Dilma Rousseff, Brasil, e a Primeira-Ministra Julia Gillard, Austrália, que fizeram maiores pactos e acordos comerciais que vingaram até hoje. A Austrália recebe uma boa porcentagem de imigrantes brasileiros, sendo eles com o intuito de estudar e se graduar no país. Parcerias com intercâmbios e trabalhos sociais também são feitos entre essa relação. Os governos, atualmente, estão alinhados e pensam em novos tipos de acordos que possam aumentar na economia de ambos países. (EBC, 2019)

Referências

AUSTRALIAGO. Sociedade. Disponível em:< https://www.australiago.com/sociedade/>. Acesso em 28 de maio de 2019.

EBC. Vitória conservadora surpreende em eleições da Austrália. Disponível em: http://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2019-05/vitoria-conservadora-surpreende-em-eleicoes-da-australia. Acesso em 28 de maio de 2019.

CIA. Factbook. Disponível em:< https://www.cia.gov/library/publications/resources/the-world-factbook/geos/as.html> Acesso em 28 de maio de 2019.

TRADING ECONOMICS. Australia/indicators. Disponível em:< https://www.australiago.com/sociedade/>. Acesso em 31 de maio de 2019.

OEC. Australia. Disponível em:< https://atlas.media.mit.edu/pt/profile/country/aus/>. Acesso em 31 de maio de 2019.

REVISTA GLOBO RURAL. Após ano de seca Australia sofre com inundações e perde 500 mil bovinos. Disponível em:< Https://revistagloborural.globo.com/Noticias/Criacao/Boi/noticia/2019/02/apos-ano-de-seca-australia-sofre-com-inundacoes-e-perde-500-mil-bovinos.html >. Acesso em 28 de maio de 2019.

THE GUARDIAN. Australian politics. Disponível em :< https://www.theguardian.com/australia-news/australian-politics>. Acesso em 28 de maio de 2019.

UOL. Austrália registra exportação de minério de ferro quase recorde. Disponível em:< https://economia.uol.com.br/noticias/bloomberg/2017/10/04/australia-registra-exportacao-de-minerio-de-ferro-quase-recorde.htm>. Acesso em 31 de maio de 2019.

ZEROHORA. Trump surpreende Austrália, que se pergunta sobre aliança com EUA. Disponível em :< https://gauchazh.clicrbs.com.br/mundo/noticia/2017/02/trump-surpreende-australia-que-se-pergunta-sobre-alianca-com-eua-9712669.html>. Acesso em 28 de maio de 2019.

Chile

Ana Luísa Martins Cortes

A República do Chile, nação cujas demarcações territoriais estão localizadas ao Sul da América do Sul, delimita suas fronteiras com o Peru ao norte, Bolívia ao nordeste e Argentina ao leste. Nesse território, sua posição estratégica em relação as rotas marinhas entre os oceanos Atlântico e Pacífico proporciona benefícios à sua economia. Compreende em seu território a Ilha de Pascoa, o isolado território renomado por sua importância histórica no continente sul americano, construído pela civilização Rapa Nui. Registra a concentração de 90% da população em torno da capital, Santiago; o extremo norte, onde está localizado o deserto da Atacama, e extremo sul são relativamente pouco povoados. Em recursos naturais, é responsável por um terço da extração mundial de cobre, o equivalente a cerca de 5,6 milhões de toneladas anuais; arrecadam cerca de US $ 69,23 bilhões anuais com exportações de cobre, frutas, papel e poupa, produtos químicos e vinho. Os principais aliados a tais relações comercias são a China, EUA e Japão.

O contexto histórico denotado a nação chilena evidencia a herança política do seu período ditatorial. O golpe militar liderado pelo general Augusto Pinochet, marcou o país pelas suas reformas econômicas mantidas desde a década de 1980; medida que contribuiu para o crescimento estável, redução nas taxas de pobreza da população e a “consolidação democrática”.

Chegado ao fim da era Pinhochet, Patricio Aylwin assume a presidência em 1990 e logo estabelece como prioridade a manutenção do “entendimento nacional” e a “preservação dos equilíbrios macroeconômicos”; também preserva as estruturas econômicas da ditadura e suas políticas públicas, que mesmo sendo submetidas a mudanças graduais, se mantiveram. Para conservar o crescimento econômico chileno, o governo desenvolveu reformas a fim de conquistar a confiança dos empresários, logo, acatando a decisão política da nova gestão de dar continuidade ao modelo neoliberal, o qual tutelava o rumo da nação (MARTINS, 2016).

No início dos anos 2000, o Chile enfrentou uma crise interna decorrente a saturação das políticas de Pinochet, a qual conduziu o país por muitos anos. O espectro da desigualdade social, juntamente ao aumento no nível de desempregados, proferiu à comunidade internacional uma

visão instável da política nacional. Assim, perante o cenário sinuoso em que o Chile estava imerso, Michele Bachelet, a recém eleita presidente, conseguiu grande popularidade em seu governo, o desejo por inovações politicas a tornou símbolo das mudanças socias esperadas. Bachelet contornou a situação econômica, mesmo com os efeitos da crise mundial, implementando politicas diretamente voltadas ao mercado externo, elevou o preço do cobre a aproximou o Chile dos países latinos, exercendo assim a presidência da Unasul.

Entretanto, manifestações em prol da educação que ocorreram em seu governo, indicavam a carência do sistema educacional e a contrariedade dos estudantes perante as políticas públicas relativas a privatização do ensino e a permanência das velhas políticas ocasionou o desequilíbrio do Estado perante a urgência de adaptações ao sistema econômico do novo século (MARTINS, 2016).

Hoje, o país passa por uma transição demográfica decorrente ao envelhecimento da população que apresenta baixas taxas de mortalidade; situação que reflete os efeitos econômicos do modelo previdenciário adotado por Pinochet, o que tem mostrado seus efeitos com a primeira geração a experimentar a vigência do modelo previdenciário implementado nos anos passados.

CONTEXTO POLITICO E ECONOMICO

Em seu contexto político, a reeleição do empresário Sebastián Piñera, atual presidente da República Chilena através do partido Renovação Nacional, significou a comemoração do mercado perante a promessa de redução de impostos para empresas de 7% para 25%. Representante da centro-direita "Vamos Chile", o presidente eleito trabalhou para reunir os votos chilenos ao acenar favoravelmente às mudanças sociais de sua antecessora, Michelle Bachelet, do Partido Socialista do Chile; com isso, Pinera promoveu o desmanche ideológico que rondava sua campanha à candidatura (ESTADÃO, 2017).

Contudo, em sua política atual, o trânsito entre o foco das políticas externas e a crise das políticas públicas, despertam conflitos na classe popular chilena. A crise previdenciária tomou proporções internacionais diante as notícias sobre a situação crítica dos idosos chilenos, o modelo adotado durante a ditadura de Pinochet , foi motivo de protestos na capital chinela quando evidenciou, em seus primeiros contribuintes, seus déficits e divergências. Piñera reconheceu a urgência na promoção de uma reforma que auxilie os beneficiários do modelo vigente, a fim de reforçar o pilar solidário e trazer aos idosos melhores condições; tramita no congresso a proposta para sua reforma, esta possui o apoio declarado do presidente, fora a pressão social em forma de

protestos e críticas.

Acompanhada à crise previdenciária, o setor de saúde e educação também se encontram em conflito; as recorrentes manifestações, principalmente de estudantes, têm reivindicado mudanças no sistema de saúde privado, a fim de ampliar seu atendimento. Paralelamente às manifestações relacionadas as reformas no sistema educacional, a recente lei “aula segura”, que agiliza o processo de expulsão de alunos suspeitos de violência em instituições de ensino, despertou nos estudantes atos em repudio à esta medida; a lei surgiu em resposta à violência dos recorrentes confrontos entre policiais e alunos (O GLOBO, 2019).

No contexto econômico, o Chile tem sido a economia mais crescente na América Latina, o que tem reduzido significante a pobreza no país; tal alteração registra o período entre 2000 e 2015 onde diminuiu de 26% para 7,9% (CIA, 2019); no entanto, também carrega graves níveis de desigualdade e informalidade (OECD, 2019). No setor minerador, uma das maiores fontes de renda do país e o que mais produzem cobre vermelho no mundo, houve queda de 3,6% proveniente da menor desempenho na extração de cobre na região mineradora do norte, que devido ao eventos climáticos, esgotou a produção; juntamente a queda da mineração, a atividade agropecuária caiu 1,2% devido a redução na produção de safras anuais.

O ministro das Finanças destacou o ritmo de crescimento do Chile, que cresceu 1,6% em relação à 2018, mesmo com o cenário turbulento em que transitam as relações mundiais, proveniente da guerra comercial entre os EUA e China (UOL,2019). A economia chilena permanece vulnerável ao preço e rentabilidade da produção do cobre; a dependência da demanda internacional, principalmente da China, motivou o governo a reforçar relações comerciais com novos parceiros na Asia, diante o contexto mundial resultante à guerra comercial entre EUA e China (SANTANDER, 2019). Oriundo a tal conjuntura, a visita à República Popular da China feita por Piñera, juntamente ao Ministro das Relações Exteriores, Roberto Ampuero, possibilitou o fortalecimento de dois acordos com o país; este os permitirão firmar estratégias destinadas as relações bilaterais e cooperação das duas nações (MINISTERIO DE RELACIONES EXTERIORES, 2019).

Em relação ao PIB, a expansão de 3,6% em relação aos anos interiores, trouxe surpresa em seu resultado quando superou as expectativas de analistas consultados pela Trading Economics. Contudo, a desigualdade próxima à crise da previdência, indicam a divergência entre a estabilidade da política externa e interna (ESTADÃO, 2019).

BRASIL-CHILE

O contexto da relação político-econômica entre as nações se constitui em sua bilateralidade. Acordos iniciais que estabeleceram a eliminação do roaming internacional para telefonia móvel e transmissão de dados, facilitou o desenvolvimento de atividades econômicas como o turismo, o comércio digital e a prestação de serviços. Medidas não tarifarias impulsionaram o comercio bilateral em benefício dos operadores econômicos e consumidores dos dois países. Recentemente, tem se reafirmado com a simbólica visita do Presidente Jair Bolsonaro, em encontro ao Presidente da República do Chile, Sebastián Piñera, novas relações comerciais e políticas. Com tal aproximação, foram reforçadas as relações entre Mercosul e Aliança do Pacífico, o aperfeiçoamento das integrações econômicas a fim de ampliar as áreas de livre comercio entre os Estados-partes dos blocos, reafirmar o compromisso de Brasil e Chile com a construção de Corredor que irá unir o Centro-Oeste do Brasil com os portos do Norte do Chile, reafirmou o compromisso de contribuir no processo de restauração da democracia na Venezuela, juntamente ao Grupo de Lima, reafirmou também o apoio chileno à candidatura brasileira para ingresso na Organização para Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OCDE), entre outros acordos (MINISTERIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES, 2019).

Entre as relações Brasil-Chile, está a PEC proposta pelo Ministro da Economia, Paulo Guedes; esta propõe a reforma da previdência inspirada no modelo de Pinochet, que atualmente tramita na Câmara dos Deputados. Proveniente da escola de pensamento dos “Chicago Boys”, a proposta atinge servidores públicos, militares e trabalhadores da iniciativa privada (G1, 2019). A Emenda altera os benefícios por incapacidade e os benefícios programáveis, direitos os quais a lei atual assegura.

Dentre as negociações entre os países, a criação do Prosul, bloco que substitui a antiga União Sul-americana de Nações (Unasul), considerado uma herança dos antigos governos de esquerda. Esta é firmada entre os líderes do Chile e do Brasil, estavam os governantes de Argentina, Colômbia, Equador, Paraguai e Peru; o projeto prossegue com a integração de infraestrutura e de energia da região, que se encontrava com seus trabalhos suspensos há dois anos. A justificativa da “reinauguração” do antigo bloco, se baseia na isenção de ideologia que estava implantada nas diretrizes da Unasul; esta, tinha como membro a Venezuela, que agora, devido à ausência democrática em que vive, não foi convidada a compor o bloco novamente (VEJA, 2019).

Outra questão presente entre os assuntos venezuelanos na política chilena, é o Grupo de Lima. Este, tendo como membros Argentina, Brasil, Canadá, Chile, Colômbia, Costa Rica,

Guatemala, Honduras, México, Panamá, Paraguai e Peru, e sendo um grande ator no propósito de ações interventivas a favor da democracia, também se declara um fiel apoiador de Guaidó. A sede se concentra na capital do Peru, Lima, onde ocorrem frequentes reuniões a fim de encontrar soluções pacificas para que a Venezuela saia de sua profunda crise e retorne inicie sua redemocratização; o grupo possui o apoio dos EUA, que mesmo não o compondo oficialmente, frequenta as reuniões. A recente aproximação entre Bolsonaro e Piñera aborda com muito foco o apoio a transição demográfica venezuelana.

Referências

ABRAMOVICH, Paulina. Análise: Piñera conquistou votos de eleitores moderados no Chile. Disponível em: https://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,analise-pinera-conquistou-votos-de-eleitores-moderados-no-chile,70002124453. Acesso em: 20/05/2019.

AFP. Chile aprova lei que endurece punições em caso de violência escolar. Disponível em: https://oglobo.globo.com/sociedade/chile-aprova-lei-que-endurece-punicoes-em-caso-de-violencia-escolar-23231359. Acesso em: 30/05/2019.

AFP. Economia do Chile cresce 1,6% no primeiro trimestre. Disponível em: https://economia.uol.com.br/noticias/afp/2019/05/20/economia-do-chile-cresce-16-no-primeiro-trimestre.htm. Acesso: 30/05/2019.

CIA. Biblioteca The World Factbook. America do Sul: Chile. Disponível em: https://www.cia.gov/library/publications/resources/the-world-factbook/geos/ci.html#field-anchor-people-and-society-demographic-profile. Acesso: 20/05/2019.

ESTADÃO CONTEUDO. PIB chileno tem expansão anual de 3,6% no 4º trimestre. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/economia/2019/03/18/internas_economia,1038807/pib-chileno-tem-expansao-anual-de-3-6-no-4-trimestre.shtml. Acesso: 30/05/2019.

FAJARDO, Luis. O Chile deve seu milagre econômico ao governo Pinochet?. Disponível em: https://g1.globo.com/mundo/noticia/2019/01/13/o-chile-deve-seu-milagre-economico-ao-governo-pinochet.ghtml. Acesso em: 30/05/2019.

MARTINS, José. Chile. São Paulo: Fundação Perseu Adramo, 2016. Disponível em: https://fpabramo.org.br/publicacoes/wp-content/uploads/sites/5/2017/05/chilenossamericanuestra.pdf

MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES. Declaração Conjunta Presidencial e Plano de Trabalho por ocasião da Visita Oficial à República do Chile de Sua Excelência o Presidente da República Federativa do Brasil, Jair Bolsonaro – Santiago, 23 de março de 2019. Disponível em: http://www.itamaraty.gov.br/pt-BR/notas-a-

imprensa/20204-declaracao-conjunta-presidencial-e-plano-de-trabalho-por-ocasiao-da-visita-oficial-a-republica-do-chile-de-sua-excelencia-o-presidente-da-republica-federativa-do-brasil-jair-bolsonaro-santiago-23-de-marco-de-2019. Acesso: 30/05/2019.

MINISTERIO DE RELACIONES EXTERIORES. Chile and China sign agreements to strengthen their bilateral relationship. Disponível em: https://minrel.gob.cl/chile-and-china-sign-agreements-to-strengthen-their-bilateral-relationship/minrel/2019-04-24/124528.html. Acesso: 30/05/2019.

SANTANDER. Economia do Chile. Disponível em: https://pt.portal.santandertrade.com/analise-os-mercados/chile/economia. Acesso: 30/05/2019.

VEJA. Presidente do Chile diz que Prosul será órgão 'sem ideologias'. Disponível em: https://veja.abril.com.br/mundo/presidente-do-chile-diz-que-prosul-sera-orgao-sem-ideologias/. Acesso: 30/05/2019.

China

Letícia Vaz de Lima Pacheco

Nicole Grell Macias Dalmiglio

Vinícius de Araújo Santos

A República Popular da China, localizada no extremo oriente, se consolida cada vez mais como a segunda maior economia do mundo, além da sua grande relevância nos planos político, militar e cultural do século XXI. Com 1,36 bilhões de pessoas e um PIB de USD 12,238 trilhões (WORLD BANK, 2019), a China cresceu exponencialmente, principalmente depois de 1976, ano da morte do líder da Revolução Cultural de 1949, Mao Tsé-Tung.

Um dos grandes motivos desse crescimento, foram as reformas econômicas, políticas e sociais implementadas por Deng Xiaoping, líder da China entre 1978 e 1992. Pode-se dizer que Xiaoping foi a grande inspiração para o discurso do atual presidente Xi Jinping, no XIX Congresso Nacional do Partido Comunista Chinês em 2017, quando se comprometeu com uma nova era "marcada pelo socialismo com características chinesas" (PHILLIPS, 2018).

Essas características dizem respeito à abertura econômica chinesa, em especial na década de 90, e início dos anos 2000. Na oportunidade a China lançou sua quinta onda de internacionalização das empresas nacionais, para suprir suas necessidades de insumos básicos, industrialização e urbanização, além de buscar conquistar mercados para seus produtos (ACIOLY et al, 2009; MEDEIROS e CINTRA, 2015).

Tal necessidade de insumos básicos, fizeram com que a China se aproximasse da América Latina. Segundo o UNCTAD Handbook de 2013, conforme pontuado por Medeiros e Cintra (2015), em 1995 a China era responsável por uma pequena parcela das importações mundiais de alimentos (2,3% do total) e de metais (2,5%), ao passo que, em 2012 esses números já totalizavam 6,2% e 20,1%, respectivamente.

A importação de energia, em especial o petróleo, em 2012, colocava a China como responsável por 8,3% das importações mundiais. O Brasil, que em 1993, sob governo de Itamar Franco, estabeleceu uma parceria estratégica com a China (GUILHON-ALBUQUERQUE, 2014), era um importante mercado desses produtos, e a China se tornou uma grande compradora de soja, minério de ferro e petróleo brasileiro. Segundo a OEC (2019), em 1993, Pequim tinha 2,3% da sua pauta voltada à soja, 13% ao minério e uma porcentagem pífia das importações chinesas

eram do petróleo brasileiro, ao passo que, em 2017, esses números eram de 42%, 22% e 15%, respectivamente. Atualmente, a China é o maior parceiro comercial e investidor do Brasil, sendo responsável por cerca de 22% das exportações Brasileiras (ME, 2019).

Junto com toda a Ásia, a partir da década de 80, a China começa a se projetar no mundo e começa a sua primeira onda de internacionalização, mandando empresas para fora do país, para que voltassem à China com status de internacional (ACIOLY et al., 2009). Depois dessa, mais quatro ondas vieram e fizeram com que a China fosse um ator de extrema importância na Ásia. Atualmente, o país é um dos líderes regionais e com sua Belt and Road Initiative (BRI) - popularmente conhecida como Nova Rota da Seda - conseguiu unir pautas de Estados historicamente rivais, como Índia, que foi o primeiro país a aderir ao BRI na Ásia, e Paquistão, que recentemente no Segundo Fórum da BRI, realizado em Pequim, disse que está disposto a cooperar na construção de uma rodovia que ligará Pequim à Islamabad.

A China se consolidou também como uma potência militar global, sendo um dos países que têm armamento nuclear. Mesmo sendo um Estado signatário do Tratado de Não Proliferação de Armas Nucleares (TNP), a China possui cerca de 260 ogivas nucleares, de 5 kilotons à 5 megatons (NTI, 2019), mas desde 1964 o o país adota o princípio de 'No First-Use' como base para o uso de suas armas nucleares e se compromete a, em caso de conflito, não ser o primeiro a usar suas armas nucleares (MSS, 2019).

Além disso, segundo o SIPRI (2019), o país conta com um orçamento de USD 224 bilhões, segundo maior do planeta, superando a Rússia, correspondendo a 1,909% do PIB chinês. Ainda segundo o Global Firepower (2019), a China é a terceira maior potência militar do mundo, com um contingente militar de 2,693 milhões de pessoas, sendo 2,183 milhões na ativa e 510 mil na reserva.

Recentemente, Xi Jinping, num discurso em comemoração aos 70 anos da Marinha do Exército da Libertação Popular (ELP) afirmou que a China investirá, em função da BRI, na construção de uma marinha mercante compartilhada. O objetivo com isso é, além de fortalecer a marinha chinesa, uma maior integração dos mares dos países membros da BRI (em sua maioria, costeiros, como o Paquistão). Mas Xi Jinping não deu margens para uma integração militar, o que ainda mantém a marinha chinesa como uma das mais fortes da região (CGTN, 2019).

Com as reformas de Deng Xiaoping, líder chinês entre 1978 e 1992, a política externa chinesa ganhou novos contornos, e uma das grandes diretrizes e heranças da era Deng foi o estabelecimento do multilateralismo com uma base firme da política externa chinesa (MOFA CHINA, 2019). Em 1979, a entrada de Investimento Direto Estrangeiro (IDE) foi permitido na China

e já em 1983 o montante do IDE era de USD 400 milhões. Com o fim da Guerra Fria, o volume de IDE aumentou no país e, totalizando em 1989 USD 2,5 bilhões (LAZZARI, 2005).

Ao longo dos anos 90, e durante a primeira década dos anos 2000, a China buscou a participação em fóruns multilaterais globais. Foi nessa época que a China entrou na Organização Mundial do Comércio (OMC), Fundo Monetário Internacional (FMI) e Banco Mundial (FEIGENBAUM, 2017). Em 2009, surgiu o BRICS, que é um bloco formado pelas principais economias emergentes do mundo e conta com Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul, que tem o objetivo de colocar as nações emergentes em pé de igualdade com as grandes potências globais (MRE, 2018). É importante ressaltar que a China foi o principal investidor dentre os países que formam o BRICS até 2000, quando foi ultrapassada pela Rússia (ACIOLY et al. 2009).

Em 2015 a China inaugura seu primeiro projeto multilateral: o Asian Infrastructure Investment Bank (AIIB). O banco surgiu para competir com o Asian Development Bank, instituição ocidental de promoção do desenvolvimento asiático. O AIIB é uma tentativa de implementar mudanças na organização das instituições multilaterais já existentes. A fim de torná-las mais eficientes, a China se usa de um princípio também disposto em sua política externa, que é o de Não-Intervenção em questões internas (FEIGENBAUM, 2017; MOFA CHINA, 2019)

> O único valor político que a China exporta é o princípio de não ingerência nos assuntos internos de outros países. Isso é atrativo para os Governos, acostumados às exigências ocidentais de reformas políticas e econômicas em troca de ajuda financeira. (LIY, 2018)

Outra grande instituição multilateral chinesa, que diz respeito à integração e construção de uma nova rota comercial pelo mundo, é a BRI, mas esta será tratada mais à frente. Mais recentemente, a China busca implementar suas instituições para além do Sul e o grande palco da inserção das instituições multilaterais chinesas em 2019 é a Europa.

Em março, o presidente da China, Xi Jinping, fez uma viagem oficial à Europa e lá se encontrou com líderes de Itália, Mônaco e França, e, ao retornar para a China, disse que a viagem serviu para fortalecer a parceria entre UE e China. Na França, Xi buscou a construção de um novo pacto multilateral pelo Acordo de Paris e na capital francesa, os dois países ainda concordaram que Pequim seja a sede para a Conferência das Partes para a Conferência de Diversidade

Biológica em 2020. Dessa forma, a China busca se tornar um ator influente nas questões ambientais (CGTN, 2019).

O premiê da China, Li Keqiang, foi à Bruxelas para reafirmar o compromisso da China e da União Europeia em manter seus laços bilaterais fortes e trabalhou ainda em outros interesses em comum (JIANFENG, 2019). Assim, em abril, a China firmou uma parceria com França e Alemanha, líderes da UE, para a construção da Aliança Para o Multilateralismo. A aliança que promete ser mais uma tentativa de implantação da lógica chinesa na dinâmica multilateral, pretende reunir o mundo no princípio de respeito a carta da ONU. China, França e Alemanha afirmaram que esta iniciativa é necessária, ainda mais numa era de ascenção do nacionalismo e protecionismo (CGTN, 2019). Ainda em abril, o premiê chinês, Li Keqiang, o Presidente do Conselho Europeu, Donald Tusk, e o Presidente da Comissão Europeia, Jean-Claude Juncker, se encontraram em Pequim para reafirmar a Aliança Para o Multilateralismo e firmaram que o projeto será lançado em setembro, na Assembleia Geral da ONU (CGTN, 2019).

A Europa não é o único palco para a inserção das iniciativas multilaterais da China. Pequim foi à América Latina para estabelecer um acordo de cooperação financeira. Por meio do Banco de Desenvolvimento da China (CDB), Argentina, Equador, México, Peru, Panamá e Colômbia firmaram acordos nos quais a China disponibilizou mais USD 100 bilhões para financiar 18 projetos por esses países (XIA, 2019).

Mas dentre todas essas iniciativas, talvez a mais importante seja, de fato, a BRI, que é uma nova rota de comércio mundial considerada a principal inovação da política externa de Xi Jinping, simbolizando a vontade de seu governo de estabelecer uma política externa de longo prazo mais efetiva, dinamizada e que eleve a participação da China em órgãos multilaterais (FERDINAND, 2016).

A ideia da BRI nasce, na verdade, do desejo de Xi Jinping sobre o desenvolvimento da região oeste da China que outrora fora negligenciada por estar distante da costa chinesa e em regiões com atritos políticos com os vizinhos de Pequim. Estimou-se, porém, que a ação levaria possivelmente mais de três décadas para se concretizar. A BRI, por outro lado, pretende acelerar esse processo, integrando toda a China com o resto do mundo (FERDINAND, 2016).

A BRI, incluída na campanha do “sonho Chinês”, contempla o restabelecimento de uma rota de abundância, a antiga Rota da Seda, promovendo assim, um caminho para o intercâmbio cultural, tecnológico e produtivo. Assim, o projeto deve manter-se dinâmico e para tanto, possui duas principais rotas: terrestre e marítima. Um fator que ampara essa campanha é autoconfiança crescente dentro do regime sobre as conquistas econômicas da última década. Sob o prisma do

“sonho da China”, a administração de XI Jinping atingiu a restauração da legitimidade do regime (COHAN, 2017; FERDINAND, 2016).

As expectativas acerca do ambicioso projeto chinês BRI abarcam inúmeros elogios por ser considerado visionário, porém, carrega também algumas críticas, especialmente em Estados que não participam da iniciativa, como Estados Unidos. O principal motivo que leva esses países não participantes a questionarem os fundamentos da BRI, é o ceticismo em relação às expectativas geradas em torno da estratégia. Nesse sentido, a iniciativa gera discussões, sobretudo, referentes aos aspectos econômicos e culturais envolvidos na iniciativa (COHAN, 2017).

A Europa volta a ser o grande palco de atuação da China com a BRI. Ainda que o objetivo inicial seja promover exportações da China para a Europa, sabe-se que o processo inverso também ocorrerá, o que parece interessante aos olhos da UE, que poderia usar da aproximação para incrementar seu comércio com demais países ao longo da rota, como por exemplo a Rússia (FERDINAND, 2016).

No entanto, não deve-se desconsiderar a intenção chinesa de, gradualmente, tornar a Europa mais vinculada ao mercado chinês do que ao americano. No mais, há o reconhecimento chinês de que a Europa e a América teriam seguido caminhos diferentes após a grande crise mundial, e, portanto, o interesse no continente seria ainda mais atenuado, uma vez que há preferência pelo “capitalismo social” sob o estilo europeu (FERDINAND, 2016).

Neste sentido, 2019 foi o ano do Segundo Fórum da BRI, sediado em Pequim. Líderes europeus estiveram presentes no encontro, como Viktor Orban, Premiê da Hungria. Orban disse que a BRI é uma oportunidade, e Xi Jinping disse que "ambos os lados devem manter intercâmbios de alto nível, melhorar o respeito mútuo e a confiança, reforçar a cooperação pragmática e expandir os intercâmbios culturais e pessoais." (CGTN, 2019).

A Ásia tem papel central na BRI e uma das suas principais vias que interligam a China à seus vizinhos, mais especificamente o Paquistão é o Corredor Econômico China–Paquistão (CECP), que num período de cinco a dez anos resultou em um investimento de capital superior a 60 bilhões de dólares no sudeste asiático (COHAN, 2016). Assim, também no Segundo Fórum da BRI, o premiê do Paquistão, Imran Khan, e o presidente Xi Jinping reiteraram o compromisso com o CECP e estabeleceram diretrizes de integração e cooperação para o desenvolvimento de Pequim e Islamabad (CGTN, 2019)

Brunei e Malásia estavam presentes no fórum também. Enquanto Brunei é mais pragmático e diz estar aberto a cooperação de Pequim, a Malásia se mostrou integrada à BRI,

estimulando a cooperação nos Parques Industriais Gêmeos, em Qinzhou e Kuantan. Além disso, os líderes de China e Malásia disseram que a BRI é um importante estímulo para o estreitamento de relações entre os países, além de ser responsável pela disseminação dos valores asiáticos (CGTN, 2019).

Ao fim do fórum, Xi Jinping discursou e afirmou que a BRI abriu uma nova era para o desenvolvimento econômico mundial. Além da questão da infraestrutura disposta na iniciativa, Pequim pretende cooperar com os países parte da BRI em áreas como o conhecimento, técnico-científica e cultural, além de incentivar a abertura de mercado e a cooperação econômica entre os Estados partes da BRI (CGTN, 2019).

Tendo em mente que a BRI ainda encontra-se em fase inicial, deve-se contextualizar algumas questões, como por exemplo, a noção de Mecanismos de Reciclagem de Excedentes (MRE), que consistem no desvio do excesso de produção de centros econômicos e industriais para mercados maiores situados em periferias próximas, da mesma forma, durante longo período a China e o Extremo Oriente serviram como MRE do Japão (COHAN, 2017).

A China, após recuperar suas bases econômicas, mais precisamente sua base de produção, tornou-se um impulsor industrial mais influente do que o Japão, e nessa perspectiva, possui produção industrial excedente, que demanda um mercado capaz de atuar como MRE. Ademais, também precisa conciliar seu próprio território, por meio de uma adequação dos processos industriais das regiões mais afastadas às exigências de Pequim.

Nessas duas questões, o Paquistão destaca-se como a melhor alternativa. Isso se dá porque o mercado paquistanês abrange cerca de 200 milhões de pessoas, estando entre os seis maiores do mundo, e possui uma estrutura econômica subdesenvolvida. E, por fazer fronteira com a China e o Mar Arábico, o país apresenta vantagens de infraestrutura para a China Ocidental nas questões acerca de um MRE (COHAN, 2017).

Para entender melhor como o Paquistão se enquadra dentro da esfera do MRE ideal para a China, existem três elementos que devem ser considerados como componentes fundamentais dessa análise: a produção indústria, trabalho e capital financeiro. Destaca-se a produção industrial chinesa com muitos setores voltados para a infraestrutura e relacionados também ao aço, uma vez que a siderúrgicas nacionais são responsáveis por produzir excedentes incapazes de serem absorvidos em âmbito local, enquanto o Paquistão apresenta uma alta exigência de aço, por exemplo.

Quanto ao trabalho, o CECP exige mão de obra qualificada e não qualificada. Em ambos os casos, o Paquistão apresenta grande potencial. Por último, acerca do capital financeiro,

entende-se que o financiamento do corredor é importante, pois os rendimentos das reservas do capital chinês estão começando a cair, ao mesmo tempo em que mencionado anteriormente, o retorno sobre investimentos de projetos no Paquistão relacionados ao CPEC é superior ao que seria alcançado no investimento doméstico (COHAN, 2017).

A África também está presente nas relações exteriores da China. Em relação ao investimento no continente africano, há a intenção de ligação entre as empresas chinesas dentro e fora do continente e para isso, a China tem investido em mais de 45 países dos 54 do continente. Nesse sentido, destacam-se Nigéria e Argélia, Zâmbia, Sudão e África do Sul. (ACIOLY, 2009), mas foi o Egito a grande estrela africana do Segundo Fórum da BRI. Xi e Sisi, presidente do Egito, concordaram em intensificar a BRI no país e a China deu seu apoio à dois projetos de desenvolvimento egípcio: Projeto da Área do Corredor do Canal de Suez e na Zona de Cooperação Econômica e Comercial de Suez (CGTN, 2019).

A América Latina não foi esquecida da BRI. Luiz Schmidt Montes, embaixador do Chile na China, disse que seu país pode ser a porta de entrada da BRI no continente (CGTN, 2019), mas, na verdade, há o interesse da apresentação da BRI para o continente na Cúpula do BRICS de 2019, segundo a Folha de São Paulo (2019). Nesse sentido, sabe-se que o maior enfoque da BRI na América Latina está no Brasil.

Os interesses da BRI no continente contornam a vontade de expansão do projeto, que é em um primeiro momento, limitado geograficamente aos continentes europeu, asiático e africano e possivelmente indica uma nova natureza das relações político-econômicas entre China e os países latino-americanos (BRI PORTAL, 2019).

De acordo com o especialista brasileiro Xia Huasheng, professor de finanças da Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas, o Brasil é provavelmente um dos grandes beneficiários da BRI, uma vez que a cooperação impulsiona as exportações agrícolas brasileiras e assim, atrairia maiores investimentos de infraestrutura e empresas chinesas. Segundo ele, a BRI está alinhada às políticas de mercado do atual presidente brasileiro, Jair Bolsonaro (BRI PORTAL, 2019).

Nesse sentido, afirmou ainda, que a oferta e demanda no atual contexto mundial estão propícias a estimular centros industriais de agronegócios, por exemplo, a serem implementados ao longo da BRI e através da iniciativa, bens e serviços de outras regiões tendem a ser negociados por valores mais estratégicos para os Estados envolvidos. Sendo assim, mais empregos são gerados, além da inovação tecnológica promovida, melhorando assim, o padrão de vida, sobretudo, em nações consideradas periféricas. Destaca ainda a posição do Brasil como maior

parceiro comercial da China (BRI PORTAL, 2019).

Guerra Comercial

As desavenças no âmbito comercial entre China e Estados Unidos se iniciaram após um anúncio do presidente norte-americano, Donald Trump, em 2018. O presidente, que durante o período eleitoral de 2016 defendeu a renegociação de acordos comerciais bilaterais com a China, de modo a priorizar os EUA, e no dia 22 de março do ano passado, Trump anunciou sua intenção de impor tarifas aos produtos chineses. Essa postura americana seguiu a lógica da Lei de Comércio de 1974 (GOYOS JR., 1998), relatando um histórico chinês de práticas entendidas como "desleais".

Os Estados Unidos alegam que o governo chinês é responsável pelo roubo de tecnologia. Nessa perspectiva, empresas chinesas controladas pelo governo estariam adquirindo, de modo sistemático, parcelas de empresas americanas. Esse fato estaria sendo desenvolvido com o intuito de obter acesso aos métodos de produção e assim, os reproduzirem. Outra informação relevante, é a acusação postulada contra o governo chinês feita pelo Departamento de Comércio, de dificultar a entrada de empresas americanas no mercado chinês. Tal fato estaria sendo feito através da imposição de regras mais rígidas.

Já a China acusa o presidente norte-americano Donald Trump de praticar um ato unilateral de protecionismo. O governo chinês afirmou estar cogitando efetuar uma reclamação formal à OMC (Organização Mundial do Comércio), e ainda divulgou sua intenção de sobretaxar produtos americanos (XIA, 2019).

De acordo com os dados do International Trade Centre, em 2016 as importações americanas de produtos chineses alcançaram cerca de US$ 481 bilhões de dólares, equivalentes à 20% de tudo que a China vende para o mundo. Em contrapartida, a China consome menos de US$ 135 bilhões em produtos americanos, correspondendo à menos de 10% de suas importações. É importante ressaltar que mudanças em uma relação comercial deste porte pode afetar inúmeras empresas e investidores.

Em 2018 e 2019, os Estados Unidos impuseram, segundo os dados publicados pelo Escritório do Censo dos EUA, tarifas sobre US$ 250 bilhões em produtos chineses. Esse número se manteve abaixo que era especulado de acordo com as ameaças de Donald Trump, que correspondia a aproximadamente US$ 325 bilhões. O total de mercadorias chinesas importadas pelos Estados Unidos em 2018 correspondeu a US$ 539 bilhões.

Nesse mesmo período, Pequim retalhou as ações americanas com a imposição de taxas sobre US$ 110 bilhões de suas mercadorias. Já quanto aos números totais de mercadorias americanas importadas pela China foi aproximadamente US$120 bilhões. A variedade da lista de produtos chineses afetados pelas tarifas dos EUA, com o desenrolar da guerra comercial é bem diversificada, abrangendo desde maquinário industrial até motocicletas, incluindo também peixes, bolsas, roupas e calçados.

Nessa diretriz, a China respondeu acusando os Estados Unidos de iniciar “a maior guerra comercial da história”, e escolheu como alvo de suas taxas de produtos químicos a legumes, verduras e bourbons. A estratégia adotada pelo governo chinês visa afetar as mercadorias produzidas nos distritos americanos de eleitorado majoritariamente republicano (partido do presidente americano, Donald Trump), e itens que podem ser adquiridos facilmente de outras nações, como é o caso da soja.

Em abril 2019 a guerra comercial entre as duas potências parecia começar a se encaminhar para um fim, pois na pois tanto a China quanto os EUA concordaram com a abertura de escritórios para a fiscalização do comércio por parte dos dois Estados (XIAONAN, 2019). No entanto, o clima começou a se intensificar novamente quando o governo chinês fez uma reclamação formal aos EUA em razão da decisão de Washington sobre suspender a concessão de sanções por importações de produtos petrolíferos iranianos (WU, 2019).

Nessa perspectiva, no dia 26 de abril Donald Trump anunciou a retirada dos EUA do Tratado de Comércio de Armas (ATT) e o debate entre as duas nações novamente foi reaquecido. A China apoia o propósito e as metas do ATT, e apesar de ainda não ter aderido ao tratado, vem participando de conferências relevantes como membro observador, o que fex com que o porta-voz do Ministério das Relações Exteriores, Geng Shuang, tecesse comentários criticando a decisão americana (XIA, 2019)

A guerra comercial entre China e Estados Unidos se mostrou longe de um final quando uma empresa Orient Overseas (International), sediada em Hong Kong, foi forçada a vender seu porto de contêineres norte-americano. Isso ocorreu após o governo dos EUA levantar preocupações no âmbito da segurança sobre sua controladora ser uma gigante estatal chinesa de navegação. A empresa que é de propriedade majoritária da Cosco Shipping Holding, irá vender toda a sua participação no Terminal de Contêineres de Long Beach, na Califórnia, para o fundo de infraestrutura dos EUA, pelo valor previsto de US$ 1,78 bilhão. A operação é resultado do cumprimento de um acordo de segurança nacional assinado em 2018, o qual deve render à OOIL um lucro de US$ 1,29 bilhão (YIU, 2019).

No dia 1 de maio a China e o EUA realizaram a 10ª rodada de negociações comerciais de alto nível em Pequim. Nesse evento o vice-primeiro-ministro chinês, Liu He, o qual também é membro do Birô Político do Comitê Central do Partido Comunista da China, ficou responsável por liderar a delegação chinesa durante o diálogo sobre as próximas ações que deverão ser tomadas no âmbito econômico (CGTN, 2019).

Em contrapartida à 10ª rodada de negociações comerciais, no dia 10 de maio, após o aumento de tarifas de 10% para 25% nos EUA sobre os US$ 200 bilhões em mercadorias chinesas entrar em vigor, o governo chinês pronunciou que irá tomar as medidas cabíveis para responder a sobretaxa em seus produtos. Logo em seguida, no dia 13, a China decidiu impor tarifas de 25%, 20% e 10% sobre alguns produtos norte-americanos a partir do dia 1 de junho. Tal decisão foi anunciada pela Comissão de Tarifas Aduaneiras do Conselho do Estado, e divulgou que as tarifas serão adicionadas a bens norte-americanos no valor de US$ 60 bilhões, disse o comunicado, o comunicado também ressaltou que os produtos abaixo do limite tarifário de 5% não serão afetados por esta sobretaxa. Como consequência, as ações de Wall Street caíram de maneira expressiva durante sua abertura no dia 13 de abril, após as declarações dadas pelo governo chinês (CGTN, 2019)

Um player que tem apresentado uma importância muito grande nos embates da guerra comercial entre a China e os EUA é a empresa chinesa Huawei. Conhecida por estar entre os maiores fabricantes de celulares do mundo e pela inovadora câmera quádrupla de seu modelo de smartphone Huawei P30 Pro, a instituição tem ganhado cada vez mais destaque na mídia internacional por conta das “desavenças” com as autoridades norte-americanas (GARRETT, 2019).

No dia 16 de abril, durante a Huawei Analyst Summit 2019, a empresa chinesa anunciou sua estimativa de que a internet 5G atingirá 58% do mundo até 2025. É importante ressaltar que a rede 5G já está presente em mais de 40 modelos no mercado mundial tecnológico inclusive nos Iphones, da marca americana Apple (CGTN, 2019).

Nessa perspectiva, a situação da Huawei junto às autoridades norte-americanas ganhou um grau maior de complicação na semana do dia 16 de maio, após a decisão do presidente americano de declarar estado de emergência. A Huawei foi listada como uma das corporações chinesas proibidas de comprar e vender equipamentos e tecnologia de empresas norte-americanas. Esse fato, o qual compôs mais um dos episódios da guerra comercial, foi motivado por suspeitas de que a empresa chinesa estaria envolvida em esquemas de espionagem de suas rivais americanas a mando de Pequim, essas especulações reforçam a ideia de emergência

nacional presente no decreto de Donald Trump (GARRET, 2019).

Em contrapartida as desavenças com as autoridades americanas, a Huawei e o governo do Reino Unido estão cooperando no desenvolvimento da 5G no Reino Unido. A premiê, Teresa May, afirmou no dia 28 de abril, que a empresa deve atuar em setores de informação não essenciais ao governo britânico, com o objetivo de resguardar a independência digital do país (CGTN, 2019).

O último fato ocorrido dentro da perspectiva da guerra comercial, foi o alerta dado pelos jornais chineses de que o país pode reduzir a oferta de terras raras1 para prejudicar os EUA, o que provocou preocupações nos mercados e levou investidores a buscar ativos mais seguros. Embora a China não tenha oficialmente que vai restringir as vendas, a mídia chinesa reforçou a possibilidade de tal medida ser implementada, o que mais uma vez pode intensificar ainda mais as tensões entre as duas maiores economias mundiais (SALDANHA, 2019).

Perspectivas futuras

Com base na atual conjuntura da China, alguns cenários podem ser desenhados sobre seu futuro. O primeiro pode ser entendido como uma mudança nas instituições multilaterais como as conhecemos hoje. Com a aproximação à Europa, se a Aliança Para o Multilateralismo e a BRI atingirem o sucesso desejado, Pequim se fortalecer na implantação de sua base multilateral que preza pela não-intervenção nas questões internas de cada Estado, afinal, “O único valor político que a China exporta é o princípio de não ingerência nos assuntos internos de outros países” (LIY, 2018).

A guerra comercial poderá se inclinar rumo à uma vitória chinesa. Mais uma vez, a aproximação à Europa pode ser importante para a China, principalmente porque o continente não impôs as sanções que os EUA impuseram à Huawei, e a empresa continua a operar no continente. Inclusive, o Reino Unido cede alguns domínios de seu governo na internet para o gerenciamento da Huawei. Além disso, em 2025, segundo diretores da companhia chinesa, a Huawei será responsável por 58% da 5G do mundo. Isso pode levar a Huawei a se tornar a maior companhia

[1] Grupo de 17 elementos químicos, dos quais 15 pertencem na tabela periódica dos elementos ao grupo dos lantanídeos. são utilizadas numa grande variedade de aplicações tecnológicas, que vão desde a constituição de catalisadores à produção de materiais luminescentes e de magnetos.

de tecnologia do mundo. Outro agravante que pode ser favorável à China é o fato de que o país é responsável pela maior parte da produção das metais terras raras, que são metais multiuso (são usados desde celulares até o aparato militar), os quais os EUA são grandes consumidores.

Por outro lado, se a Aliança Para o Multilateralismo e a BRI não atingirem a efetividade desejada por Pequim, os chineses podem perder sua credibilidade e a nova ordem multilateral chinesa pode entrar em decadência. Um determinante para isso será a Cúpula dos BRICS de 2019, que será realizada no Brasil, além de ser a porta da entrada da BRI na América Latina. Em caso de recusa do Brasil, tanto a BRI quanto os BRICS poderiam ser prejudicados.

Em relação à guerra comercial, Trump poderá enfraquecer a China, como já o fez ao instalar escritórios de fiscalização de comércio em Pequim. Tendo em vista, ainda, a dependência que a China tem do petróleo, baseando 9,4% de suas importações compostos de petróleo, ao passo que os EUA importam 6% e exportam 5,9% de petróleo (OEC, 2019), Trump pode sobretaxar Pequim, e isso causaria um choque na China, que mesmo que o país esteja investindo em energia renovável.

A China pode, ainda, sofrer um forte revés tecnológico e a Huawei poderá, inclusive, perder mercado, uma vez que ela não pode mais fazer comércio com os EUA, que pressionam até mesmo a Europa para romper com a companhia chinesa. Esta alternativa é menos provável, uma vez que o maior mercado da Huawei é o próprio mercado chinês.

De qualquer forma, nesse cenário Pequim cresceria menos e poderia enfrentar uma crise, tanto econômica, quanto de credibilidade, visto que tudo isso enfraqueceria suas instituições, e poderia representar uma crise na inserção da China no mundo.

Com um forte ímpeto pela construção de uma nova ordem multilateral, em especial com a BRI, e a presença da Huawei na corrida da 5G, a China se projeta no mundo, de modo que pretende se tornar a principal economia do Terra, mas enfrenta alguns empecilhos. O fato é que Pequim se mantém presente no cenário internacional e seu futuro dependerá muito de como serão as apresentações da BRI para a América Latina e da Aliança Para o Multilateralismo, em parceria com a Europa, mas, principalmente, de como os EUA se portarão na guerra comercial, que pode ditar os rumos que a China e suas empresas terão no futuro.

Referências

ACIOLY et al. Nota Técnica: Internacionalização das Empresas Chinesas. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - IPEA. Disponível em: <http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/5987/1/NT_n01_Internacionalizacao-empresas-chinesas_Deint_2009-maio.pdf> , Acesso em 19 de dez. 2018.

CALVER, Tom. The mega-machines helping China link the world - BBC News. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-asia-china-41206772> , Acesso em:24 de mar. 2019;

CGTN. Britain and Huawei can work together, Chinese envoy says. Disponível em: <https://news.cgtn.com/news/3d3d414e77497a4d34457a6333566d54/index.html> , Acesso em: 7 de abr. de 2019;

CGTN. China backs multilateralism initiative by France, Germany: spokesman. Disponível em: <https://news.cgtn.com/news/3d3d674d7941544f33457a6333566d54/index.html> , Acesso em: 9 de abr. 2019;

CGTN. China, EU reaffirm commitment to multilateralism. Disponível em: <https://news.cgtn.com/news/3d3d414d3549544f33457a6333566d54/index.htm> , Acesso em: 16 de abr. de 2019;

CGTN. China, France vow to uphold multilateralism, Paris climate accord. Disponível em: <https://news.cgtn.com/news/3d3d674d334d6a4e33457a6333566d54/index.html> , Acesso em: 26 de mar. 2018;

CGTN. China lauds CPEC as an example of BRI cooperation ahead of Pakistan PM's visit. Disponível em: <https://news.cgtn.com/news/3d3d774d32496a4d34457a6333566d54/index.html> , Acesso em: 30 de abr. de 2019;

CGTN. China and Egypt vow to further cooperate on BRI. Disponível em: <https://news.cgtn.com/news/3d3d414f79596a4d34457a6333566d54/index.html> , Acesso em: 30 de abr. de 2019;

CGTN. China, U.S. hold 10th round of high-level trade talks in Beijing. Disponível em: <https://news.cgtn.com/news/3d3d514e3341444e34457a6333566d54/index.html> , Acesso em: 07 de mai. de 2019;

CGTN. Global Views: Chile is an entrance platform to Latin America. Disponível em: <https://news.cgtn.com/news/3d3d514e33456a4d34457a6333566d54/index.html> , Acesso em: 30 de abr. de 2019;

CGTN. Hungarian PM: The BRI is not threat but opportunity. Disponível em: <https://news.cgtn.com/news/3d3d514d77596a4d34457a6333566d54/index.html> , Acesso em: 30 de abr. 2019;

CGTN. Malaysian PM: The BRI is a great initiative. Disponível em: <https://news.cgtn.com/news/3d3d514e31596a4d34457a6333566d54/index.html> , Acesso em: 30 de abr. de 2019;

CGTN. Xi Jinping calls for building a maritime community with a shared future. Disponível em: <https://news.cgtn.com/news/3d3d514e77416a4d34457a6333566d54/index.html> , Acesso em: de 2019;

CGTN. Xi calls on further implementation of key projects between China and Brunei. Disponível em: <https://news.cgtn.com/news/3d3d774d7a6b6a4d34457a6333566d54/index.html> , Acesso em: 30 de abr. de 2019;

COHAN, Usman W. What is One Belt One Road? A Surplus Recycling Mechanism Approach. Discussion Paper Series: Notes on the 21st Century. 2017, 7 p.;

FEIGENBAUM, Evan. China and the World - Dealing With a Reluctant Power - Foreign Affairs. Jan-Fev, 2017;

FERDINAND, Peter. Westward ho-the China dream and “one belt, one road”: Chinese foreign policy under Xi Jinping. International Affairs. 92ª ed.: 4. p. 941-957, 2016;

GARRETT, Felipe. Dez fatos sobre a Huawei: empresa bateu Apple no mundo dos celulares - Techtudo. Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/noticias/2019/05/dez-curiosidades-sobre-a-huawei-segunda-maior-empresa-de-celular-do-mundo.ghtml> , Acesso em: 28 de mai. 2019;

GARRETT, Felipe. Caso Huawei: gigante chinesa passa por crise com governo dos Estados Unidos - Techtudo. Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/noticias/2019/05/huawei-enfrenta-crise-nos-estados-unidos-e-na-europa.ghtml> , Acesso em: 28 de mai. 2019;

GUILHON-ALBUQUERQUE, José Augusto. Brazil, China, US: a triangular relation? Revista Brasileira de Política Internacional. São paulo. v. 57, ed. especial, p. 108-120, 2014;

GOYOS JR, Durval de Noronha. A Lei dos Estados Unidos da América (EUA) em face do regionalismo e do multilateralismo. Disponível em: <http://www.jf.jus.br/ojs2/index.php/revcej/article/viewArticle/136/224>. Revista CEJ, V. 2 n. 4 jan./abr. 1998.

JIANFENG, Zhang. Chinese premier arrives in Brussels for China-EU leaders' meeting - CCTV. Disponível em: <http://english.cctv.com/2019/04/09/ARTII0xKvuwUNWa9O7WwSnZV190409.shtml?spm=C69523.P89571092934.E09435962168.1> , Acesso em: 9 de abr. de 2019;

KANG, Cecilia; SANGER, David E. Huawei is a target as Trump moves to ban foreign telecom gear - The New York Times. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2019/05/15/business/huawei-ban-trump.html> , Acesso em: 21 de mai. 2019.

LAZZARI, Martinho Roberto. Investimento direto estrangeiro e inserção externa na China nos anos 90. Indic. Econ. FEE, Porto Alegre, v. 32.4, p.169-204, mar. 2005;

LIY, Vidal Macarena. É assim que a China quer dominar o mundo - El País. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/03/02/internacional/1519993755_786257.html> , Acesso em: 09 de sep. 2018;

MEDEIROS, CINTRA. Impacto da ascenção chinesa sobre os países latino-americanos. Revista de Economia Política. Rio de Janeiro. v. 35, n 1(138), p. 28-42, Jan. - Mar. 2015

MINISTÉRIO das Relações Exteriores do Brasil - MRE. BRICS - Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul. Disponível em: <http://www.itamaraty.gov.br/pt-BR/politica-externa/mecanismos-inter-regionais/3672-brics> , Acesso em: 15 de mar. 2019;

MINISTÉRIO DA ECONOMIA - MDIC. Comex Vís: Países Parceiros. Disponível em: <http://www.mdic.gov.br/comercio-exterior/estatisticas-de-comercio-exterior/comex-vis/frame-pais> , Acesso em: 29 de abr. 2019;

MOFA CHINA. Main Responsibilities of the Ministry of Foreign Affairs of the People's Republic of China. Disponível em: <https://www.fmprc.gov.cn/mfa_eng/wjb_663304/zyzz_663306/> , Acesso em: 15 de abr. 2019;

NUCLEAR THREAT INITIATIVE - NTI. China. Disponível em: <https://www.nti.org/learn/countries/china/nuclear/> , Acesso em: 28 de mai. de 2019;

OEC. The Observatory of Economic Complexity - China. - Disponível em: <https://atlas.media.mit.edu/pt/profile/country/chn/> , Acesso em: 07 de mar. 2019;

OEC. The Observatory of Economic Complexity - EUA. - Disponível em: <https://atlas.media.mit.edu/pt/profile/country/usa/> , Acesso em: 07 de mar. 2019;

PHILLIPS, Tom. Xi Jinping becomes most powerful leader since Mao with China's change to constitution - The Guardian. Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2017/oct/24/xi-jinping-mao-thought-on-socialism-china-constitution> , Acesso em: 25 de out. 2018.

RAMIREZ, Pau. Brazil major beneficiary of Belt and Road Initiative, says expert - Belt and Road Portal. Disponível em: <https://eng.yidaiyilu.gov.cn/ghsl/wksl/84120.htm> , Acesso em: 27 de mai. 2019;

SALDANHA, Aaron. Índices caem sob tensão com alerta da China sobre terras raras - Reuters . Disponível em: <https://br.reuters.com/article/businessNews/idBRKCN1SZ293-OBRBS> , Acesso em: de abr. 2019;

RODRIGUES, Bernardo Salgado; MARTINS, Carlos Eduardo da Rosa. A importância da América Latina para a recentralização asiática no sistema mundo. PLURAL, Revista do Programa de Pós-Graduação da USP, São Paulo, v.24.2, p.86-113, Jul.-Dez., 2017;

SIPRI Fact Sheet. 2019. Trends in world military expenditure 2018. Disponível em: <https://www.sipri.org/databases/milex> , Acesso em: 20 de mar. 2019;

SOTTEK, T. C. Google pulls Huawei's Android license, forcing it to use open source version - The Verge. Disponível em: <https://www.theverge.com/2019/5/19/18631558/google-huawei-android-suspension> , Acesso em: 21 de mai. de 2019; (SOTTEK, 2019)

VILA-NOVA, Carolina. China mira América Latina em seu maior projeto de influência exterior - Folha de São Paulo. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2019/03/china-mira-america-latina-em-seu-maior-projeto-de-influencia-exterior.shtml> , Acesso em: 24 de mar. 2019;

XIA, Li. Chinese Foreign Ministry comments on U.S. announcement to withdrawl from ATT - Xinhua. Disponível em: <http://www.xinhuanet.com/english/2019-04/30/c_138025338.htm> , Acesso em: 30 de abr. 2019;

XIA, Li. China, Latin America establish first multilateral financial cooperation mechanism - Xinhua. Disponível em: <http://www.xinhuanet.com/english/2019-04/23/c_138001839.htm> , Acesso em:23 de abr. 2019;

XIAONAN, Wang. For China and U.S., there's always room for settling disputes - CGTN. Disponível em: <https://news.cgtn.com/news/3d3d514f7859444d34457a6333566d54/index.html> , Acesso em:23 de abr. 2019;

YIU, Enoch. US security concerns force Cosco-owned Orient Overseas to sell Long Beach port in California - South China Morning Post. Disponível em: <https://www.scmp.com/business/companies/article/3008324/us-security-concerns-force-cosco-owned-orient-overseas-sell-long> , Acesso em: 28 de abr. 2019.

WORLD BANK. Data: China. Disponível em: <https://data.worldbank.org/country/china> , Acesso em: 01 de dez. 2018;

WU, Wendy. China protests over end to American waivers on Iranian oil imports - South China Morning Post. Disponível em: <https://www.scmp.com/news/china/diplomacy/article/3007365/china-protests-over-end-american-waivers-iranian-oil-imports> , Acesso em: 28 de abr. 2019;

ZHE, Gong. Huawei: 5G will cover half the world by 2025 - CGTN. Disponível em: <https://news.cgtn.com/news/3d3d514e3455544f77457a6333566d54/index.html> , Acesso em: 7 de abr. de 2019.

Egito

Manuela Freitas Pestana

A República Árabe do Egito, também conhecido como Egito, é um dos países mais populosos da África, com mais de 85 milhões de habitantes, grande parte da população reside nas áreas próximas ao Rio Nilo, visto que, as outras regiões do país são desérticas. O país possui fronteiras com a Líbia, o Sudão e Israel e, controla o Canal de Suez que liga o Mar Mediterrâneo ao Mar Vermelho. (PORTAL PESQUISA, S/D)

O produto interno bruto de 2018/19 foi registrado em 236,5 bilhões de dólares. (CENTRAL INTELLIGENCE AGENCY, 2017) A religião oficial é o islamismo, segundo as pesquisas coletadas 90% dos egípcios são mulçumanos sunitas, menos de 1% são muçulmanos xiitas e 8% são cristãos. Os principais produtos exportados do Egito são o petróleo, o ouro e fertilizantes nitrogenados. E os produtos mais importados são o petróleo, trigo e ferro semiacabados. Os maiores parceiros econômicos do Egito em relação a exportação são: Emirados Árabes Unidos, Itália, Turquia, Estados Unidos e Alemanha. As origens de importações são a China, a Rússia, a Alemanha, os Estados Unidos e a Itália. (THE OBSERVATORY OF ECONOMIC COMPLEXITY, S/D)

Crise Política

A sociedade atual do Egito enfrenta desafios de uma democracia disfarçada e luta para a garantia de direitos humanos. O regime político do Egito no decorrer do tempo apresentou características contrárias à democracia, como por exemplo, o governo ditador de Hosni Mubarak que governou durante 30 anos. Mubarak chegou ao poder após o assassinato de seu antecessor, Anwar al Satah, o homicídio ocorreu durante um desfile militar no Cairo e foi causado por membros da Jihad Islâmica do Egito. (O GLOBO, 2013)

Mubarak governou o Egito durante três décadas, tornando-se um forte coligado dos Estados Unidos e Israel. O ex-ditador liderou o Egito como um militar, seu governo tinha como base a lei de emergência que limitava vários direitos humanos. O seu argumento para defender a lei era de que a vigilância total seria fundamental para enfrentar militantes islâmicos, cujos ataques têm como principal alvo, o valioso setor turístico egípcio. Durante seu governo Mubarak sobreviveu a seis tentativas de assassinato. A mais preocupante em 1995, quando houve uma ameaça ao

carro presidencial logo após a chegada de Mubarak à Etiópia para participar de uma cúpula de países africanos. (BBC NEWS, 2001)

O Egito viveu um período de relativa estabilidade no âmbito doméstico e desenvolvimento econômico durante o governo de Mubarak, e isso consequentemente gerou um efeito positivo na imagem do ex-ditador. Porém, nos últimos anos, Mubarak passou a sofrer pressões por mais democracia. As imposições vinham da população e também do seu mais forte aliado, Estados Unidos. Mubarak venceu três eleições como candidato único, porém, na quarta candidatura as regras foram alteradas para permitir candidaturas rivais após a forte pressão feitas pelos Estados Unidos. A eleição de 1981 foi manipulada a favor de Mubarak pelo Partido Nacional Democrático. (BBC NEWS, 2011)

O ditador renunciou o governo durante os protestos conhecidos como “Dias de Fúria” que foram uma série de manifestações de rua e atos de desobediência civil que ocorreram em 2011, e, tinham como finalidade manifestar contra o governo de Mubarak. Após a sua renúncia, Hosni Mubarak foi acusado cúmplice de centenas de homicídios nos protestos e foi condenado a prisão perpétua. Após as iniciativas do povo egípcio em favor da democracia e da imposição dos Estados Unidos para a proteção das regras democráticas, Mohamed Morsi, participante do partido da Irmandade Mulçumana, foi o primeiro presidente democraticamente eleito. (O GLOBO, 2014)

Apesar de ser democraticamente eleito, Morsi tomou medidas que repercutiram na população de maneira negativa, como, por exemplo, publicar um decreto que concedia a ele mesmo amplo poder publicado no projeto da nova constituição que estava sendo elaborada por uma assembleia constituinte dominada por grupos islamistas. Com os protestos da população a respeito do decreto Morsi não teve opção além de reduzir seus poderes. Ainda com relação às ações que desagradaram à população, no início de seu mandato ele demitiu várias altas patentes militares como, por exemplo, Mohamed Hussein, substituindo-os por militares a quem confiava. (DW, 2012)

Após a aprovação da nova constituição egípcia, houve vários confrontos violentos nas ruas do Egito entre os apoiadores e a oposição de Morsi. Dezenas morreram nos protestos devido ao emprego da força militar. O povo egípcio continuou a lutar por seus direitos realizando revoltas e ainda, um abaixo assinado para uma nova eleição presidencial. Porém, os militares já haviam dado uma última chance para Morsi corrigir seus erros, em resposta, o presidente declarou que os esforços de tirar do poder seriam falhos e causaria desordem no país, pois era um governante democraticamente eleito. (DW, 2012)

O governo de Mohamed Morsi teve fim assim que os militares assumiram um novo

governo interino tecnocrata, este foi conhecido como o golpe militar de 2013. Após a tomada de poder dos militares, Mohamed Morsi foi acusado de torturar manifestantes durante os protestos anti-Morsi isso fez com que fosse sentenciado a prisão perpétua. (BBC NEWS, 2013)

Em 2014 foram realizadas novas eleições presidenciais nas quais competiam o ex-ministro da Defesa do Egito, Abdel Fatah al- Sissi, e Hamdeen Sabahi. O militar, Sissi, venceu as eleições com 97% dos votos e atualmente está no seu segundo mandato após vencer as eleições de 2018 com a mesma porcentagem que ganhou no mandato anterior, o que levou a população considerar fraude nas eleições visto que o seu oponente era apoiador de Sissi e teve somente 3% dos votos. (EXAME, 2014)

Governo de Sissi

Nos mandatos de al-Sissi, o presidente tem de enfrentar desafios como as ameaças à segurança devido ao Estado Islâmico e a restauração da economia egípcia que sofreu uma queda conveniente à instabilidade política e às ameaças de segurança após a revolta popular de 2011. Convém ressaltar que em 2016 o Cairo lançou um programa de reformas econômicas para a obtenção de um empréstimo de 12 bilhões de dólares por parte do Fundo Internacional Monetário. (JORNAL CRUZEIRO, 2018)

A respeito do governo de Sissi, a população se encontra frustrada por mais um governo de um líder que não considera a democracia como prioridade. Há relatos que o governo atual do Egito é ainda mais autoritário do que a primeira tomada de poder pelos militares em 1952 liderado por Nasser. Em cinco anos como presidente, Sissi tem o recorde de sentenças de morte e monitoriza a mídia egípcia além de ser acusado de aprisionar seus oponentes políticos. (CORREIO BRAZILIENSE, 2018)

No livro de Steven Levitsky e Daniel Ziblatt “Como as democracias morrem” (2018, p.24), acredita-se que é essencial manter os autoritários fora do poder logo, eles precisam ser identificados. O primeiro passo para a identificação de um governante autoritário é a análise de seu passado; Sissi foi considerado o líder de um golpe militar que retirou Mohamed Morsi do poder, ou seja, é um elemento alarmante para o reconhecimento de um presidente autoritário. Porém, mesmo com essa informação, o militar se candidatou às eleições e venceu o que tornou possível mais medidas autoritárias no Egito.

Os quatro principais indicadores de autoritarismo expostos no livro são: Rejeição das regras democráticas do jogo; No último mês foram aprovadas emendas constitucionais que

possibilitam o governo de Sissi até 2030, além disso, durante a votação para a aprovação das emendas, o presidente subornou a população para que votassem a favor do seu governo. O segundo indicador é a negação da legitimidade dos oponentes políticos; houve uma possível fraude nas eleições presidenciais do Egito em 2018, pois a única concorrência do atual presidente era um apoiador do seu governo, ademais, o líder egípcio é acusado por aprisionamento de oponentes políticos.

O terceiro indicador do autoritarismo é a tolerância ou encorajamento à violência; apesar do controle da mídia, é relatado que o presidente triplicou as sentenças de morte sendo assim, um recordista de execuções. O último elemento para identificação de um autoritário é a propensão a restringir liberdades civis de oponentes e da mídia; como dito anteriormente, o presidente egípcio tem o controle da mídia de tal forma que é difícil encontrar fontes egípcias que difamem a imagem do presidente, os ativistas de direitos humanos são os que mais sofrem repressão pelo governante.

Segundo o livro, existem maneiras de distanciar o autoritarismo da democracia, porém, no Egito isso se torna difícil visto que mesmo com os esforços da população pró-democracia, os históricos de políticos eleitos tendem a se aproveitar do poder executivo e, analisando os governos dos presidentes egípcios é possível perceber que todos possuem os quatro indicadores de autoritarismo além de não possuírem tendências autoritárias antes mesmo de alcançarem o poder, ou seja, não houve um presidente que realmente defendeu a democracia.

O povo egípcio se encontra em uma situação conflituosa com o governo opressor que poderia ser alterada com o apoio de outros estados como aconteceu em 1981 com o auxílio dos Estados Unidos. Todavia, o último encontro entre Egito e Estados Unidos – Donald Trump e Fatah al- Sissi – mostrou que o presidente estadunidense apoia o governo de Sissi mesmo com as acusações de restrição dos direitos humanos, além de afirmar que as relações entre os dois países nunca estiveram tão bem desde o governo de Mubarak.

Relações com o Brasil

O extremismo ideológico vem acontecendo em vários países, dentre eles o Brasil. Durante as últimas eleições presidenciais houve uma grande divisão de ideologias extremistas, nas quais participavam o Partido dos Trabalhadores e o Partido Social Liberal que tinha como representante o atual presidente, Jair Messias Bolsonaro. O líder brasileiro foi capitão militar e defende o conservadorismo nos costumes. O novo presidente representa uma chance para a democracia

brasileira e para os cidadãos que, assim como o povo egípcio, temem um governo autoritário

O Brasil é um importante parceiro comercial do Egito visto que os dois países possuem um acordo de livre-comércio. O Egito equivale a 23% de aquisições de produtos brasileiros. Em 2016, o comércio entre os dois países alcançou 1,8 bilhões de dólares, dos quais 78% corresponderam a produtos coberto pelo acordo. (FEDERASUL, 2019)

A relação comercial entre o Brasil e os países árabes é fundamental para o comércio brasileiro dado que é o quarto principal bloco de destino das vendas externas, perdendo somente para a China, Estados Unidos e Argentina.

Em 2018, o Egito teve uma importante participação na pauta de exportações brasileiras, ocupando o segundo lugar em destinos de exportações, nos quais os principais produtos foram proteína animal, minério de ferro e milho. (NOTÍCIAS AGRÍCOLAS, 2018)

Apesar do acordo comercial, o Brasil pode sofrer prejuízos com as declarações do presidente, Jair Bolsonaro. Uma das promessas na campanha eleitoral de Bolsonaro é transferir a embaixada brasileira de Tel Aviv para Jerusalém, porém, o presidente optou para a criação de um escritório de negócios em Jerusalém somente para a promoção do comércio e sem fins diplomáticos. (BBC NEWS, 2019)

O discurso da alteração da localização da embaixada brasileira repercutiu como o reconhecimento de Jerusalém como capital de Israel, o que gerou um conflito diplomático entre o Brasil e os países árabes e poderia gerar embargos e sobretaxas das exportações brasileiras. Vale ressaltar que a mudança da embaixada é desejada por motivos de crenças religiosas, e não estratégia política. (BBC NEWS, 2019)

A neutralidade brasileira perante a questão Israel e Palestina continuará a ajudar as negociações do Brasil com os países árabes fazendo com que os acordos comerciais aumentem, gerando assim, mais lucros para o bloco árabe e o setor agropecuário brasileiro.

Referências

BBC. Bolsonaro em Israel: O que aconteceu de mais importante na visita do presidente até agora?. Disponível em: < https://www.bbc.com/portuguese/internacional-47740929> , Acesso em: 30 de abr. 2019.

BBC. Cronologia. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/noticias/000000_tegito.shtml> Acesso em: 30 de abr. 2019.

BBC. Entenda: o golpe no Egito. Disponível em: < https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2013/07/130704_egito_perguntas_respostas_bg> Acesso em: 30 de abr. 2019.

BBC. Mubarak se mantém no poder com mão-de-ferro há quase 30 anos. Disponível em: < https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2011/01/110131_perfil_hosni_mubarak_mv Acesso em: 30 de abr. 2019.

BBC. Saiba quem é quem na crise do Egito. Disponível em: < https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2011/02/110201_egito_quem_e_quem_rp > , Acesso em: 30 de abr. 2019.

CORREIO BRAZILIENSE. Egito: sonho de democracia deu lugar a regime militar opressivo. Disponível em: < https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/mundo/2018/02/11/interna_mundo,659183/egito-sonho-de-democracia-deu-lugar-a-regime-militar-opressivo.shtml Acesso em: 30 de abr. 2019.

DW. Morsi promulga nova Constituição do Egito. Disponível em: < https://www.dw.com/pt-002/morsi-promulga-nova-constitui%C3%A7%C3%A3o-do-egito/a-16480558> Acesso em: 30 de abr. 2019.

ESTADAO. Reação árabe a declarações de Bolsonaro pode ter impacto nas exportações. Disponível em: < https://economia.estadao.com.br/noticias/geral,reacao-arabe-a-declaracoes-de-bolsonaro-pode-ter-impacto-nas-exportacoes,70002588037> , Acesso em: 31 de abr. 2019.

EXAME. Al Sisi vence eleições no Egito com 96,91% dos votos. Disponível em: < https://exame.abril.com.br/mundo/al-sisi-vence-eleicoes-no-egito-com-96-91-dos-votos/> , Acesso em: 31 de abr. 2019.

FEDERAL SUL. Acordo beneficia 78% do comércio Brasil-Egito, diz secretário de comércio exterior brasileiro. Disponível em: <https://www.federasul.com.br/acordo-beneficia-78-do-comercio-brasil-egito-diz-secretario-de-comercio-exterior-brasileiro/> , Acesso em: 31 de abr. 2019.

LEVISTKY, Steven; ZIBLATT, Daniel. Como as democracias morrem. Estados Unidos: Zahar, 2018.

NOTICIAS AGRICOLAS. Disponível em: < https://www.noticiasagricolas.com.br/noticias/agronegocio/208015-exportacoes-brasileiras-para-os-paises-arabes-atingem-us-101-bilhao-em-janeiro-de-2018.html#.XO8Kmogvy1s > , Acesso em:23 de abr. 2019.

O GLOBO. Anwar Sadat é assassinado por extremistas em outubro de 1981. Disponível em: < https://acervo.oglobo.globo.com/fatos-historicos/anwar-sadat-assassinado-por-extremistas-em-outubro-de-1981-9225076> , Acesso em: 31 de abr. 2019.

OEC. Egito. Disponível em: < https://atlas.media.mit.edu/en/profile/country/egy/> , Acesso em: 31 de abr. 2019.

PSL. História. Disponível em: < https://www.psl-sc.org.br/historia> , Acesso em: 31 de abr. 2019.

Estados Unidos

Enzo Franciscatto

Gabriel Figueredo Oliveira

Lucas Fernandes Dias

Murilo Zampirolli

Os Estados Unidos da América são o país de maior território do continente americano, assim como uma das nações com a maior importância e influência política mundial. A hegemonia americana começou com o sucesso de seu sistema econômico capitalista industrial no século XIX e se consolidou após a Segunda Guerra, por meio dos investimentos americanos para reconstruir a Europa, e principalmente pelos acordos de Bretton Woods em 1944. Naquela conjuntura, os EUA foram protagonistas no remodelamento das finanças mundiais e na criação de regras de gerenciamento econômico.

Esse cenário se alterou apenas quando, de maneira unilateral no dia 15 de agosto de 1971, durante a crise de petróleo que ocorreu naquela época. Encerrou-se assim a conversão do dólar para ouro, o que criou uma moeda que não se baseava no padrão ouro, com o fim da guerra fria, e com a queda da União Soviética, transformou os Estados Unidos na principal potência mundial, o que trouxe poder de ação para o país.

O país está inserido em diversas organizações internacionais, além de possuir relações diplomáticas e comerciais com a grande maioria das nações do mundo. Sua representação política e econômica é aplicada por todo o planeta, e suas ações são capazes de influenciar no destino de quase todos os países do mundo. Essa questão é ainda mais presente na América Latina, já que por ser uma potência econômica e militar, principalmente após a consolidação do capitalismo liberal e as diversas intervenções na região durante os séculos XIX e XX, os EUA desempenham um papel de atuação junto aos governos da região na qual estão inseridos. A posição dos EUA em assuntos relativos à América Latina muitas vezes é decisiva para determinar o posicionamento do governo brasileiro em relação a tais questões.

Essa realidade é presente especialmente no Brasil. Atualmente, com a eleição de Jair Messias Bolsonaro, o Brasil assumiu uma posição de reaproximação com os americanos, por um alinhamento ideológico com o atual presidente americano Donald Trump, principalmente nas questões populistas que envolvem um desprezo pela velha política e por temas globais, como a

imigração e o cuidado com o meio ambiente.

Além da sua evidente importância geográfica continental e global, o poder dos EUA reside também em sua economia. O país caracteriza-se como a maior potência econômica mundial, com um PIB de US$19.48 trilhões (BANCO MUNDIAL, 2017), atuando como o maior importador de produtos no geral, bem como o segundo maior exportador. Sua moeda, o dólar, é a unidade de comércio internacional utilizada mundialmente para a grande maioria de pequenas e grandes transações internacionais há anos, desde a queda do padrão-ouro pós-1º Guerra Mundial. Além disso, os Estados Unidos são os principais atores nos regimes internacionais de comércio e financeiro, em especial na Organização Mundial do Comércio, Fundo Monetário Internacional, Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico e Banco Mundial.

Sua capacidade econômica possibilita também que o país assegure um protagonismo militar no continente. Os Estados Unidos destinam quase 3.5% de seu PIB (AGÊNCIA DE INTELIGÊNCIA CENTRAL, 2016) para gastos militares anualmente, investimento equivalente a US$ 670 milhões, majoritariamente utilizado para a construção de caças, desenvolvimento de bombas e inovação de suas forças armadas. Todos estes investimentos são postos em prática nas áreas de atuação militar do país, que se espalham por todo o planeta, principalmente nas regiões do Oriente Médio e Ásia Central. Atualmente, os Estados Unidos estão inseridos em um cenário global instável aos olhos do governo, por conta de interesses conflitantes com outras nações do mundo (principalmente Rússia e China), com questões tanto internas quantos externas em constante discussão.

Devido aos fatores de protagonismo descritos acima, essas situações fazem com que os EUA se tornem o centro de diversos acontecimentos relevantes no cenário internacional, de forma que sua organização interna interfira, e até mesmo designe, muitos palcos de atuação, alguns dos quais, o Brasil será um ator afetado. Dentre estes palcos, pode ser citada a recente guerra comercial entre Estados Unidos e China, os conflitos contra o regime Maduro na Venezuela e a crise imigratória na fronteira com o México.

O panorama político atual americano foi completamente alterado com as eleições do ano de 2016, quando o então candidato republicano Donald Trump, venceu em uma eleição marcada por escândalos sua opositora, a democrata Hillary Clinton. Seu discurso de campanha foi marcado por polêmicas. uso ostensivo de redes sociais e/ou mecanismos não tradicionais de campanha, especialmente associadas as denominadas fake news. Trump se apresentou como um conservador, ‘anti-establishment’ (ou os “burocratas de Washington”), e uma ‘elite econômica’ globalista e antinacional.

Trump foi hábil ao relacionar Clinton e o ex-presidente Obama como interlocutores de interesses contrários aos Estados Unidos, defendendo a tese que ambos se preocupariam mais com temas internacionais do que com o destino da população estadunidense. Após eleito, seu discurso se tornou mais moderado, ainda que tenha cumprido parte importante da sua agenda de governo, incluindo as propostas mais polêmicas de sua campanha, como a construção do muro na fronteira com o México, aplicação de tarifas de importação mais altas à China, nacionalização das empresas multinacionais.

Atualmente, mesmo com avanços econômicos – como a geração de empregos crescente e o aumento do PIB - o partido republicano perdeu a maioria do congresso, representando uma barreira para a aprovação de projetos do presidente e sofre pressão pela mídia e pelo próprio congresso pela investigação da interferência russa nas eleições de 2016.

Nesta análise de conjuntura serão estudados os palcos atuais mais relevantes para o Brasil nos quais os Estados Unidos se inserem, levando como base os três pontos principais citados. Com relação à economia, será analisada a situação da guerra comercial entre Estados Unidos e China e as consequências dessa guerra para o Brasil. No palco militar, será trabalhada a atuação dos Estados Unidos na conjuntura contemporânea da Venezuela, estudando também a posição tomada pelos diplomatas brasileiros em parceria com os estadunidenses. Por fim, no campo político, o objetivo é uma amostra geral do cenário eleitoral norte-americano até o momento e quais implicações os resultados das eleições de 2020 podem trazer à composição do próximo governo brasileiro, além de questões internas que envolvem a administração Trump e como isso pode afetar a política interna do país.

GUERRA COMERCIAL

Há pouco menos de um ano, no dia 6 de julho de 2018, teve início a guerra comercial entre Estados Unidos e China, quando o presidente dos EUA, Donald Trump, colocou em prática seu objetivo de tarifar mais de 1100 produtos de origem chinesa. Essa política aplicada sobre as importações incluiu um aumento de 25% de tarifas de importação sobre o aço e 10% sobre o alumínio, maquinários e eletrônicos chineses.

Todo esse pacote de tarifas feito por Trump foi fruto de suas promessas de campanha eleitoral em 2016, quando afirmou à população que tomaria medidas para tornar a economia americana menos dependente da China. As medidas protecionistas proferidas pela administração

Trump geraram uma imediata resposta do governo chinês de Xi Jinping, que aplicou simultaneamente uma elevação nas tarifas de importação sobre produtos norte-americanos como soja, carne bovina, petróleo e equipamentos médicos.

Os Estados Unidos mantêm sua economia operando em déficit comercial com os chineses desde 1985, quando o valor de suas importações passou a sobrepor o de exportações, escalando gradualmente ano após ano – principalmente durante a crise financeira de 2008 – chegando a um valor deficitário de US$ 419 bilhões em 2018 (BBC apud. CENSO DOS EUA, 2019). Durante esse período de 1985 a 2018, a China apresentou um grande crescimento em seu mercado de exportações. Cresceram também, na mesma medida, as denúncias de governantes americanos de que a China aplicava políticas de comércio mundial injustas – como o favorecimento de empresas nacionais através de subsídios – o que também causaria danos à economia estadunidense. Com base nessas justificativas, construiu-se o discurso protecionista de Donald Trump que o levou à presidência dos EUA e possibilitou a aplicação de suas medidas tarifárias, com o objetivo de reduzir o déficit comercial.

Até outubro de 2018, os EUA impuseram aproximadamente US$ 250 bilhões em tarifas sobre uma alta gama de produtos, partindo desde itens de uso doméstico, como motocicletas, roupas e calçados, até maquinários industriais. O governo chinês retaliou esta ação com taxas de US$ 110 bilhões (BBC apud. CENSO DOS EUA, 2019) sobre mercadorias americanas. Contudo, as negociações referentes a guerra comercial pareciam ter se estabelecido em dezembro de 2018, quando Trump anunciou a suspensão de um novo aumento de tarifas estimado em 25%, devido a um possível ajuste estrutural na economia chinesa, de forma que muitos analistas previam o fim da guerra comercial iniciada pelos EUA.

Apesar deste período de “paz comercial”, o governo Trump voltou a anunciar, desde março de 2019, novas medidas a serem tomadas contra o governo chinês, trazendo de volta a ideia do aumento das tarifas, de 10% para 25, onde os produtos mais afetados foram equipamento de telecomunicações, circuito de computador e unidades de processamento (BBC. apud. COMISSÃO DE COMÉRCIO INTERNACIONAL DOS EUA, 2019). Trump então acusou Pequim de tentar recuar nos termos de um esboço de acordo de 150 páginas feito no início de 2019, o qual poderia estabilizar a crescente taxação de produtos entre os dois países. De acordo com o presidente Trump, as mudanças feitas pela China neste pré-acordo – as quais não foram divulgadas – prejudicam a parceria econômica entre as duas nações [TRUMP, DONALD (@realDonaldTrump) “I say openly to President Xi & all of my many friends in China that China will be hurt very badly if you don’t make a deal because companies will be forced to leave China for other countries. Too

expensive to buy in China. You had a great deal, almost completed, & you backed out!" 13 de maio de 2019, 03:49. Tweet]. Após tentativas de novas negociações no decorrer do ano, ambos os países concordaram apenas em seguir com as trocas de notas, mas sem estabelecer nenhum acordo formal.

Essa disputa entre as duas maiores potências econômicas mundiais gerou uma grande instabilidade no mercado financeiro global. Essa fonte de incertezas gerou uma perda nas bolsas de parte do planeta, especialmente nas bolsas de valores chinesas, que foram altamente afetadas e apresentaram uma perda maior do que a bolsa norte americana: o índice Hang Seng de Hong Kong apresentou uma queda de mais de 13%, ao passo que o índice Xangai Composto registrou uma desvalorização brusca de 25%. Apesar de uma grande recuperação nos meses seguintes, ambas ainda operam em déficit de aproximadamente 2%. Em comparação, a Dow Jones, bolsa de valores dos EUA, teve uma baixa de apenas 6% no 2º semestre de 2018, mas acumulou uma alta de cerca de 11% desde então. (BBC apud. BLOOMBERG, 2019). Essa situação possibilitou confiança para que o governo dos EUA viesse a tomar ação contra os chineses.

Em 7 de maio de 2019, sob contínuas alegações de falta de cooperação chinesa, feitas pelos EUA, Donald Trump executou de fato seu plano de sobretaxação de 25% em mais de US$ 200 bilhões em produtos chineses, desencadeando uma imediata resposta de Xi Jinping, que anunciou também um aumento das tarifas sobre produtos importados dos EUA, porém, sem divulgar valores exatos.

O conflito comercial agora se encontra em sua fase mais tensa desde seu início, e tal situação pode continuar a gerar perdas severas nas bolsas de valores de ambos os países. Para terceiros, porém, a conflito pode trazer benefícios econômicos. Com as tarifas sobre importações chinesas e americanas em níveis tão altos, exportadores de outras regiões do mundo podem lucrar, como é o caso da Europa e América Latina, que terão seus produtos mais requisitados por apresentarem tarifas de importação menores e poderão assim desenvolver sua economia a curto prazo.

Além da questão do comércio direto, a guerra comercial causa um efeito nas empresas multinacionais presentes em ambos os países. Recentemente, com base nos estudos publicados na BBC Brasil em 2019, da Câmara de Comércio Americana na China, 75% das empresas dos Estados Unidos na China mostraram que são afetadas pelas tarifas aplicadas na Guerra Comercial e 40% aceitam a possibilidade de transferir seus centros de produção para outros países onde o custo seria menor. Se esse desejo dos empresários se concretizar, a China pode perder grande parte das multinacionais estrangeiras presentes em seu solo e precisar fornecer maior abertura a

investidores de outros países para compensar a perda das empresas norte-americanas. O mesmo efeito de perda pode ocorrer nos Estados Unidos, criando espaço para mais empresas latinas e europeias expandirem seus negócios dentro do território nacional.

Para o Brasil essa situação gera muitas incertezas. A economia brasileira é muito dependente das relações de importação e exportação com as grandes potências econômicas, principalmente no setor agrícola. Pelo fato de os produtos agrícolas dos EUA – como maçãs, soja, laranja – terem sido muito afetados pelos aumentos de tarifas de importação, a China precisa aumentar seus laços econômicos com outros mercados fornecedores. Produtos como frutas, grãos e carnes, comprados de outros países além dos EUA, representam para os chineses uma menor dependência dos norte-americanos. (OBSERVATORY OF ECONOMIC COMPLEXITY, 2017)

O Brasil, por ser o terceiro maior exportador agrícola mundial, acaba atuando como o protagonista nessa necessidade dos chineses. Uma situação assim mostra a necessidade dos EUA de “proteger” suas parcerias econômicas, por meio de novos acordos comerciais com países que sejam muito ligados à China. Novamente, há uma possiblidade de benefícios a curto prazo para os países latinos, resultante dessa disputa por mercado dos protagonistas da Guerra Comercial. (LATIN AMERICAN POST, 2019)

De acordo com o diretor de consultoria norte-americana da Eurasia Group, Christopher Garman, em entrevista para a BBC News Brasil em 2019: "A expectativa era que, com um acordo comercial mais abrangente entre China e EUA, o setor exportador brasileiro pudesse sofrer, particularmente porque um dos benefícios que os chineses ofereciam para os americanos era comprar mais produtos dos Estados Unidos, inclusive agrícolas". Por essa razão, percebe-se que, no momento, o cenário mais favorável para o benefício dos países da América Latina em geral é de que não haja um acordo formalizado.

O que mais dificulta a análise de prejuízos e benefícios consequentes da Guerra Comercial é sua imprevisibilidade. Como o rumo que será tomado por Trump e Xi Jinping continua incerto, é difícil que outros países estabeleçam benefícios de longo prazo frutos dessa situação. No momento atual, a Guerra Comercial vem colocando o Brasil em uma disputa favorável à nação. O ideal é que o país continue mantendo uma relação de equilíbrio com as duas potências.

VENEZUELA

A história da América Latina é historicamente marcada por fenômenos turbulentos que transformaram diversos países da região. Revoluções, regimes autoritários, desigualdades sociais

e corrupção preenchem a história do continente latino-americano, e os Estados Unidos não pouparam recursos e imposições de políticas neoliberais, aplicadas principalmente durante o final da Guerra Fria.

Mas nem o esforço da maior potência global é infindável. Depois da revolta popular em países como a Bolívia e Argentina contra os ciclos de privatizações nos anos 1990, houve uma reviravolta no cenário político com figuras políticas ditas como “progressistas”, e um dos protagonistas desse evento é Hugo Chávez, ex-presidente da Venezuela. Impulsionando a denominada “revolução bolivariana” no país, o governo chavista reestruturou o país com rigor, reivindicando os próprios recursos da Venezuela para o Estado e demonstrando uma posição hostil contra os Estados Unidos. (Center for Economic and Policy Research, 2009)

Extremamente dependente do petróleo, a Venezuela utilizava as receitas para investir em programas de assistência social, buscando promover o bem-estar da população nas áreas da educação, saúde, habitação, tecnologia e de emprego. Em razão da estatização da economia, foi gerada uma onda de protestos e abriu-se uma oportunidade para um golpe de Estado orquestrado por empresários, uma parcela da igreja católica e das Forças Armadas Venezuelanas, sendo Pedro Carmona o principal ator desse processo, depondo Hugo Chávez do poder. Mas o plano foi frustrado pela falta de suporte internacional e da população venezuelana, mesmo que os Estados Unidos e a Espanha tenham reconhecido Carmona como presidente. Sendo assim, Hugo Chávez havia retornado ao poder, acusando o governo norte-americano de ter chefiado tal agressão à soberania da Venezuela. (The Guardian, 2002)

Sobre a sua oposição aos Estados Unidos, Hugo Chávez já expôs a sua admiração por Fidel Castro como uma manobra de confrontar a política de isolamento de Cuba por parte dos EUA e criticou a sua política externa e econômica agressiva contra o Iraque, Líbia e o Caribe. Assinou cooperações técnico-militares com a Rússia e fechou parcerias econômicas com a China. (Xinhua News, 2009) Esta aliança, à perspectiva norte-americana, pode relembrar os tempos sombrios da Crise dos Mísseis de 1962, quando Cuba era associada com a União Soviética e firmava acordos bélicos na ilha caribenha. Apesar das condenações e insultos contra o governo norte-americano, expressadas pelo presidente venezuelano, ainda remanescia negócios com os estadunidenses, que compravam o petróleo venezuelano. (US Energy Information Administration)

Depois da morte de Hugo Chávez, vítima de um câncer, a Venezuela passou por uma profunda depressão e se desestabilizou, perdendo o seu rumo no ramo político e econômico. Por meio dos termos legais da Constituição venezuelana, o presidente da Assembleia Legislativa adquire o poder quando um presidente morre antes de sua posse oficial. Como resultado, havia

um embate entre o governo e a oposição e isso agravou a instabilidade interna dentro do país devido as longas discussões sobre quem assumiria a posição de Chefe de Governo e de Estado. Por fim, novas eleições foram aplicadas em abril de 2013 e Nicolas Maduro se tornou o presidente da Venezuela. (Fox News, 2013)

Embora sucedesse o líder, a filosofia permanecia a mesma: a inamistosa relação com os norte-americanos estava impregnada na política venezuelana. Em março de 2015, o Presidente dos Estados Unidos Barack Obama classificou a Venezuela como uma ameaça à soberania nacional e promoveu diversas sanções contra determinados políticos venezuelanos, alegando que tais indivíduos estavam envolvidos em violação dos direitos humanos. (CNN Business, 2015) Tal medida não foi muito bem recebida na Comunidade dos Estados Latino-americanos e Caribenhos (CELAC), criticando a postura norte-americana de "interferir nos processos democráticos na Venezuela". (International Business Time, 2015)

Com a vitória de Donald Trump nas eleições em 2016, Maduro o felicitou e demonstrou ter uma grande expectativa em estabelecer uma conexão positiva entre as nações, doando cerca de U$500 mil para a cerimônia de inauguração por meio de uma subsidiária dos EUA da petrolífera estatal venezuelana PDVSA, a Citgo Petroleum. Ainda convém lembrar que nesse período a Venezuela passava por momentos conturbados: opositores e partidários culminavam protestos contra o regime Maduro, o preço do petróleo transitava em uma constante queda, chegando à U$45 o barril. (INDEX MUNDI, 2017)

Em 2017, mostrava-se os primeiros sinais de desdobramentos políticos na Venezuela. As inúmeras tentativas de silenciar a oposição fez com que Maduro decretasse um ultimato, evocando uma Assembleia Nacional Constituinte. (Agencia Efe, 2017) De imediato, os Estados Unidos, Brasil, Colômbia, a comunidade internacional e a oposição reprovaram a ação do governo venezuelano, declarando que tal medida é uma tática de se perpetuar no poder. Ainda nesse ano, outro fator existente é o anúncio de uma opção militar por parte de Donald Trump na questão venezuelana. O discurso retumbou no cenário mundial e alarmou os países da América Latina. (Los Angeles Times, 2017)

Em virtude do caos instaurado na Venezuela, incluindo as perseguições políticas, censuras à imprensa, acusações de falta de transparência e cumprimento nos padrões internacionais às eleições para a presidência, e a violação dos direitos humanos, muitos países, principalmente do continente americano, não reconheceram Maduro como presidente. Ao tomar posse do cargo, o líder venezuelano encontrou um adversário político que ascendeu no quadro interno quanto no externo: Juan Guaidó, autointitulado presidente interino da Venezuela.

Representando a figura principal de oposição do regime de Nicolas Maduro, criou-se uma imagem de que Guaidó representava a "esperança" diante a uma situação tão instável na Venezuela. (The Guardian, 2019)

Guaidó buscou reconhecimento internacional visitando os países que se posicionaram contra o governo Maduro. A partir disso, nota-se uma mudança radical no curso da arena internacional. Uma personalidade venezuelana pró-ocidente é um instrumento crucial para os Estados Unidos alcançar um conforto em um território influenciado pelos seus maiores rivais: China e Rússia.

Essa transformação de eventos despertou a atenção destes países que, em consequência disso, adotaram táticas que impediram o progresso dos Estados Unidos, como o envio de tropas russas a Venezuela. Com uma simples manobra política-militar, Trump se encontrou encurralado. Um equilíbrio de poder se instaurou na Venezuela e o embate de interesses que se centralizava no continente americano tomou proporções imensuráveis, chegando até a Eurásia. (DW, 2019)

Ainda que os Estados Unidos tenham elevado o tom para dispersar a Rússia dessa questão, é compreensível que o nível de força norte-americana não é mais a mesma depois do fim do século XX, mesmo que sua capacidade econômica e militar seja superior. (New York Times, 2019) As hegemonias são regionais, a balança de poder na atual conjuntura faz com que os três membros permanentes do Conselho de Segurança – Estados Unidos, China e Rússia – controlam as projeções de poder ao mesmo tempo que nações aspirantes ao desenvolvimento, como o Brasil, enfraquece o seu prestígio diplomático ao se mostrar dependente das decisões externas, permanecendo de mãos atadas.

MÉXICO

As tensões entre Estados Unidos e México sempre estiveram latentes por causa de suas fronteiras, os problemas entre esses dois países com relação a isso estiveram presentes durante grande parte de suas histórias. A forte política atual de Donald Trump sobre a criação do muro é algo que pode despertar antigos conflitos entre os dois países.

Desde os anos 90 os governos de George H.W Bush e Bill Clinton já vinham com intenções de construir barreiras, e algumas foram construídas nas estradas da Califórnia, Arizona, Novo México e Texas. Essa política de construção de muros se intensificou 1994 com no mandato de Bill Clinton, que cria a Operação Guardião para controlar a imigração ilegal nas fronteiras de San Diego e Tijuana. Com isso, o governo levanta um muro de 14 milhas, além de aumentar o valor de

multas para estrangeiros ilegais e também o investimento de recursos para a Patrulha de Fronteira. (POLITIZEI, 2019)

A política de imigração relacionada ao muro aumenta significativamente no início do século XXI após o ataque do 11 de setembro 2001, assim, no ano de 2006, durante o governo de George W. Bush, foi aprovada a construção de mais 700 milhas de muro na fronteira. Tendo esses fatos em mente, é importante entender que a política atual de Donald Trump sobre o muro não é uma ideia nova, mas sim, a continuação de outras. (EXAME, 2017)

O presidente dos EUA começou o ano de 2019 ameaçando, pelo seu Twitter, o fechamento das fronteiras do México por causa da crescente imigração e acusa o governo mexicano de não tomar providencias sobre isso, mesmo tendo ganhos suficientes para a manutenção das fronteiras.

De acordo com Trump: [TRUMP, DONALD (@realDonaldTrump)]

"The DEMOCRATS have given us the weakest immigration laws anywhere in the World. Mexico has the strongest, & they make more than $100 Billion a year on the U.S. Therefore, CONGRESS MUST CHANGE OUR WEAK IMMIGRATION LAWS NOW, & Mexico must stop illegals from entering the U.S [...] I will be CLOSING the Border, or large sections of the Border, next week. This would be so easy for Mexico to do, but they just take our money and "talk." Besides, we lose so much money with them, especially when you add in drug trafficking etc.), that the Border closing would be a good thing!"

Demonstrando uma postura firme contra seu vizinho de fronteira, o México declarou o fato de que existem muitos americanos em seu território, uma resposta que possivelmente não deveria surgir tantos efeitos ao os EUA. Contudo, uma semana depois das declarações sobre o fechamento da fronteira, Trump cancelou o fechamento da fronteira em uma semana e da ao México um ano para resolver seus problemas de fronteira. (BBC, 2019)

Um fechamento de fronteira entre os dois países poderia gerar grandes problemas para ambos, quando consideramos que as exportações e importações totais entre eles, respectivamente, EUA com 15% e 14% e México com 73% e 51% (OEC).

Outro assunto que abala as estruturas entre os países foi o caso dos menores de idade presos em "jaulas" e separados de seus pais por não terem documentos, em 2018. Trump anuncia que a culpa desse modo de tratamento veio de Barack Obama e declara:

"Durante o governo de Obama havia separação de Crianças. "(The Washington Post,2019)

Mesmo com essa declaração, o Departamento de Segurança Interna dos Estados Unidos declarou que não tinha registros sobre o número de crianças separadas pelos pais, mas, os

funcionários afirmam que isso era dificilmente feito, somente em casos em que a vida da criança estava em risco. Não foi até a vinda do programa de "tolerância zero" de Trump que começou a separar as crianças sistematicamente, ação na qual os funcionários sob Obama consideravam extrema. (The Washington Post,2019)

Como continuação dos problemas de imigração, Trump declara o fechamento da parte sudoeste da fronteira, quebrando sua afirmação original que dava "um ano" para que o México arrumasse seus problemas com a fronteira, porém mesmo com esse aviso ele continuava pressionando os assessores para interromper os pedidos de asilo pela fronteira mexicana. O presidente afirma que já estava frustrado com a situação que via na televisão sobre a situação das fronteiras, e ainda ridicularizou aqueles que pediam asilo alegando condições difíceis. (The Washington Post, 2019)

A política de Trump com relação ao México afeta Brasil principalmente agora, como as relações entre os dois países se tornaram mais próximas, e nota-se que o governo brasileiro está seguindo a política externa do governo americano. Isso é um fator decisivo quando consideramos que o Brasil é o país mais influente sobre aqueles nos quais ele faz fronteira, um governo agressivo com a questão das fronteiras como os Estados Unidos atualmente poderia causar diversos problemas com as relações exteriores do país. As decisões tomadas a seguir com o governo americano e a política fronteiriça em que eles seguirão é decisiva em como o Brasil pode estar se relacionando com seus países vizinhos no futuro.

PERSPECTIVAS ELEITORAIS (CANDIDATOS E PLATAFORMAS)

A vitória de Donald Trump nas eleições de 2016 mudaram drasticamente a política interna do país. Seu mandato é marcado por trazer avanços econômicos ao país, como o crescimento de 2,3% do PIB e uma diminuição do desemprego(BANCO MUNDIAL), e por declarações controversas tanto nas questões que envolvem política externa quanto interna, que reforçam seu comportamento polêmico visto nas campanhas, afastando ainda mais parcelas de grupos que já o olham com certa desconfiança, como a mídia e instituições tradicionais.

Trump se vendeu como um candidato diferente de qualquer outro até aquele ponto, se colocando como um cidadão comum, igual a qualquer outro americano, que gostaria de governar o país, acusando os outros candidatos, e a classe política como um todo de ser comandada por burocratas e "elites globalistas", que pensam muito mais em enriquecer no exterior do que de trazer lucros e benefícios para o próprio povo americano. Analisar os alinhamentos políticos de

Trump é uma tarefa complicada, porém são notórios certos padrões relativamente alinhados à direita republicana e a uma política populista de *anti-establishment*.

O atual presidente também se utilizou demasiadamente das mídias sociais, principalmente o Twitter, para se comunicar com seu eleitorado, em certos casos se desvinculando e atacando a própria mídia tradicional americana, como a rede de canais CNN, e em outros a apoiando abertamente, como é o caso do canal de televisão Fox News, mais alinhado aos republicanos. Esse modelo de comunicação consegue o desvincular de uma imagem supostamente negativa que alguma emissora de TV poderia passar sobre ele, e o coloca em uma "bolha" junto com seus apoiadores fanáticos. Uma acusação frequente de seus opositores é que o candidato e seus eleitores propagam as chamadas *fake news*, e que estas tiveram um papel decisivo no processo eleitoral.

Outra acusação do período eleitoral seria a de que Trump havia conspirado com hackers russos para obter vantagens contra sua concorrente Hillary Clinton, principalmente na divulgação de e-mails vazados desta por meio do grupo *Wikileaks*, que impactaram profundamente a campanha de Clinton semanas antes da eleição. Para se analisar essa situação, uma enorme investigação comandada por Robert Muller iniciou a produção de um extenso relatório que tornaria explícito a real relação de Trump com entidades russas, caso ela existisse. O relatório foi revelado no dia 18 de abril e mesmo que não conseguisse ligar Trump a grupos russos, não o absolvia do crime, mesmo com a prisão de diversos ex-assessores do presidente em todo esse processo. Para o presidente, todo o relatório foi motivo de comemoração, principalmente nas mídias sociais, como um verdadeiro inocente no caso. (WASHINGTON POST)

Toda a cobertura midiática sobre o relatório diminuiu a popularidade do presidente, atingindo os menores índices para Trump no ano, mostrando que grandes setores da população acreditem que Trump esteja envolvido em certa medida no conluio com os russos. A popularidade do presidente no geral é considerada baixa, com os menores números de qualquer presidente após a Segunda Guerra Mundial, com índices de 37.0% de aprovação, após o relatório de Muller. (G1. Apud. PESQUISA REUTERS/IPSOS) para os avanços econômicos de caráter populista, como a diminuição do desemprego, Trump deveria ter índices melhores.

Outro abalo para o presidente e seu partido, foram as eleições para o legislativo de 2018, que colocaram maioria democrata no Congresso, mostrando uma mudança de paradigma na sociedade americana. Uma maioria democrata no congresso só ocorreu em 1974, logo após os escândalos de Watergate que envolveram o partido republicano, sendo sinal de um descontentamento com o governo atual. (GALLUP) com essa maioria democrata, muito dos planos

de Trump, como a construção do muro na fronteira do México e a abolição do *Obamacare*, foram barradas no congresso. Programas sociais como o *Obamacare* só ganharam mais apoio entre a população, principalmente após ameaças de Trump de encerrá-los, o que contribui a diminuir a popularidade do governo.

Os diversos escândalos do presidente, que envolvem desde pagamentos para ocultar casos extraconjugais até sua relação com os russos, criam uma retorica favorável ao impeachment. Alguns setores democratas defendem essa tese explicitamente, principalmente após trechos do relatório de Muller estarem ocultos ao público, o que causou um questionamento do porquê se manter aqueles trechos ocultos. Porém, a líder do congresso, a democrata Nancy Pelosi, acredita que o partido deveria ser cauteloso nessas afirmações, e agir somente baseado em informações concretas. (CNN)

Trump também precisa se preocupar agora com as eleições de 2020, se preparando para as prévias já este ano. Como adversários, pode encontrar Bernie Sanders, político que ganhou muita força após concorrer com Hillary a vaga de candidato democrata, Sanders se autodeclara "socialista", um tipo de posicionamento inusitado no país, e se coloca também como uma força popular *anti-establishment*, que busca " quebrar" os oligopólios do país e trazer certa justiça social. Também está no páreo, Joe Biden, vice-presidente do ex-presidente democrata Barack Obama, sendo o pré-candidato democrata que mais arrecadou dinheiro até agora. Porém, sofre acusações de assédio sexual por diversas mulheres, o que pode afetar muito sua campanha.

Donald Trump tem um certo favoritismo na eleição, pelo fato da maioria dos presidentes conseguirem se reeleger nos EUA. Trump antes da divulgação do relatório de Muller, tinha 40% de aprovação, números próximos ao do presidente Obama quando foi reeleito. (BUSINESS INSIDER) Sua popularidade é devida as decisões envolvendo o mercado de trabalho, com salários em ascensão e uma economia forte, o que aumentam ainda mais suas chances. Por último, Trump consegue arrecadar enormes quantias de fundo para a campanha, o que facilita seus interesses eleitorais.

Por outro lado, muitos analisam que Trump precisa de uma oponente impopular para vencer e uma base democrata desinteressada, como ocorreu em 2016. Os democratas recentemente se colocam cada vez mais à esquerda, e se consideram cada vez mais liberais. Sanders precisa conquistas os votos dos não brancos e democratas mais velhos se quiser realmente ampliar seu eleitorado. Biden ainda é o favorito dos democratas, com 1/3 do eleitorado, com Sanders logo atrás com 1/4. (VANITY FAIR)

Referências

EC (OBSERVATORY OF ECONOMIC COMPLEXITY). Disponível em: https://atlas.media.mit.edu/pt/visualize/tree_map/hs92/import/chn/show/0202/2017/. Acesso em: 22/05/2019 .

FERNANDA BARINAS, María. Did Latin America win the lottery with the US-China trade war?. Latin American Post. 5 de setembro de 2018. Disponível em: https://latinamericanpost.com/23058-did-latin-america-win-the-lottery-with-the-us-china-trade-war. Acesso em: 22/05/2019.

PALUMBO, Daniele; NICOLACI DA COSTA, Ana. Guerra comercial: 5 gráficos para entender a disputa entre EUA e China. BBC News Brasil. 13 de maio de 2019. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/internacional-48228954. Acesso em: 21/05/2019.

TRUMP, DONALD (@realDonaldTrump) “I say openly to President Xi & all of my many friends in China that China will be hurt very badly if you don’t make a deal because companies will be forced to leave China for other countries. Too expensive to buy in China. You had a great deal, almost completed, & you backed out!” 13 de maio de 2019, 03:49. Tweet]. Acesso em: 21/05/2019.

Venezuela:

BIERMAN, NOAH. Trump “not going to rule out military option in Venezuela”. Los Angeles Times, 11 de agosto de 2017. Disponível em: https://www.latimes.com/politics/washington/la-na-essential-washington-updates-trump-not-going-to-rule-out-military-1502493650-htmlstory.html. Acesso em: 25/05/2019.

DW. Russia sends military planes to Venezuela. Associated Press. DW. 25 de março de 2019. Disponível em: https://www.dw.com/en/russia-sends-military-planes-to-venezuela/a-48047119. Acesso em: 26/05/2019.

EIA (Energy Information Administration). Disponível em: https://www.eia.gov/dnav/pet/hist/LeafHandler.ashx?n=PET&s=MTTIMUSVE1&f=M. Acesso em: 22/05/2019.

GILLESPIE, Patrick. President Obama slaps sanction on Venezuela. CNN Business, 10 de março de 2015. Disponível em: https://money.cnn.com/2015/03/09/news/economy/united-states-sanctions-venezuela/. Acesso em: 23/05/2019.

INDEX MUNDI. Disponível em: https://www.indexmundi.com/pt/pre%C3%A7os-de-mercado/?mercadoria=petr%C3%B3leo-bruto-brent&meses=300. Acesso em: 23/05/2019.

MINGXIN, Bi. Venezuela, Russia discuss 46 cooperations projects. Xinhua News, 07 de novembro de 2011. Disponível em: https://web.archive.org/web/20160304100739/http://news.xinhuanet.com/english/2008-11/07/. Acesso em: 22/05/2019.

ROGERS, Katie. Trump Warns Russia to 'Get Out' of Venezuela. The New York Times, 27 de março de 2019. Disponível em: https://www.nytimes.com/2019/03/27/us/politics/trump-russia-venezuela.html. Acesso em: 26/05/2019.

TEJAS, Aditya. Venezuela President Nicolas Maduro Granted Special Powers Designed to Counter 'Imperialism'. International Business Times, 13 de março de 2015. Disponível em: https://www.ibtimes.com/venezuela-president-nicolas-maduro-granted-special-powers-designed-counter-1845794. Acesso em: 23/05/2019.

Venezuela foreign minister says Vice President Maduro assumes interim presidency. Associated Press. Fox News. 5 de março de 2013. Disponível em: https://www.foxnews.com/world/venezuelas-foreign-minister-says-vp-maduro-is-interim-president. Acesso em: 23/05/2019.

Venezuelan gov't proposes constitutional assembly election on July 30, Agencia Efe. 4 de junho de 2017. Disponível em: https://www.efe.com/efe/english/world/venezuelan-gov-t-proposes-constitutional-assembly-election-on-july-30/50000262-3286879. Acesso em: 24/05/2019.

VULLIAMY, Ed. Venezuela coup linked to Bush Team. The Guardian, 21 de abril de 2002. Disponível em: https://www.theguardian.com/world/2002/apr/21/usa.venezuela. Acesso em: 21/05/2019.

WEISBROT, Mark; Ray, Rebecca; Sandoval, Luis. The Chávez Administration at 10 Years: The Economy and Social Indicators. Acesso em: 21/05/2019.

ZÚÑIGA, Mariana; PHILLIPS, Tom. Venezuela: opposition leader declares himself ready to assume presidency. 11 de janeiro de 2019. Disponível em: https://www.theguardian.com/world/2019/jan/11/venezuela-maduro-juan-guaido-assume-presidency. Acesso em: 25/05/2019.

México:

FIGUEIREDO, Daniel. Muro EUA- Entenda a polêmica. Politize! Pub. 19 de fevereiro de 2019. Disponível em: https://www.politize.com.br/muro-eua-mexico-trump/. Acesso em: 26/05/2019.

TRUMP, DONALD (@realDonaldTrump) "The DEMOCRATS have given us the weakest immigration laws anywhere in the World. Mexico has the strongest, & they make more than $100 Billion a year on the U.S. Therefore, CONGRESS MUST CHANGE OUR WEAK IMMIGRATION LAWS NOW, & Mexico must stop illegals from entering the U.S […] I will be CLOSING the Border, or large sections of the Border, next week. This would be so easy for Mexico to do, but they just take our money and "talk." Besides, we lose so much money with them, especially when you add in drug trafficking etc.), that the Border closing would be a good thing!" 29 de março de 2019. 12:43. Tweet. Acesso em:20/05/2019.

PRAMUK, Jacob. Trump threatens to close 'large sections' of US-Mexico border next week over illegal immigration. CNBC. Pub.29 de Março de 2019. Disponível em: https://www.cnbc.com/2019/03/29/trump-threatens-to-close-us-mexico-border-over-illegal-immigration.html. Acesso em: 26/05/2019.

MIROF, Nick; Dawsey, Josh; BADE, Rachael. Trump administration considers revised version of family separation tactic. The Washington Post. Pub. 9 de Abril de 2019. Disponível em: https://www.washingtonpost.com/immigration/trump-denies-plan-to-separate-migrant-families-blames-obama-for-cages/2019/04/09/25457caa-5ae7-11e9-a00e-050dc7b82693_story.html?amp;utm_term=.c8342837955b&noredirect=on&utm_term=.426cbfb13cb6. Acesso em: 27/05/2019.

OEC (OBSERVATORY OF ECONOMIC COMPLEXITY). Disponível em: https://atlas.media.mit.edu/en/profile/country/usa/. Acesso em: 27/05/2019.

Perspectiva eleitorais (candidatos e plataformas):

BEAUCHAMP, Zack. New gallup data shows a possible path to victory for Bernie Sanders. Vox. Post.19 de fevereiro de 2019. Disponível em:https://www.vox.com/2019/2/19/18231538/bernie-sanders-2020-win-chances-gallup. Acesso em: 27/05/2019.

CILLIZZA, Chris. It just got harder for Democrats not to impeach Trump. CNN. Post.30 de maio de 2019. Disponível em: https://edition.cnn.com/2019/05/29/politics/impeachment-donald-trump-democrats-nancy-pelosi/index.html. Acesso em: 26/05/2019.

DA VINHA, Luís Miguel. The Electoral Victory of Donald Trump: An Analysis of Institutional Dysfunction. Scielo. Post. Junho de 2018, Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-44782018000200007. Acesso em: 28/05/2019.

HALTIWANGER,John. There's a growing amount of evidence that Trump has a great shot of being reelected in 2020.Business Insider.Post.17 de abril de 2019. Disponível em: https://www.businessinsider.com/trump-has-a-big-chance-of-being-reelected-in-2020-2019-4. Acesso em: 28/05/2019.

SHIN, Youjin; ESTEBAN, chiqui; Keating, dan.Timeline: The who, what, where of the sprawling Mueller investigation. The Washington Post. Post.19 de abril,2019. Disponível em: https://www.washingtonpost.com/graphics/2019/politics/mueller-investigations-plots/?utm_term=.6fa367fbbbf3. Acesso em: 27/05/2019.

França

Juliana Gadotti Guimarães

A República Francesa, localizada na Europa Ocidental, possui uma população de aproximadamente 67,19 milhões, economicamente, é a terceira maior potência europeia e sexta mundial. O país se organiza como uma república democrática semi-presidencialista, sendo o Parlamento francês o mais alto órgão legislativo do país e segue o sistema bicameral. Essa estrutura se divide em duas câmaras independentes, sendo o Senado, composto por 348 senadores eleitos indiretamente, e a Assembleia Nacional, composta por 577 deputados eleitos por duas voltas. O Presidente do país pode ser eleito por 5 anos (com direito a uma reeleição) e é a função política de maior prestígio e maior respeito. A população francesa possui uma boa qualidade de vida, apresenta bons indicadores sociais, além disso, a renda per capita é uma das melhores do mundo, possui o IDH de 0,901 (2017). (INSEE, 2017)

A França conta com 10 partidos ao total. Dois de extrema-esquerda, o Partido Comunista Francês (PCF) e a França Insubmissa (FI). Outros dois de esquerda, Partido Socialista (PS) e Partido Radical de Esquerda (PRG), que apesar do nome, seus ideais não se encaixam no extremismo. Três partidos de centro, A República Em Marcha! (REM), cujo o atual presidente faz parte e conta com o maior número de cadeiras na Assembleia Nacional Francesa, com 308 de 577, o Movimento Democrático (MoDem) que é o terceiro a ter mais cadeiras na Assembleia com 42 de 577 e por fim, União dos Democratas e Independentes (UDI). Conta com apenas um partido de direita, Os Republicanos (LR) que contém 113 de 577 cadeiras sendo o segundo mais influente. Também tem o partido de Marine Le Pen, Frente Nacional, de extrema-direita, que apesar de contar com apenas 8 cadeiras na Assembleia, vem ganhando força. E por fim, União Popular Republicana (UPR) que defende o Frexit, movimentação de libertação nacional da UE. (POLITIZE, 2018)

Macron foi eleito em 2017 no segundo turno com 30 pontos de vantagem sobre sua adversária, Marine Le Pen. Com 39 anos, é o presidente mais novo a governar o país desde a instauração da Quinta República. Considerado um político de centro, agrada tanto a direita como a esquerda francesa, assumiu o ministério da economia em 2014 e saiu em agosto de 2016, após anunciar a criação do próprio partido de centro e em novembro anunciou sua candidatura à presidência. Grande parte de suas propostas de campanhas se referem a impostos, como o incide sobre as empresas (de 33,3% para 25%), alterar a cobrança do imposto sobre grandes fortunas .

Defende a integração com a União Europeia, combate e tolerância zero ao crime e ao terrorismo. (G1, 2017)

ECONOMIA GERAL

A França é 6° maior economia mundial de exportação, em 2017, seu PIB foi de US$ 2,58 Trilhões, exportou US $ 516 Bilhões e importou US $ 595 bilhões, seus principais produtos de exportação são: aviões helicópteros e/ou espacial (9,4%); medicamentos embalados (4,8%); carros (4,7%) e peças de veículos (3,6%). Já suas importações são diversas, porém podemos destacar:: carros (5,9%); petróleo bruto (3,5%); petrolíferos refinados (2.8%); petróleo (2,6%) e medicamentos embalados (2.4%). (OEC, 2019)

A Europa é destino de 64% das exportações da França, os principais destinos, em geral, são : Alemanha (13%); Bélgica-Luxemburgo (7.7%); Itália (7.7%); Espanha (7.3%) e Reino Unido (7%), que fica igualado aos Estados Unidos (7%). O Brasil aparece apenas com 0,71% porém, na América do Sul, ainda assim é o principal destino, se destacando com 45% das exportações para o continente e distante da Argentina, Chile e Colômbia com 17%, 16% e 11%, respectivamente. (OEC, 2019)

Já para as importações não é muito diferente, porém logo em seguida da Alemanha com 17%, vem a China com 8.9%, sendo seguida por Itália, Bélgica-Luxemburgo e Espanha com 8.1%, 7.5% e 6.8%, respectivamente. O Brasil representa 50% de toda a importação da América do Sul, porém apenas 0.47% do total. (OEC, 2019)

CRISE POLÍTICA

Desde que foi eleito, em 2017, Macron vem perdendo popularidade, e a situação se agravou depois do início dos protestos pelos chamados “coletes amarelos”, que ocorrem a cerca de 6 meses, toda semana, aos sábados, contra a política do atual presidente, as manifestações se iniciaram pelo aumento do preço do combustível e acabaram por aderir várias outras causas, levando a perda de foco do movimento e a dificuldade de realizar as exigências dos manifestantes, que como não possuem uma liderança sólida, fazem a negociação com o governo ser algo trabalhoso.

Esses protestos resultaram na desestabilização do atual governo, levando a recusa do presidente em certas ações que seus eleitores consideravam importantes e a tomar medidas que vão contra as promessas de campanha. De maneira geral, os pontos mais reclamados são: o lento

crescimento da economia e questões de segurança como se sentirem constantemente ameaçados, principalmente por extremistas islâmicos. Esse conjunto de acontecimentos direcionaram a população francesa a crer que uma mudança radical deve redefinir a situação atual, levando o partido de Marine Le Pen, Reunião Nacional, da extrema-direita, a crescer popularmente e, popularmente e, na eleição para o Parlamento Europeu, que ocorreu no último dia 26, a levar a maioria das cadeiras de acordo com pesquisas, a diferença para o partido do atual presidente, Macron, não é grande, mas já é significativa ao apontar o crescimento da direita na França. (BBC, 2019)

Enquanto Marine Le Pen defende o nacionalismo francês, o euroceticismo, acreditando que a União Europeia retira a soberania e identidade do país, e é conservadora, estimulando os comportamentos tradicionais, do outro lado, Macron é europeísta, defende que a interação a UE é benéfica ao país, também em contraponto a sua rival, apresenta pautas progressistas. Já nas pautas econômicas, ambos são defensores do liberalismo. (O GLOBO, 2019)

FRANÇA E BRASIL

O acordo comercial entre o Mercosul e a União Europeia possui um longo histórico, entre progressos e recessões, diversos obstáculos surgem a todo tempo para impedir que o acordo se concretize. No ano 2000, o início da junção dos dois blocos foi estruturado no diálogo político, cooperação e comércio, porém já em 2004 as negociações se depararam com as divergências de interesses e estagnaram. A Política Agrícola Comum da parte europeia é um dos principais obstáculos enfrentados, pois parte dos países europeus é contra a completa liberalização do setor, visto que os países do Mercosul são grandes produtores agrícolas, sendo potentes competidores. (ESTADAO, 2018)

Nos mais recentes encontros para negociar os temas pendentes, ambas as partes falam sobre os avanços positivos das negociações, porém não deixam de citar que ambas as partes terão que ceder um pouco para a concretização do acordo. A comissária de Comércio da Comissão Europeia, Cecilia Malmström, apesar de ressaltar a prosperidade das negociações, evita especular alguma data, também ressalta a importância do compromisso do Brasil com a negociação. (VALOR, 2018)

Durante as eleições brasileiras, o presidente da França alfinetou o até então candidato a presidência, Jair Bolsonaro, pois o mesmo recusou que o país sediasse a Conferência do Clima das Nações Unidas, em resposta, Macron afirmou que o progresso da negociação econômica

entre UE e Mercosul dependerá do posicionamento do mesmo sobre o Acordo de Paris, visto que a França não realiza negócios com quem não o cumpre. Bolsonaro declarou que o país não irá assumir compromissos ambientais ou se sujeitará aos interesses de outras nações que podem impactar o agronegócio brasileiro. Como consequência desses atos, o governo francês enviou apenas um embaixador para prestígio da cerimônia de posse de Bolsonaro. (VALOR, 2018; FOLHA DE SÃO PAULO, 2019)

Referências

BBC. Eleições para Parlamento Europeu: quem são os ganhadores e perdedores e o que isso representa. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/internacional-48420794 .Acesso em: 30/05/2019

ESTADAO. As negociações Mercosul-União Europeia. Disponível em: https://economia.estadao.com.br/noticias/geral,as-negociacoes-mercosul-uniao-europei a,70002659725 . Acesso em: 27/05/2019

EUROPA EU. França. Disponível em: https://europa.eu/european-union/about-eu/countries/member-countries/france_pt Acesso em: 30/05/2019

FOLHA DE SÃO PAULO. Equipe de Macron decide mandar apenas embaixador à posse de Bolsonaro. Disponível em: https://painel.blogfolha.uol.com.br/2018/12/30/equipe-de-macron-decide-mandar-apenasembaixador-a-posse-de-bolsonaro/. Acesso em: 27/05/2019

INSEE. Disponível em: https://www.insee.fr/fr/accueil. Acesso em: 26/03/2019

O GLOBO. Líder da extrema-direita na França, Marine Le Pen revela seu programa. Disponível em: https://oglobo.globo.com/mundo/lider-da-extrema-direita-na-franca-marine-le-pen-revela -seu-programa-20876130. Acesso em: 31/05/2019

O GLOBO. Perfil: Emmanuel Macron, o "homem apressado". Disponível em: https://oglobo.globo.com/mundo/perfil-emmanuel-macron-homem apressado-21306717. Acesso em: 31/05/2019

OEC. França. Disponível em: https://atlas.media.mit.edu/pt/profile/country/fra/ Acesso em: 07/05/2019

PNUD. Ranking IDH Global. Disponível em: http://www.br.undp.org/content/brazil/pt/home/idh0/rankings/idh-global.html Acesso em: 26/03/2019

POLITIZE. 5 características do Sistema Eleitoral Francês Disponível em: https://www.politize.com.br/sistema-eleitoral-frances-como-funciona/ Acesso em: 13/05/2019

VALOR. Macron manda recado a Bolsonaro. Disponível em:
https://www.valor.com.br/internacional/6006801/macron-manda-recado-bolsonaro Acesso em: 27/05/2019

VALOR. Mercosul reduz exigência para acordo com EU. Disponível em:
https://www.valor.com.br/brasil/6278139/mercosul-reduz-exigencia-para-acordo-com-ue Acesso em: 27/05/2019

WIKIPÉDIA. “Lista de partidos políticos da França” Disponível
em:https://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_de_partidos_pol%C3%ADticos_da_Fran%C3%A7a Acesso em: 27/05/2019.

Índia

Danielle Silva Agostinho

Com a segunda maior população mundial de 1,296,834,042 habitantes, a Índia situa-se na maior parte do sul da Ásia, com sua capital sendo Nova Delhi. A população indiana representa, atualmente, cerca de 15% dos habitantes de todo o planeta, registrando um crescimento demográfico médio de 1,3% ao ano (contra os 0,6% registrado pela China anualmente). Tal crescimento é resultado das políticas de controle das taxas de mortalidade no país, que decrescem desde os anos 1960. Considerando apenas os anos 2000, a população indiana cresceu em 180 milhões de habitantes. (CIA, 2019)

Na Índia, há uma disposição étnica abundante e diversificada, havendo um considerável número de agrupamentos culturais, o que define a ampla variedade e miscigenação existente nesse país sendo o continente africano o único no mundo com uma diversidade étnico-cultural maior que a da população indiana. Ainda que existam inúmeras denominações culturais, têm três que pertencem à região: Indo-Ariano 72%, Dravidian 25%, Mongoloid e outros 3%. Como consequência dessa miscigenação, há no país 18 idiomas oficiais, cujos os principais são o inglês, usado para negócios comerciais e burocráticos, e o Hindi, falado por 30% da população. (CIA, 2019)

Em termos gerais, os povos do centro-norte e do noroeste da Índia tendem a ter afinidades étnicas com povos europeus e indo-europeus do sul da Europa. Existem provavelmente centenas de línguas maiores e menores e muitas centenas de dialetos reconhecidos na Índia, cujas línguas pertencem a quatro famílias de línguas diferentes: Hindi 43.6%, Bengali 8%, Marathi 6.9%, Telugu 6.7%, Tamil 5.7%, Gujarati 4.6%, Urdu 4.2%, Kannada 3.6%, Odia 3.1%, Malayalam 2.9%, Punjabi 2.7%, Assamese 1.3%, Maithili 1.1%, outros 5.6%. (CIA, 2019)

No campo religioso, a maior parte da população pratica o hinduísmo, com cerca de 80% dos habitantes do país, enquanto 14,2% são muçulmanos, o que corresponde a mais ou menos 155 milhões de pessoas e torna a Índia o terceiro maior país islâmico do mundo. Entre as outras diversas religiões minoritárias, encontram-se os cristãos, com cerca de 2% do número de habitantes, e os *sikhs*, também com 2%. (CIA, 2019)

A Índia é uma república federal com 29 estados e seis territórios da união. Tem uma democracia parlamentar que opera sob a constituição de 1950. Existe um parlamento federal

bicameral: o Rajya Sabha ou conselho de estados (câmara alta) e o Lok Sabha ou casa do povo (câmara baixa) e conquistou sua independência no dia 15 de agosto de 1947. A Índia tem a décima maior economia do mundo. (CIA, 2019)

Seu PIB, no ano de 2017, estava acima dos U$800 bilhões, com o aumento de 8% relacionado com o ano anterior. Agora em 2° lugar, a economia indiana é a com maior desenvolvimento no mundo. Mas o desequilíbrio social, de maneira oposta, esta cada vez mais em crescimento. O PIB per capita da população indiana, em 2007, chegou à U$2,700. E nesse mesmo ano sua taxa de inflação foi de 5,9%. (BANCO MUNDIAL, 2017)

Os víveres agrícolas de maior frequência são: algodão, sementes oleaginosas, verduras, arroz, legumes, chá, juta, cana-de-açúcar, trigo e especiarias. As criações de aves, búfalos e peixes também são comuns na Índia. O produto fundamental de mineração é o minério de ferro, embora sejam explorados também: carvão, diamante, cromita e asfalto natural. O setor industrial na Índia está cada vez mais diversificado. As áreas que mais se desenvolvem são as seguintes: aço, equipamentos e máquinas, cimento, alumínio, fertilizantes, têxteis, juta, biotecnologia, produtos químicos, softwares e medicamentos. (BANCO MUNDIAL, 2017)

O Índice de Desenvolvimento Humano da Índia divulgado em 2012 não é dos mais animadores. Com apenas 0,554, o país ocupa apenas a 136º posição mundial. Apesar do elevado crescimento econômico que o país vem registrando, o governo não consegue reverter esse crescimento em qualidade de vida e distribuição de renda. O resultado é o elevado índice de pobreza, 35% dos indianos vivem com menos de 1 dólar por dia e possuí cerca de 8.035.080,78 desempregados. A expectativa de vida é de 63,5 anos apenas e mais de 200 milhões de habitantes encontram-se em quadro de pobreza crônica. (CIA, 2019)

Ao visualizar esses dados, nota-se a terrível herança colonial herdada pelo país, o que, somado à condição de dependência e subdesenvolvimento, torna as condições de vida extremamente desfavoráveis. Dessa forma, podemos observar que, seguindo o ritmo dos países emergentes, como o Brasil e a China, mais do que o crescimento econômico, é preciso ampliar o desenvolvimento social.

Apesar do grande desenvolvimento econômico da Índia nos últimos anos, o governo continua gastando mais do que arrecada, o que aumenta a dívida externa do país. Além disso, o rápido crescimento da população resulta em maior necessidade de investimentos sociais, ambientais e econômicos por parte do governo. A Índia já pode ser considerada uma potência em

sua região e é apontada como capaz de se tornar uma das grandes potências mundiais do século XXI.

Eleições 2019

A Índia finalizou, no domingo dia 19 de maio de 2019, as eleições gerais do país. O processo, em que cerca de 900 milhões de pessoas puderam decidir o futuro do país, durou dois meses. O pleito, dividido em sete fases distribuídas entre 11 de abril e 19 de maio, é considerado um dos mais cruciais de sua história, tendo em jogo a própria sobrevivência da democracia no país. (PEOPLES DISPATCH, 2019)

As últimas eleições gerais aconteceram em 2014 e viram a ascensão do Partido do Povo Indiano (BJP), de direita. Naquele ano, o BJP e cerca de 40 legendas de centro-direita e extrema direita conquistaram maioria da Lok Sabha, a câmara baixa do parlamento indiano, com 336 das 545 cadeiras. A ascensão desses grupos foi atribuída às políticas ultranacionalistas e da extrema direita hindu, além do sentimento contrário ao Congresso Nacional Indiano (CNI), partido de centro que estava no poder. Na ocasião, Narendra Modi foi eleito primeiro-ministro. (PEOPLES DISPATCH, 2019)

Modi é uma figura polêmica pelo papel que supostamente desempenhou no massacre contra muçulmanos ocorrido no estado de Gujarat em 2002, quando mais de 1.500 pessoas foram assassinadas. Ele era o ministro-chefe do estado quando a chacina aconteceu. A ascensão da direita na Índia levou ao enfraquecimento das instituições democráticas do país e também ao aumento de violência institucional contra militantes, vozes dissidentes, mulheres, *dalits* (grupo historicamente marginalizado e oprimido pelo sistema de castas do país), comunidades tribais, minorias e acadêmicos. (PEOPLES DISPATCH, 2019)

A Índia tem registrado um aumento da violência, com casos de linchamento e assassinato de pessoas muçulmanas por multidões de direita e membros do Gau Raksha, grupo de protetores de vacas. Além da violência, as políticas econômicas a favor das privatizações e das empresas levaram à diluição de programas de bem-estar social, ao enfraquecimento da educação pública e da infraestrutura da saúde e a ataques contra os direitos de trabalhadores e pequenos agricultores. (PEOPLES DISPATCH, 2019)

A corrupção no governo, principalmente com a polêmica do acordo para a compra de caças Rafale – em que o governo de Modi favoreceu o conglomerado Reliance, do bilionário Anil

Ambani, para a produção de aeronaves na Índia –, fortaleceu o capitalismo clientelista no país. Apesar da promessa do BJP de promover um *boom* econômico, segundo o Centro de Monitoramento da Economia Indiana, a taxa de desemprego no país chegou a 7,6% em abril, ante 6,7% em março. Esse índice não considera a imensa população que está no chamado "setor não organizado" – micro e pequenos negócios que correspondem a cerca de 90% dos empregos na Índia –, em que a remuneração dos trabalhadores é extremamente baixa. (PEOPLES DISPATCH, 2019)

A Índia tem uma estrutura federal (com um governo central e governos estaduais) e um sistema parlamentarista, no qual o parlamento é a maior autoridade legislativa. No pleito deste ano, os eleitores aptos a votar elegerão diretamente os membros da câmara baixa, a Lok Sabha. Uma vez definido, o partido ou aliança na maioria da casa formará o governo. (PEOPLES DISPATCH, 2019)

Na câmara baixa, dois membros são indicados pelo presidente e 543 são eleitos para um mandato de cinco anos – mesmo tempo de gestão do governo. Cada estado tem um número de distritos proporcional à população de acordo com dados do censo de 2001, e cada distrito corresponde a um assento na casa. Por exemplo, o estado de Uttar Pradesh, no norte do país, tem a maior população e o número máximo de distritos e, consequentemente, de assentos na Lok Sabha – 80. (PEOPLES DISPATCH, 2019)

As eleições gerais começam com o anúncio das datas do pleito pela Comissão Eleitoral da Índia, autoridade constitucional encarregada de realizar o processo. Imediatamente entra em vigor o Código de Conduta Modelo, com as diretrizes do que é permitido e proibido nas eleições. (PEOPLES DISPATCH, 2019)

No pleito de 2019, para chegar aos 900 milhões de votos em 29 estados e territórios da União, a comissão eleitoral instalou mais de 1 milhão de urnas em todo o país. Na Índia, um tipo de urna eletrônica conhecido como EVM (Electronic Voting Machine) é utilizada desde 1999 em todas as eleições nacionais e estaduais. Recentemente, o uso das EVMs passou a receber críticas e alegações de possíveis manipulações para favorecer um partido em algumas regiões. (PEOPLES DISPATCH, 2019)

Embora o processo eleitoral tenha acontecido ao longo de sete semanas, não foi divulgado nenhum resultado parcial durante esse período. Os números finais da apuração devem ser divulgados na próxima quinta-feira (23). (PEOPLES DISPATCH, 2019)

Cenário Político Indiano

Uma questão importante nas eleições indianas deste ano é o papel do financiamento privado a grandes partidos políticos. Duas das maiores legendas na esfera política – o Partido do Povo Indiano (BJP), de extrema direita, que está hoje no poder, e o Congresso Nacional Indiano (CNI), de centro, que esteve à frente do governo na última gestão – receberam os maiores financiamentos de empresas privadas. As duas siglas defendem um modelo econômico neoliberal e, em seus mandatos, implementaram políticas que aceleraram o processo de privatização e enfraqueceram os direitos dos trabalhadores. (PEOPLES DISPATCH, 2019)

Segundo a Associação de Reformas Democráticas (ADR), em 2018, o BJP recebeu quatro bilhões de rúpias (US$ 56 milhões) em doações de corporações, o que corresponde a 92% de todo o financiamento de empresas privadas recebido por todos os partidos, enquanto o CNI recebeu 190 milhões de rúpias (US$ 2,7 milhões). Narendra Modi, atual primeiro-ministro da Índia, é o candidato à reeleição do BJP, e Rahul Gandhi, filho do ex-premiê Rajiv Gandhi, concorre pelo CNI. (PEOPLES DISPATCH, 2019)

Além dos dois partidos maiores, outras siglas nacionais incluem o Partido da Maioria Popular (BSP), o Partido do Congresso Nacionalista (PCN), o Congresso de Base de Toda a Índia (AITC), o Partido Comunista da Índia (PCI) e o Partido Comunista da Índia - Marxista (PCI-M). A dinâmica entre partidos regionais, dominantes nos estados, também têm papel fundamental nas eleições nacionais. Neste ano, tendo como maior desafio derrotar as forças de direita, muitos partidos políticos menores, nacionais e regionais, formaram alianças formais e informais contra o BJP. (PEOPLES DISPATCH, 2019)

O BJP está se apoiando nas narrativas ultranacionalistas e na imagem militarista e truculenta de Modi para vencer as eleições. O partido intensificou a defesa da Hindutva, política hindu de extrema direita, em uma tentativa de polarizar o eleitorado pelo discurso religioso. Uma das principais candidatas do BJP ao parlamento, Pragya Thakur, responde a acusações de participação em um caso de terrorismo hindu e é um sinal visível da tática de polarização. O presidente do BJP, Amit Shah, em uma retórica explicitamente contrária às minorias, defendeu durante um comício a implantação de um polêmico Cadastro Nacional de Cidadãos Indianos em todo o país para “remover todos os infiltrados”. (PEOPLES DISPATCH, 2019)

Os fatores econômicos são um ponto fraco no governo de Modi. A economia sofreu um baque considerável depois da desastrosa medida de desmonetização (banindo as notas de 500 e 1.000 rúpias). A decisão de tirar as notas de circulação, além da implantação de um novo imposto

sobre bens e serviços, trouxe um impacto negativo de longo prazo na vida de milhões de pessoas. A crise agrária, com altas dívidas de pequenos agricultores e a queda das subvenções para produtos agrícolas, levou ao suicídio de muitos pequenos produtores rurais – outra grande questão nessas eleições. Segundo o órgão nacional de registros de crimes, 8.007 agricultores e 4.595 trabalhadores rurais cometeram suicídio em 2015. (PEOPLES DISPATCH, 2019)

O CNI e outros partidos estão pressionando o governo do BJP por causa do aumento da violência promovida pela extrema direita e a incapacidade de cumprir as promessas de desenvolvimento econômico, principalmente sem conseguir reduzir a taxa de desemprego, o imposto de bens e serviços e a 'desmonetização'. (PEOPLES DISPATCH, 2019)

Outro ponto de mobilização contra o BJP é a repressão e 'caça às bruxas promovidas' pelo Estado contra instituições de educação pública, incluindo ataques contra estudantes e o orçamento das universidades. O ataque contra a Universidade de Jawaharlal Nehru, a Universidade Central de Hyderabad, o Instituto de Cinema e Televisão da Índia, a Universidade Muçulmana de Aligarh, a Universidade de Punjab e outros institutos provocou revolta entre estudantes e jovens de todo o país. (PEOPLES DISPATCH, 2019)

Nos cinco anos de governo Modi, os partidos, sindicatos e entidades rurais de esquerda promoveram campanhas massivas de resistência. Na frente dos trabalhadores, os sindicatos organizaram, em 2017, o protesto Mahapadav, quando 300 mil pessoas tomaram as ruas da capital Nova Délhi. Em 2019, foi realizada uma greve geral de dois dias contra as políticas privatistas e contrárias aos trabalhadores. Os pequenos agricultores, dezenas de milhares de trabalhadores rurais promoveram longas marchas em toda a Índia após um chamado da AIKS, ala camponesa do PCI-M, e outras associações de agricultores para protestar contra a negligência do governo com as questões do campo. (PEOPLES DISPATCH, 2019)

Uma questão que chama atenção entre os partidos de esquerda mais proeminentes – o Partido Comunista da Índia, o Partido Comunista da Índia (Marxista) e o Partido Comunista (Marxista-Leninista) da Libertação da Índia (PCI-ML) – são os rostos jovens: pelo PCI, Kanhaiya Kumar, ex-presidente da união de estudantes da Universidade Jawaharlal Nehru; pelo PCI-ML, Raju Yadav e, pelo PCI-M, Biraj Deka e VP Sanu. (PEOPLES DISPATCH, 2019)

Para além da corrida eleitoral, a esquerda na Índia sempre foi uma força importante a levantar vozes e unir as lutas populares contra a exploração de trabalhadores, a crise agrária, a violência das castas mais altas contra minorias e a ascensão da extrema direita. O desafio prático

para as legendas de esquerda, nesse momento, foi transformar as bases de luta em votos. (PEOPLES DISPATCH, 2019)

Cenários: BRASIL-INDIA

O governo do BJP já deixou clara a intenção de acelerar as políticas neoliberais e do chamado 'majoritarianismo hindu'. Existe um grande desencanto com o governo de extrema direita nas eleições deste ano, mas só será possível saber se esse sentimento se converterá em votos contra o BJP no dia 23 de maio. (PEOPLES DISPATCH, 2019)

As forças progressistas da Índia têm esperança de tirar o governo de extrema direita, mas ao mesmo tempo estão prontas para resistir ao "retrocesso até a barbárie" se o BJP se confirmar como vencedor do pleito. Assim, as eleições de 2019 da Índia representam uma embate pelo futuro e a democracia no país. A discussão principal aqui é se a Índia conseguirá se livrar da ascensão do populismo de extrema direita que está tomando o mundo ou se voltará a cair nele. (PEOPLES DISPATCH, 2019)

O conjunto geral de ideias políticas similares do atual presidente da República no Brasil com o atual primeiro-ministro Nerenda Modi deu a chance de Bolsonaro aproveitar o momento de vitória visando parcerias internacionais. Foi o que citou ao parabenizar o reeleito indiano nas redes sociais.

O primeiro-ministro da Índia, Narendra Modi, agradeceu ao presidente Jair Bolsonaro as felicitações por sua reeleição e disse querer desenvolver as relações bilaterais e multilaterais dos dois países, como no grupo dos BRICS, que engloba ainda a Rússia, a China e a África do Sul. Os resultados das eleições do país confirmaram na sexta a vitória de seu partido nacionalista hindu, o BJP, que conseguiu a maioria absoluta com 303 de 542 cadeiras. O número excede o necessário para ter a liderança absoluta, que é de 272 representantes:

> "Obrigado, presidente @jairbolsonaro. Espero ansiosamente conhecê-lo pessoalmente e trabalhar com o senhor para desenvolver as relações Índia-Brasil em todas as esferas, e a nossa cooperação em fóruns multilaterais, incluindo os Brics sob a sua presidência", escreveu o indiano em sua conta no Twitter.

Anteriormente, Jair Bolsonaro havia publicado uma mensagem na mesma plataforma em que, além de cumprimentar Modi pelo resultado eleitoral, ressaltou ter certeza de que as relações comerciais do Brasil com a Índia "serão cada vez mais sólidas".(FOLHA DE SÃO PAULO, 2019)

Modi é um líder controverso: está associado com os tumultos de 2002 em Gujarat, estado no oeste do qual era ministro-chefe. Na época, três dias de confrontos deixaram mais de mil mortos, a maioria muçulmanos. Críticos acusaram-no de provocar sentimentos anti muçulmanos, mas uma comissão especial nomeada pela Suprema Corte não encontrou evidências para acusá-lo. Quando foi eleito pela primeira vez, enfatizou suas qualidades pessoais seu passado humilde, e abriu o governo a castas historicamente subordinadas. (FOLHA DE SÃO PAULO, 2019)

Os brâmanes, por exemplo, desejam uma nação hindu e muitas vezes relutam em compartilhar poder ou mesmo refeições com castas inferiores. Muçulmanos e cristãos foram difamados como "outros" e se atacaram verbal e fisicamente após as eleições. A geografia também ameaçou atrapalhar o equilíbrio político de Modi. O apoio ao BJP é tradicionalmente concentrado no coração dos estados centrais e suas ramificações no norte e no oeste da Índia. (FOLHA DE SÃO PAULO, 2019)

Após 2014, o partido buscou se expandir no leste e no sul, bem como em Jamu e Caxemira. Acertou alianças com partidos regionais sempre que a vitória definitiva se mostrou impossível. Mas, após alguns sucessos iniciais, a realidade da Índia como uma união federal de estados, em vez de uma nação monolítica, tornou-se aparente: os estados são divididos linguisticamente e ao longo das fronteiras das regiões históricas que há muito tempo antecedem o nacionalismo ou a ideia moderna da Índia. (FOLHA DE SÃO PAULO, 2019)

Contudo, mais do que essas questões, o governo também fracassou em cumprir suas promessas de prosperidade econômica. O crescimento real do PIB da Índia não ultrapassou os níveis de crescimento anteriores, enquanto a criação de empregos mais ou menos permaneceu estagnada desde 2014. Em novembro de 2016, Modi decidiu banir todas as notas de 500 e mil rúpias antes de substituí-las por novas notas de 500 e dois mil. Em uma economia "informal" baseada principalmente em dinheiro, a atividade econômica desacelerou dramaticamente, e o crescimento do PIB caiu mais de dois pontos percentuais em seis meses. (FOLHA DE SÃO PAULO, 2019)

O espectro do crescimento do desemprego assombra a Índia. A taxa de ocupação caiu de 43,5% em janeiro de 2016 para 40,6% em março de 2018, segundo um relatório recente da agência de classificação de crédito. Embora o número de pessoas empregadas tenha aumentado em termos absolutos, a taxa de crescimento diminuiu. No exercício financeiro de 2018, por exemplo, o emprego cresceu apenas 3,8%, comparado com 4,2% no período anterior. (FOLHA DE SÃO PAULO, 2019)

No país mais populoso do mundo, 93% da população ganha menos do que o rendimento tributável mínimo e 98,5% não paga qualquer imposto de renda. Por conta disso, o governo procurou aumentar as receitas através de impostos indiretos. Os compradores tiveram que pagar mais pelo seu consumo e os vendedores tiveram que se desfazer de mais de seus ganhos. A introdução desse novo regime de impostos indiretos prejudicou os proprietários de pequenas empresas na forma de vendas e ganhos menores. Isso também diminuiu a renda dos agricultores no país onde cerca de 70% da população vive na zona rural. (FOLHA DE SÃO PAULO, 2019)

Apesar dos maus indicadores econômicos que têm assolado o povo, ele apelou para o lado simbólico do nacionalismo religioso e explorou ainda mais a questão com o Paquistão para se impulsionar politicamente e inflar o sentimento de patriotismo popular. Afinal, trata-se de um vizinho com uma religião oficial distinta, o Islamismo. (FOLHA DE SÃO PAULO, 2019)

Referências

CENTRAL INTELLIGENCE AGENCY [US] ÍNDIA, Disponível em : https://www.cia.gov/library/publications/resources/the-world-factbook/geos/in.html. Acesso em: 30/06/2016.

OEC EXPORT AND IMPORT, 2017 Disponível em: https://atlas.media.mit.edu/en/visualize/tree_map/hs92/export/ind/show/3004/2017/. Acesso em: 30/06/2016.

PEOPLES DISPATCH, INIAN ELECTIONS Disponível em: https://peoplesdispatch.org/2019/05/20/the-battle-against-the-far-right-indian-elections-2019/#. Acesso em: 30/06/2016.

ESTADÃO [BR] ELEIÇÕES ÍNDIA 2019 RESULTADO Disponível em : https://tudo-sobre.estadao.com.br/brics-brasil-russia-india-china-africa-do-sul. Acesso em: 30/06/2016.

WORLD BANK GROUP [US], ÍNDIA Disponível em : https://datos.bancomundial.org/pais/india. Acesso em: 30/06/2016.

Indonésia

Rebeca Lopes

A Indonésia é um arquipélago o qual possui milhares de ilhas, sendo parte delas não habitadas, todavia, compondo uma grande quantidade de belezas naturais da fauna e flora. Assim como o maior país da América do Sul, a Indonésia é um Estado subdesenvolvido, o qual apresenta determinados problemas semelhantes ao da nação brasileira, entre eles, cidadãos vivendo abaixo da linha da pobreza, desemprego, falhas na educação, catástrofes naturais, entre outros.

Uma das maiores economias mundiais, com grande densidade demográfica e importância regional, a Indonésia guarda grandes semelhanças com o Brasil. Ambas as nações passaram recentemente por eleições presidenciais, além de possuírem economias e características similares os quais buscam pelo desenvolvimento completo, porém a Indonésia ultrapassou o Brasil, rebaixando-o ao posto de 8º maior economia mundial (UOL, 2019).

O país que possui 259,400,000 de habitantes (FREEDOM HOUSE, 2018) dispostos em diversas ilhas dispostas pelo Oceano Pacífico ao oriente e índico pelo sul e oeste. O presidente do país é Joko Widodo, o qual está em seu segundo mandato, sendo este último de aprovação 55,5% contra o seu maior adversário Prabowo Subianto, o qual terminou as eleições com 44,5% nas pesquisas (REUTERS, 2019). Apesar de conseguir pela segunda vez vitória na presidência, Joko Widodo teve um resultado bastante aproximado ao seu oponente.

A eleição foi marcante e importante para a democracia indonésia, pois, inúmeras pessoas se sentiram assustadas com a “cacofonia de ruídos” provocados durante a mesma: “As redes sociais ampliam a confusão, deixando as pessoas "incapazes de ir além de 'sound bites', sem tempo ou paciência para ler tudo e pensar por si próprias", querendo alguém que lhes dê respostas simples e pense por si (...)” de acordo com a ativista e ex- jornalista Yenny Wahid, filha do antigo presidente Abdurranhman Wahid (LUSA, 2019).

Indonésia-Brasil

Brasil e Indonésia tem projetos que guardam muitas semelhanças. O recém-eleito presidente Jair Bolsonaro dispõe sobre um projeto de governo voltado ao porte legal de armas e posições relacionadas à xenofobia perante determinados grupos da sociedade. No Estado brasileiro as eleições prolongaram-se ao segundo turno, Jair Bolsonaro que ganhou com 55,13%

em relação ao seu concorrente Fernando Haddad com 44,87% de votos (BBC BRASIL, 2018). Resultados semelhantes em relação a Joko Widodo e Prabowo Subianto na Indonésia.

O governo de Jair Messias Bolsonaro faz menção aos militares na época ditatorial do país, igualmente a Indonésia, a qual, um professor foi detido por cantar o hino nacional contra o exército (PADDOCK, 2019). Realizando uma menção aos governos de opressão aos direitos humanos e a liberdade de impressa, o âmbito global passa atualmente por um processo de renascimento do conservadorismo, os países estão se colocando na esfera internacional de maneira a bloquearem suas fronteiras e constringirem as diferenças comum entre os seres humanos. Em seus discursos a 'grande questão' é admitida para se protegerem de possíveis ameaças que possam vir a ocorrer. Para isto, é indispensável a garantia do bem-estar apenas de cidadãos nacionais, apossando-se da narrativa que o estrangeiro é perigoso.

O islã radical no arquipélago asiático vem aumentando gradualmente a força de grupos islamistas influenciados pela ideologia saudita, em sua maioria estão atingindo a população jovem do país (EBBIGHAUSEN, 2019). Destacando-se que tudo o que se considera como radical é intolerante, pois, não está disposto a receber e escutar novos conceitos distintos ao que foi proposto, em conformidade ao que ocorre com grupos eleitores do atual presidente brasileiro.

Outra semelhança ao país sul americano são as chamadas "fake news" (PERASSOLO, 2019). Elas estiveram presentes nas eleições que resultaram com a vitória do presidente Joko Widodo e foram responsáveis por dissiparem entre a população brasileira dúvidas sobre a democracia, proposta de governo, política externa, incluso informações pessoais dos candidatos. A hostilidade contra a corrupção por parte dos cidadãos de ambos os países foi uma das medidas que influenciaram os habitantes a aprovar os candidatos eleitores na Indonésia e no Brasil.

Apesar do que foi apresentado, a nação indonésia possui pontos distintos a brasileira relacionados a política externa e a segurança de seus cidadãos. O Estado da Indonésia é um dos países mais seguros do mundo, apresentando taxas de 0,50 de homicídios por cada 100 mil habitantes, enquanto o brasileiro é de 30,8 para cada 100 mil pessoas no Brasil (JARDIM, 2019).

Ambos os Estados então possuem características muito similares, embora haja diferenças culturais e diferenças de costumes. Se assemelham em relação a sua política e economia na esfera global, incluso no âmbito das relações internacionais, no entanto, estão em momentos diferentes das suas histórias nacionais. Ao fim é evidente que as eleições alteraram o quadro geral dos dois governos.

Referências

BBC. BOLSONARTO PRESIDENTE: VEJA OS RESULTADOS DA APURAÇÃO. BBC BRASIL, 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45995934>. Acesso em: 31 maio 2019.

EBBIGHAUSEN, Rodion. INDONÉSIA VOTA SOB CRESCENTE INFLUÊNCIA DO ISLÃ RADICAL. DW BRASIL, 2019. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/indon%C3%A9sia-vota-sob-crescente-influ%C3%AAncia-do-isl%C3%A3-radical/a-48334182>. Acesso em: 31 maio 2019.

ESTADÃO. EM RANKING MUNDIAL DE PIB, BRASIL FICA NA 40° POSIÇÃO ENTRE 42 PAÍSES, DIZ AUSTIN. ESTADÃO, 2019. Disponível em: <https://www.em.com.br/app/noticia/economia/2019/02/28/internas_economia,1034594/em-ranking-mundial-de-pib-brasil-fica-na-40-posicao-entre-42-paises.shtml>. Acesso em: 31 maio 2019.

FREEDOM HOUSE IN THE WORLD 2018 INDONESIA. FREEDOM HOUSE, 2018. Disponível em: <https://freedomhouse.org/report/freedom-world/2018/indonesia>. Acesso em: 31 maio 2019.

G1. TRUMP ENCERRA 1º ANO NA CASA BRANCA COM PIOR APROVAÇÃO DA HISTÓRIA MODERNA. G1, 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/trump-encerra-1o-ano-na-casa-branca-com-pior-aprovacao-da-historia-moderna.ghtml>. Acesso em: 31 maio 2019.

GALLAS, Daniel & PALUMBO, Danielle. 4 FATORES QUE MOSTRAM O QUE HÁ DE ERRADO COM A ECONOMIA BRASILEIRA. BBC BRASIL, 2019. Disponível em: < https://www.bbc.com/portuguese/brasil-48430936>. Acesso em: 31 maio 2019.

ISTOÉ. INDONÉSIA MOBILIZA AVIÕES, BARCOS E ELEFANTES PARA ELEIÇÕES. ISTOÉ, 2019. Disponível em: <https://istoe.com.br/indonesia-mobiliza-avioes-barcos-e-elefantes-para-eleicoes/>. Acesso em: 31 maio 2019.

JARDIM, Claudia. POUCA ARMA E MUITA VIGILÂNCIA: COMO A POBRE E POPULOSA INDONÉSIA SE TORNOU UM DOS PAÍSES MAIS SEGUROS DO MUNDO. BBC BRASIL, 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-47818977>. Acesso em: 31 maio 2019.

LUSA. DEMOCRACIA NA INDONÉSIA PROVOCOU “RUÍDO” QUE ASSUSTA MUITAS PESSOAS – ATIVISTA. DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 2019. Disponível em: <https://www.dn.pt/lusa/interior/democracia-na-indonesia-provocou-ruido-que-assusta-muitas-pessoas----ativista-10776415.html>. Acesso em: 31 maio 2019.

PADDOCK, Richard. NA INDONÉSIA, PROFESSOR É PRESO POR CANTAR HINO CONTRA O EXÉRCITO. ESTADÃO, 2019. Disponível em: <https://internacional.estadao.com.br/noticias/nytiw,na-indonesia-professor-e-preso-por-cantar-hino-contra-o-exercito,70002779144>. Acesso em: 31 maio 2019.

PERASSOLO, João. INDONÉSIA VOTA EM VALE A PENA VER DE NOVO ENTRE PRESIDENTE E OPOSITOR. FOLHA DE SÃO PAULO, 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2019/04/indonesia-vota-em-vale-a-pena-ver-de-novo-entre-presidente-e-opositor.shtml>. Acesso em: 31 maio 2019.

REUTERS. PRIMEIROS RSULTADOS DÃO VITÓRIA CONFORTÁVEL A JOKO WIDODO NA INDONÉSIA. PÚBLICO, 2019. Disponível em: <https://www.publico.pt/2019/04/17/mundo/noticia/joko-widodo-rente-1869554>. Acesso em: 31 maio 2019.

RTP. LUSA. INDONÉSIA ACOLHE A 17 DE ABRIL UMA DAS MAIORES ELEIÇÕES DO MUNDO. RTP NOTÍCIAS, 2019. Disponível em: <https://www.rtp.pt/noticias/mundo/indonesia-acolhe-a-17-de-abril-uma-das-maiores-eleicoes-do-mundo_n1139004>. Acesso em: 31 maio 2019.

UOL. BRASIL PERDE POSTO DE 7º MAIOR ECONOMIA GLOBAL PARA INDONÉSIA. UOL, 2019. Disponível em: <https://canalrural.uol.com.br/programas/informacao/rural-noticias/brasil-perde-posto-de-7a-maior-economia-global-para-a-indonesia/>. Acesso em: 31 maio 2019.

Israel

Guilherme Gomes Amorim Barbosa

O Estado de Israel é um grande participante na conjuntura do mundo moderno. Fundado na terra historicamente 'prometida' ao povo judeu em 1948 (ideia essa já proposta por movimentos sionistas do século IX), inicialmente com o plano de ser tanto do povo árabe quanto do povo judeu, dividindo-se em 2 Estados no território anteriormente palestino, entretanto, os árabes rejeitaram o plano da ONU, afirmando ser território palestino. Hoje Israel se declara um estado judeu, mesmo com 20% da população se identificando de forma contrária, como árabes. Atualmente Israel é uma democracia parlamentar, com representação proporcional e sufrágio universal. (FACTBOOK, 2019)

Regionalmente Israel se destaca como uma potência, sendo o de maior PIB da do Oriente Médio, atrás somente da Arábia Saudita, porém, devido aos conflitos históricos vindos desde sua fundação, que levou a guerra da independência, suas incursões nos territórios de seus vizinhos e a questão da palestina. Fica claro que o país tem mais uma paz frágil do que uma parceria com os países árabes. Recentemente, o governo israelense divulgou que o Irã, um país também localizado no oriente médio, está no processo de desenvolvimento de tecnologia nuclear de cunho militar, essas informações causaram o levantamento de sanções pelos EUA, assim como a crescente de tensão na região. (EMBAIXADA DE ISRAEL NO BRASIL, 2019)

Mesmo com recursos limitados, uma região com poucos parceiros econômicos e uma história breve como Estado consolidado, Israel é uma economia próspera, tendo como principais parceiros os EUA, a China e a União Europeia. Ele se destaca com um setor tecnológico forte, uma dominância no mercado de diamantes e um turismo igual ao europeu, devido sua importância histórica para várias religiões. Porém o maior destaque vai para sua agricultura, que por uso de pesquisas, tecnologia e esforço dos agricultores para fazer da terra fértil, mostrando que é possível superar as condições naturais se usado de tecnologia e pesquisa de alto nível. Atualmente a agricultura decaiu em porcentagem em Israel e a descoberta de gás natural fez esse último crescer. (OEC, 2019)

No quesito militar, Israel se destaca por sua tecnologia, sendo uma das mais renomadas pelo globo. Atualmente o serviço militar é obrigatório, durando 3 anos e com gasto militar de 9,4

bilhões de dólares por ano. Israel está entre os 10 maiores exércitos do mundo, com uma política de opacidade nuclear- Israel não diz ter nem não ter armas nucleares- junto de uma cultura de guerra e luta constante, o Estado sempre está em algum conflito, fazendo uso constante da sua força militar. (WORLDBANK, 2019)

CONJUNTURA POLÍTICA

É inegável que os primeiros meses de 2019 foram conturbados para política israelense. Com o primeiro ministro sendo processado por corrupção, o período pré-eleitoral de Israel foi rico em polêmicas, com Benjamin Netanyahu vindo com um discurso altamente agressivo e com uma ideologia mais ultra ortodoxa. Os dias subseqüentes de eleição se resumiram em diversos casos de absurdos ligados ao PM: Seu discurso contra a soberania palestina, sua declaração de que iria anexar a Cisjordânia, acusações contra seu adversário afirmando que sua campanha eleitoral era cheia de mentiras, as diversas contas pró Netanyahu que foram desativadas de redes sociais por serem bots, a promessa de uma lei que o daria imunidade pelos seus crimes, a sua aproximação com o partido ultra-ortodoxo e por fim o polemico ato de instalação de câmeras em cidades de maioria árabe.(TIMES OF ISRAEL, 2019)

O Likud conquistou 35 cadeiras nas eleições de 9 de abril. Os dois partidos ultra ortodoxos, Shas e Judaísmo da Torá, ganharam oito assentos. Kulanu, o centro-direita ganhou quatro e a União dos partidos direitistas ganhou cinco. Juntos, esses partidos detêm 60 cadeiras nos 120 membros do Knesset, e mesmo envolto desses fatos, com uma margem baixíssima causada por uma coalizão frágil, Netanyahu conseguiu se reeleger como premier. (FOLHA DE SÃO PAULO, 2019)

Contudo, essa coalizão passaria de vitória para o maior problema do novo Knesset, com 2 grupos com interesses diferentes na sua base, os direitistas e os ortodoxos, a coalizão logo entrou em disputas internas, causas pela proposta de lei apoiada pelos direitistas para regulamentação do serviço militar obrigatório de ultra-ortodoxos, isso levou uma revolta no grupo religioso da coalizão, que ameaçou deixar a mesma se o PM aprovasse essa lei. (TIMES OF ISRAEL, 2019)

Nesse impasse Netanyahu ficou impossibilitado de formar um novo governo antes da data limite, com medo do Presidente o tirar do poder, fez uma aposta arriscada ameaçando dissolver o Knesset se o governo não for formado. Tal fato seria inédito para Israel. A situação criou um parlamento com 2 líderes fortes, mas que nenhum consegue formar uma maioria. (BBC, 2019)

Esse caos político se reflete numa crise do sistema legal israelense, com a proposta de imunidade do PM, e ideais de um enfraquecimento do judiciário para fortalecer o legislativo proposto por partidos de extrema-direita, essa tentativa de enfraquecimento do Estado de direito israelense é mais do que preocupante. Esses problemas estão baseados na falta de uma constituição, apesar da existência de o que são chamadas de “leis Básicas” que seriam equivalentes a uma constituição, no entanto elas, são facilmente modificadas pelo legislativo, permitindo manobras de corrupção e de concentração de poder, causando um sistema em que o legislativo tem controle sobre o judiciário e executivo. (TIMES OF ISRAEL, 2019)

A conjuntura final veio após a data limite para criação de um novo governo ter sido atingida, agora cabe ao Presidente Reuven Rivlin decidir quem será o novo líder do governo. Enquanto se aguarda as novas eleições em setembro. (BBC, 2019)

RELAÇÃO BRASIL – ISRAEL

Desde o começo de sua campanha, o recém-eleito presidente da república federativa do Brasil, Jair Messias Bolsonaro, prometia uma aproximação com Israel, que trabalharia para reconhecimento de Jerusalém como sua capital, argumentando da existência de uma longa história cultural, com o brasil sendo o país que tem a décima maior comunidade judaica e com uma longa tradição judaico-cristã. Assim como uma relação diplomática e comercial positiva, com uma grande exportação de carne bovina e soja. Por fim que seria de interesse brasileiro criação instalações de dessalinização de água, destacando a expertise israelense nesta área, com sofisticados sistemas de irrigação e dessalinização e uso de sementes resistentes à seca. Medidas que poderiam ser replicadas como solução para o Semiárido brasileiro. (NOTÍCIAS UOL, 2019)

A visita, no entanto, foi marcada por polêmicas vindas do discurso do presidente brasileiro. A proposição de mudar a embaixada foi uma das principais, com a visita do presidente a cidade, isso ficou implícito com a visita de diversos marcos da história judaica junto do PM, fato esse inédito no cenário internacional a perspectiva de reconhecimento da cidade como capital israelense parecia certa antes do anuncio oficial ser feito. (BBC, 2019)

Todavia, ao fim de sua viagem foi declarado que não haveria uma embaixada em Israel, mas sim uma secretaria de comércio, sem status diplomático, "para a promoção de comércio, investimentos e intercâmbio" bilaterais, essa declaração desagradando o governo Israel, que esperava a mudança de embaixada e o governo dos países árabes vizinhos que ameaçaram diminuir a compra de carne brasileira. Junto disso, acordos de cooperação nas áreas de defesa, serviços aéreos, prevenção e combate ao crime organizado, ciência e tecnologia e um memorando

de entendimento em segurança cibernética. Bolsonaro também demonstrou interesse na importação do gás natural israelense, O Primeiro Ministro declarou ao fim da viajem que Israel daria forte apoio à adesão do Brasil à Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE). (MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES, 2019)

A ideia de comércio bilateral contudo não foi aprofundada devido às eleições e a espera para a formação de um governo novo, porém, devido a conjuntura do Knesset, essa promessa perde força junto a incertezas, como muito criticado após a divulgação dos acordos, esses são rasos e não bem definidos, podendo não serem reiterados se for de interesse do governo israelense, fica claro que a aproximação antes do fim das eleições fez mais bem para Netanyahu, que usou da imagem de Bolsonaro para se promover durante sua campanha, o brasil aguarda uma resposta do governo Israelense.

CENÁRIOS

Não é possível ter certeza sobre como será resolvida a crise democrática em Israel, mas, podemos fazer projeções democráticas ou menos democráticas, teorizando as repercussões internas e ver seus efeitos nas relações com o Brasil.

Na possibilidade mais democrática, um terceiro candidato, capaz de fazer uma coalização forte, abrindo uma assembleia constituinte onde os poderes seriam regulados de forma isenta e igual. Nessa possibilidade o provável candidato seria alguém mais de centro, o que levaria a uma diminuição de agressões na faixa de gaza e avanço dos assentamentos na palestina, também trazendo uma diminuição das tensões com o Irã e talvez até uma aproximação com os países vizinhos, tendo em vista a quantidade de produtos e tecnologia que poderiam ser exportados para tais.

Nessa conjuntura é ambíguo, entretanto, o destino das relações Brasil-Israel, com a ideia de um distanciamento de figuras polêmicas de corrupção e extremismo, existe a possibilidade de Israel se afastar do brasil, principalmente após sua imagem ficar tão ligado ao antigo Primeiro Ministro.

Outra, menos democrática essa crise prolonga e o vácuo de poder, junto de uma guerra com o Irã, que é algo que certos grupos políticos americanos parecem ter interesse, possibilitariam que Netanyahu consiga imunidade e formar um governo mais autoritário, centralizando o poder em sua figura, usando da ortodoxia e do neonacionalismo para fundar um novo estado judeu, muito baseado nas ações de Erdogan na Turquia.

Isso já vem sido denunciado por muitos como uma opção de futuro possível, ela vem carrega pelo discurso do PM, que é repleto de características nacionalistas e de ódio à população árabe do país, assim como suas ações antidemocráticas durante a eleição e seu possível apoio das forças armadas e de interesse estrangeiro em sua permanência como um aliado num conflito contra o Irã.

Nesse cenário é fácil desenhar a ação brasileira, que se aproximaria do novo governo e manteria seus acordos de cooperação e comércio, levando a uma parceria lucrativa a ambos Estados e que geraria uma possível ponte para a entrada do Brasil na OCDE e se tornar um membro 'extra-OTAN', assim como Israel, essa seria uma grande conquista para o presidente brasileiro, que tem buscado entrar em ambas as organizações desde o começo de seu governo.

Em conclusão, a crise democrática e suas repercussões podem afetar diretamente a economia brasileira e seu poderio militar, assim como a popularidade de Bolsonaro e suas alianças internacionais. Deve-se tomar cuidado, cautela e dar atenção à situação do Knesset.

Referências

BBC. BOLSONARO em Israel: por que Muro das Lamentações pode marcar guinada na diplomacia brasileira, BBC News, 1 abril 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-47771872>

CENTRAL INTELLIGENCE AGENCY (CIA). The World Factbook: Israel. Disponível em : <https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/is.html> acessado em 28/05/2019.

EMBAIXADA ISRAEL NO BRASIL, Sobre Israel. Disponível em: < https://embassies.gov.il/brasilia/AboutIsrael/Pages/About-Israel.aspx> acessado em 28/05/2019

ESTADAO. PRIMEIRO-MINISTRO de Israel promete anexar 'partes da Cisjordânia' se for reeleito, Folha de São Paulo, 06 abril 2019. Disponível em: <https://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,em-campanha-netanyahu-promete-anexar-partes-da-cisjordania,70002782011> acessado em 28/05/2019

FOLHA. APURAÇÃO final coloca partido de Netanyahu como maior força do Parlamento israelense, Folha de São Paulo, 12 abril 2019 <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2019/04/apuracao-final-coloca-partido-de-netanyahu-como-maior-forca-do-parlamento-israelense.shtml> acessado em 28/05/2019

ISRAEL (ISR) Exportação, Importação, e Parceiro Comercial – OEC. Disponível em: <https://atlas.media.mit.edu/pt/profile/country/isr/> acessado em 28/05/2019

ISRAEL: Netanyahu não consegue formar coalizão e Parlamento convoca novas eleições, BBC News, 29 maio 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-48455048 > acessado em 29/05/2019

ITAMARATY. VISITA oficial a Israel do presidente Jair Bolsonaro. ITAMARATY, 31 de março de 2019. Disponível em: <http://www.itamaraty.gov.br/pt-BR/acontece-no-exterior/20237-visita-oficial-a-israel-do-presidente-jair-bolsonaro-31-de-marco-de-2019> acessado em 28/05/2019

TIMES OF ISRAEL FACEBOOK removes 30 fake profiles, most of them backing Netanyahu, Times Of Israel, march 26 2019.Disponível em: <https://www.timesofisrael.com/facebook-removes-30-fake-profiles-most-of-them-backing-netanyahu/> acessado em 28/05/2019

TIMES OF ISRAEL. ULTRA-ORTHODOX party says won't join government if Haredi draft bill not amended, April 18 2019. Disponível em: <https://www.timesofisrael.com/ultra-orthodox-party-says-wont-join-government-if-haredi-draft-bill-not-amended/> acessado em 28/05/2019

TIMES OF ISRAEL. WITH almost all votes in, Netanyahu-led right wins decisively, Times of Israel, April 10 2019.Disponível em: <https://www.timesofisrael.com/with-most-votes-in-netanyahu-gantz-tied-at-35-but-likud-led-bloc-set-for-win/ > acessado em 28/05/2019

UOL. BRASIL assina 6 acordos; Bolsonaro recua e anuncia escritório em Jerusalém, Noticias Uol, 31 Março 2019. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2019/03/31/brasil-assina-seis-acordos-com-israel-e-abre-escritorio-em-jerusalem.htm?cmpid=copiaecola> acessado em 28/05/2019

WORLDBANK military expenditure. Disponível em: <https://www.timesofisrael.com/ultra-orthodox-party-says-wont-join-government-if-haredi-draft-bill-not-amended/> acessado em 28/05/2019

Itália

Barbara Osorio de Oliveira

A Itália está em crise profunda. Após uma década de turbulência, a terceira maior economia da Europa está, mais uma vez, em recessão, processo que dura quase 10 anos. Nas últimas duas décadas, desde que assinou o Tratado de Maastricht (1992), o país está estagnado ou crescendo bem abaixo da média europeia (2,3% - jornal de negócios, 2018) Com as eleições parlamentares de maio, a Itália se encontra dividida entre dois partidos: a Liga, partido nacionalista liderado por Matteo Salvini e Movimento 5 estrelas, liderado por Luigi di Maio.

Com as eleições da Itália, o resultado será de grande importância não apenas para o rumo do país como também para toda a Europa, portanto, alterando o cenário de uma possível aproximação do Brasil com o continente. Em janeiro de 2019, Jair Messias Bolsonaro, atual presidente do Brasil, mostrou solidariedade com Matteo Salvini, político de extrema direita, pedindo desculpas pelo Brasil ter dado asilo para Cesare Battisti, ex-militante da extrema esquerda, que cometeu atos terroristas na Itália durante o período conhecido como 'Anos de chumbo'.

Em um hipotético cenário de vitória da Liga, a crise se alcançaria em toda Europa, uma vez que seus ideais reacionários e xenofóbicos, pautados em um discurso anti-imigratório, afetariam toda a zona europeia, e também acarretariam consequências comerciais e militares com o Brasil.

RELEVÂNCIA POLÍTICA E ECONÔMICA

A Itália é 13º maior país da Europa, sendo a 7º maior economia de exportação no mundo e na economia mais complexa 20º acordo com o Índice de Complexidade Econômico (ICE). As exportações principais da Itália são Medicamentos embalados ($21,7 Bilhões), Carros ($18,5 Bilhões), Petrolíferos refinados ($13,7 Bilhões), Peças de veículos ($13,2 Bilhões) e Válvulas ($7,73 Bilhões), usando o 1992 revisão da classificação HS (Sistema Harmonizado). Suas principais importações são Carros ($31,2 Bilhões), Crude Petroleum ($24,8 Bilhões), Medicamentos embalados ($15,1 Bilhões), Petróleo ($14,5 Bilhões) e Peças de veículos ($8,53 Bilhões). (OEC, 2017)

Os principais destinos de exportação da Itália são a Alemanha ($58,5 Bilhões), a França ($48 Bilhões), o Estados Unidos ($45 Bilhões), o Reino Unido ($24,9 Bilhões) e a Espanha ($23,3

Bilhões). As origens de importação de topo são a Alemanha ($72,2 Bilhões), a França ($39,7 Bilhões), a China ($31,8 Bilhões), a Holanda ($24,8 Bilhões) e a Espanha ($22,7 Bilhões). (OEC, 2017)

A Itália com sua posição geográfica estratégica no flanco sul da Europa, desempenha um papel importante na Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN). Em 2019, pelo ranking anual da GFP (Finalized Global Firepower), a Itália é a 11º país com maior força militar do mundo. As Forças armadas da Itália estão sob o comando do Supremo Conselho de Defesa da Itália, presidida pelo Presidente da República Italiana, seu foco principal é defender a nação. Os soldados italianos são bem treinados e equipados, sendo seu ponto mais forte: a infantaria. Já a Marinha, é classificada como a mais poderosa do Mediterrâneo. O número total de pessoas é cerca de 347,927. A Itália tem um dos maiores orçamentos militares do mundo, gastando 37.7 bilhões de dólares. A marinha e guarda-costeira da Itália exercem grande importância no resgate de migrantes, servindo a missões da OTAN e da ONU. (GFP, 2019)

Desde a crise financeira de 2008, a Itália perdeu entre 6 e 7% de seu PIB - a maior perda na zona do euro depois da Grécia. Cerca de 25% de sua produção industrial foi eliminada (Thomas Fazi, 2019). A taxa de desemprego da Itália diminuiu para 10,2% em março de 2019, de 10,5% revisado para baixo no mês anterior e abaixo das expectativas do mercado de 10,7 (TRADINGECONOMICS, 2019).

O desemprego juvenil é de cerca de 30 a 35 por cento, porém essas estatísticas não encobrem a imagem real, eles só levam em conta aqueles que estão procurando ativamente por trabalho. Se incluirmos todos que podem trabalhar, mas desistiram, os números são muito mais altos. Alguns números falam de um desemprego geral de 30% - o mais alto da Europa. Nem as estatísticas oficiais levam em conta a diferença entre as regiões. (Thomas Fazi, 2019)

O desemprego é menor nas regiões do norte, que estão integradas nas cadeias de valor da Europa central. Mas no sul, as coisas são piores: as taxas chegam a 60% a 70% em algumas partes (Thomas Fazi, 2019). Depois que a Itália entrou em crise em 2018, o euro caiu, as bolsas fecharam em baixa e os rendimentos dos títulos de dez anos da Itália deram um salto.

O rumo da Itália e de toda Europa dependerá do resultado das eleições. A Itália tem uma dívida pública de € 2,3 trilhões. Isso significa 132% do PIB e o segundo maior nível de endividamento da UE, depois da Grécia. Salvini, da Liga, insiste que "ninguém jamais pensou em sair do euro - não estava em nossos manifestos, nem nos manifestos de Savona" (g1.globo.com).

Já o Movimento 5 Estrelas não gosta do euro, mas não planejam mais realizar um referendo sobre a moeda única. Eles prometem uma renegociação dos principais acordos da zona do euro, como o Pacto de Estabilidade e Crescimento e o Pacto Fiscal. Esses documentos comprometem os Estados com a disciplina orçamentária e metas rígidas estabelecidas por Bruxelas, portanto, não existe risco da Itália sair da zona do euro, no entanto, há chances de prováveis desentendimentos.

RELAÇÃO BRASIL-ITÁLIA

Brasil e Itália têm longa tradição de relacionamento, com intenso diálogo político, intercâmbio de visões sobre temas internacionais atuais e proximidade social e cultural. Na esfera legislativa, o relacionamento bilateral tem sido impulsionado pelo Grupo Parlamentar Brasil-Itália. Criado em 2003, o grupo é composto por deputados de ambos os países e tem trabalhado para o fortalecimento dos laços econômicos, políticos e culturais.

A Itália é o 12º investidor direto no Brasil (tanto no conceito de investidor imediato, como de controlador final). Os investimentos italianos no Brasil cobrem ampla gama de setores. Estima-se que existam mais de 1.200 empresas italianas no país, gerando centenas de milhares de postos de emprego. No sentido inverso, existem aproximadamente 20 empresas brasileiras de grande porte operando em território italiano. Estima-se que as companhias italianas empreguem cerca de 150 mil funcionários diretos. Como mostram dados de 2018, a Itália foi o 12º parceiro em ranking de exportações, que alcançaram a cifra de 3.56 bilhões de dólares (Itamaraty, 2019).

No começo de 2019, ocorreram vários acontecimentos entre Brasil e Itália. Nos últimos anos os dois países se encontravam com um elemento em comum: Cesare Battisti, condenado por quatro homicídios cometidos na década de setenta na Itália, quando fazia parte de um grupo armado de extrema-esquerda no período conhecido como Anos de Chumbo. Battisti havia chego no Brasil em 2004, porém alguns anos depois lhe foi concedido refúgio pelo então governo: Partido dos Trabalhadores (PT). Em 2017, o governo Italiano pediu ao presidente Michel Temer que o Brasil revisasse a decisão sobre Battisti. Em dezembro de 2018, a extradição de Battisti foi autorizada junto com seu mandado de prisão. (G1, 2019)

O caso de Battisti, serviu ao novo Governo do Brasil para fazer um aceno diplomático à Itália e atacar a esquerda. O presidente e o ministro do Interior italiano, Matteo Salvini, de extrema direita, trocaram felicitações pelo Twitter e por telefonemas. Bolsonaro escreveu em seu twitter: “Parabéns aos responsáveis pela captura do terrorista Cesare Battisti! Finalmente a justiça será feita ao assassino italiano e companheiro de ideias de um dos governos mais corruptos que

já existiram do mundo (PT)" (Agência Brasil, 2019) e por telefone Salvini agradeceu ao presidente o "empenho do Brasil em solucionar o caso Battisti" (G1, 2019).

No dia 19 de Abril, Eduardo Bolsonaro, filho do presidente Jair Bolsonaro, se encontrou com Matteo Salvini. O líder da Liga aproveitou o encontro com o brasileiro para pedir votos em movimento internacional contra a esquerda. Ele também entregou a Eduardo uma cópia da chamada "Lei da Legítima Defesa", proposta do país europeu que permite a italianos com arma legal que atirem para matar em assaltantes que invadam residências e estabelecimentos comerciais, acreditando que a proposta contra criminosos possa integrar o pacote anticrime, proposto pelo ministro da Justiça e Segurança Pública, Sergio Moro. (Veja, 2019)

O filho do presidente reconheceu que seu pai quer aplicar uma medida "similar" à promovida por Salvini e disse estar confiante que o Congresso aprove esta lei em breve (Veja, 2019). Em 8 de maio, o ministro brasileiro das Relações Exteriores, Ernesto Araújo, reuniu-se com Matteo Salvini, em Roma. "Estou feliz de encontrar hoje, no Palácio do Viminale, o ministro brasileiro Ernesto Araújo. Grande sintonia e grande amizade entre os nossos povos e governos", escreveu Salvini, do partido nacionalista Liga Norte e símbolo da extrema-direita italiana (Istoe, 2019). Araújo e Salvini discutiram temas como comércio bilateral, investimentos, cooperação e assuntos globais.

ELEIÇÃO PARLAMENTAR EUROPEU

Milhões de cidadãos em toda a Europa escolherão novos representantes parlamentares em Bruxelas no dia 26 de maio, os eleitores escolherão 73 eurodeputados em 12 círculos eleitorais regionais multi-membros. Cada região tem um número diferente de eurodeputados com base na sua população (BBC, 2019)

Em 2014, 31 partidos colocaram candidatos para a eleição, com 10 assentos vencedores, e em 2019, há 24 candidatos em campo. A Change UK, que também atraiu o apoio de vários ex-parlamentares conservadores e deputados do Parlamento Europeu, quer ser a escolha número um para aqueles insatisfeitos com o Brexit. No entanto, especialistas políticos acreditam que a votação poderia dar uma visão mais aprofundada sobre a política nacional em cada Estado membro, em vez de sobre o futuro da própria União Europeia. (BBC, 2019)

Na Itália, as eleições serão um teste sobre o governo de coalizão anti-establishment (Antissistema), que está no poder há cerca de um ano, nas últimas semanas os dois vice-primeiros-ministros, Matteo Salvini, líder do Partido da Liga e Luigi Di Maio, líder do Movimento 5-

Star, expressaram diferentes posições para atrair eleitores para seus respectivos campos. Espera-se que o resultado da votação tenha um impacto sobre a política interna e sobre o futuro papel da Itália na União Européia. (Voa News, 2019)

O governo italiano de hoje é muito diferente de 2014, quando a última eleição para o Parlamento Europeu foi realizada. Naquela época, o governo italiano era liderado por Matteo Renzi, chefe do partido Democratas de Esquerda, um forte crente na Europa. O cenário mudou completamente na Itália depois que o atual governo foi formado após as eleições gerais de março de 2018, com os dois vice-primeiros-ministros pedindo mudanças sérias nas políticas da União Europeia e mais independência para as escolhas feitas por países individuais. O líder da liga Salvini disse que seu objetivo é ganhar e mudar as regras da Europa. (CNBC, 2019)

Os observadores estarão analisando atentamente para ver quais mudanças emergirão da votação, com a questão principal sendo como isso afetará o equilíbrio de poder entre os dois partidos no poder na coalizão. O resultado da eleição provavelmente determinará se a estabilidade no cenário político atual pode ou não ser mantida.

Em vista disso, é inevitável que o resultado dessa eleição acarretará grandes mudanças. Toda decisão feita daqui para frente afetará tanto nas relações internacionais da Itália com a Alemanha, seu maior parceiro comercial, como também com toda Europa e com o Brasil.

Referências

BBC. 2019 European elections: What you need to know. Disponível em: https://www.bbc.com/news/uk-politics-48190925. Acesso em: 02/06/2019.

BBC. European elections 2019: Where the parties stand on Brexit. Disponível em: https://www.bbc.com/news/uk-politics-48027580. Acesso em: 02/06/2019.

CNBC. What the EU elections will — and won't — tell us about the future of Europe. Disponível em: https://www.cnbc.com/2019/05/23/eu-parliamentary-elections-and-the-future-of-europe.html Acesso em: 01/06/2019.

EBC. Bolsonaro: com a prisão de Battisti, "finalmente justiça será feita. Disponível em: http://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2019-01/bolsonaro-com-prisao-de-battisti-justica-finalmente-sera-feita. Acesso em: 29/05/2019.

EL PAIS. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/01/13/politica/1547367596_725724.html. Acesso em: 30/05/2019.

EL PAIS. Prisão de Battisti, o ‘presente’ de Bolsonaro ao ministro populista italiano no poder. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/01/13/politica/1547403892_484318.html . Acesso em: 31/05/2019.

G1. Bolsonaro recebe telefonema. Disponível em: https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/01/14/bolsonaro-recebe-telefonema- Acesso em: 30/05/2019.

ITAMARATY. Disponível em: www.itamaraty.gov.br. Acesso em: 02/06/2019.

JORNAL DE NEGOCIOIS. Europa. Disponível em: www.jornaldenegocios.pt/economia/europa. Acesso em: 02/06/2019.

OEC. Itália. Disponível em: https://atlas.media.mit.edu/pt/profile/country/ita/. Acesso em: 02/06/2019.

TRADING ECONOMICS. Italy. Disponível em: https://pt.tradingeconomics.com/italy/unemployment-rate. Acesso em: 02/06/2019.

VOANEWS. Italy's EU Parliament Vote Could Change Country's Balance of Power. Disponível em: https://www.voanews.com/a/italy-s-european-parliament-vote-could-change-country-s-balance-of-power/4932431.html. Acesso em: 01/06/2019.

Moçambique

Mayara Santos Bueno

A República de Moçambique, país semipresidencialista, é localizado no sudeste do Continente Africano, com capital e maior cidade sendo Maputo. Sua língua oficial é o português, e por isso, celebra um pacto com países lusófonos, de aprofundamento da amizade mútua e de cooperação entre os seus membros, que será aprofundado no decorrer desta análise.

O país é rico em extensos recursos naturais, e assim como o Brasil, sua economia é baseada principalmente no setor primário, em especial a agricultura, porém, o setor industrial está em crescimento junto ao turismo. A moeda oficial é o metical, mas transações são feitas através do dólar americano, o euro e pelo rand sul-africano. Seu salário mínimo é de 60 dólares americanos por mês.

Mais de 1.200 empresas estatais, principalmente pequenas, passaram pelo processo de privatização, e os direitos aduaneiros passam por reformas e foram reduzidos. Em 2012, grandes reservas de gás natural foram descobertos. A taxa de crescimento do PIB teve uma evolução, entretanto, suas taxas de PIB per capita, índice de desenvolvimento humano (IDH), desigualdade de renda e expectativa de vida de Moçambique ainda estão entre as piores.

A Frelimo foi uma frente de Libertação de Moçambique que dirigiu a luta de libertação nacional que culminou com a independência nacional em 25 de junho de 1975. De acordo com a constituição em vigor, o regime político atual é presidencialista, o chefe de Estado, Filipe Nyusi, é igualmente chefe do governo. No entanto, existe desde 1985 o cargo de Primeiro Ministro, Carlos Agostinho do Rosário, que tem o papel de coordenador e pode dirigir as sessões do Conselho de Ministros na ausência do presidente, e todos membros, federativos, estatais e municipais, são igualmente eleitos democraticamente, para mandatos de cinco anos.

Trajetória Política

Bosquímanos foram os primeiros povos a habitar o território de Moçambique, e entre o século I e o V, houve uma onda de migração de povos de língua bantas, que vieram da região norte e o oeste da África, através do notório rio Zambeze, que estabeleceram comunidades agrícolas, criando principalmente gado.

Nos séculos seguintes, o local começou a ser dominado por suaílis, árabes e persas, que assentaram o litoral da Ilha de Moçambique, de forma comercial, mantendo relações com Madagascar e com o Extremo Ocidente.

Após arrancar o comércio do litoral dos árabes entre 1500 e 1700, os investimentos de Portugal foram diminuindo enquanto Lisboa se dedicava ao comércio com o Extremo Ocidente, a Índia e o processo de colonização no Brasil. Por isso, Portugal começou o processo de colonização do país a partir do século XVI.

Almejando a independência de Moçambique contra Portugal, muitos movimentos políticos clandestinos se espalharam a favor de ideologias comunistas e anticoloniais, afirmando que as políticas e planos de desenvolvimento elaborados pelas autoridades do governo eram voltadas apenas para o benefício da população portuguesa, afetando a população indígena, que sofria tanto com a discriminação patrocinada pelo Estado quanto pela enorme pressão social. Estatisticamente, os brancos portugueses de Moçambique eram mais ricos e qualificados do que a maioria negra.

Como resultado, portugueses conceder suas administrações a empresas privadas, dando início a guerrilha da Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO), em 1964. Em contrapartida, o exército português manteve controle de centro populacionais, enquanto a FRELIMO conquistava a área rural. Após dez anos de guerra, a FRELIMO assumiu o controle do território moçambicano. Moçambique tornou-se independente de Portugal em 25 de junho de 1975. Após a independência, a maioria dos 250 mil portugueses que viviam em Moçambique deixaram o país, alguns expulsos pelo governo, outros fugindo por temor de perseguição.

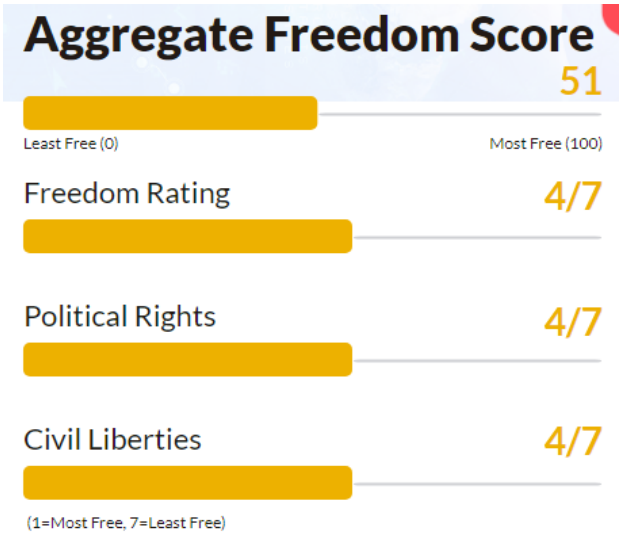
O bipartidarismo representa o sistema político, sendo dominado pelos dois partidos políticos: a Frelimo e a Renamo. O aparecimento de novos partidos é dificultado pela existência de um limite à entrada de partidos na Assembleia da República, só estando representados os partidos que somem 5% do total de votos válidos a nível nacional, assim como a cláusula de barreira aprovada por Eduardo Cunha no Brasil.

O país tem 48 partidos, sendo 3 em coalizão conjunta, formando o Bloco de Esquerda. Cinco partidos foram extinguidos, sendo o Partido Comunista de Moçambique, União Democrática Nacional de Moçambique, Partido Independente de Moçambique (PIMO), Partido da Convenção Nacional (PCN) e Coligação Renamo-União Eleitoral.

Ideologia dos partidos

Em Moçambique há 48 partidos, sendo os principais partidos, a Fremilo, que está no poder até hoje, e se encontra no espectro centro-esquerda, e a RENAMO, Resistência Nacional Moçambicana, que está no espectro de direita e o Movimento Democrático de Moçambique, o MDM, que se encontra no espectro centro-direita.

De acordo com o Freedom House, organização sem fins lucrativos, criados por Eleanor Roosevelt, ativista pelos direitos humanos e esposa do ex-presidente dos Estados Unidos, Franklin Delano Roosevelt, estuda e pública pesquisas em defesa e promoção dos direitos humanos, à democracia, o livre mercado e os meios de comunicação, relata que Moçambique é parcialmente livre, como mostrado na imagem a seguir:



Fonte: Freedom House.

Na pontuação de zero à 100, quanto mais perto do zero, menos livre o país é, e na pontuação de 1 a 7, quanto mais perto do 1, mais livre será, e quanto mais perto do 7, a população sente os problemas de uma sociedade inserida em um país menos livre.

Aspectos econômicos gerais

Cerca de 70% da população total de Moçambique, de 28 milhões (2016) vive e trabalha em áreas rurais, que dispõe de terras férteis, água, energia, recursos minerais e gás natural. Estrategicamente localizado, o país faz fronteira com outros seis, que não têm acesso ao mar,

sendo dependentes de Moçambique para rotas para o mercado global. O ponto mais alto de seu PIB em dólares foi em 2014, chegando a 16,9 bilhões, e em 2017, último ano que o Banco Mundial coletou dados, chegou a 12,6 bilhões de dólares.

As taxas de desemprego em 2016, de acordo com o Factbook da CIA, estavam em 25% e em 2017 as taxas caíram 0,5%, chegando a 24,5% e a população abaixo da linha da pobreza representava 46,1% em 2015, último dado coletado pela entidade. Os principais produtos da agricultura e industrias moçambicanas são algodão, castanha de caju, cana-de-açúcar, chá, mandioca (mandioca, tapioca), milho, cocos, sisal, frutas cítricas e tropicais, batata, girassol; carne de vaca, alumínio, produtos petrolíferos, produtos químicos (fertilizantes, sabão, tintas), têxteis, cimento e vidro.

Relação a China

As relações entre China e Moçambique começam a serem datadas e 1960, quando o país asiático passou a apoiar o partido que até hoje lidera, o Frelimo, orientado ao marxismo e contra o colonialismo português. As relações entre os dois países foram formalmente estabelecidas em 1975, assim que os moçambicanos conquistaram a independência (HORTA, 2007).

A China importa produtos manufaturados e maquinários, mas não com tanta intensidade e quantidade de produtos agrícolas e pesqueiros de Moçambique, sendo um dos três maiores parceiros comerciais do país, virando também, um dos grandes compradores de madeira moçambicana, ilegalmente (The New Humanitarian, 2007).

O país asiático também tem feito conceições nas áreas de infraestrutura, mais de um terço da construção de estradas é realizada por empreiteiros chineses (Bosten, Emmy. 2006).

Brasil-Moçambique

Investimentos brasileiros em Moçambique já alcançam USD 9 bilhões, de acordo com o site do Itamaraty, os principais projetos brasileiros em Moçambique estão associados às áreas de mineração, energia e construção civil. Há importante potencial de crescimento dos investimentos agrícolas brasileiros no país nos próximos anos.

Cerca de 3 contratos de investimento em infraestrutura em Moçambique, disponíveis no site federal BNDES, encontra-se o Aeroporto de Nacala pela Construtora Norberto Odebrecht, a Barragem de Moamba Major pela Construtora Andrade Gutierrez, e obras complementares do Aeroporto Internacional de Nacala, também pela Odebrecht.

Projetos contratados

Exportador	Operação	Descrição do projeto	Valor da operação (US$)
CONSTRUTORA ANDRADE GUTIERREZ S/A	5331153	EXPORTAÇÃO DE BENS E SERVIÇOS PARA A CONSTRUCAO DA BARRAGEM DE MOAMBA-MAJOR, LOCALIZADA NO RIO INCOMATI (REGIAO DE MOAMBA), PARA FORNECIMENTO DE AGUA.	320.000.000
CONSTRUTORA NORBERTO ODEBRECHT SA	2230632	EXPORTAÇÃO DE BENS E SERVIÇOS DE ENGENHARIA DESTINADOS A CONSTRUCAO DO AEROPORTO INTERNACIONAL DE NACALA, NA CIDADE DE NACALA, PROVINCIA DE NAMPULA, NO NORTE DA REPUBLICA DE MOCAMBIQUE.	80.000.000
CONSTRUTORA NORBERTO ODEBRECHT SA	4490503	EXPORTAÇÃO DE BENS E SERVIÇOS PARA OBRAS COMPLEMENTARES DO AEROPORTO INTERNACIONAL DE NACALA	45.000.000

Fonte: BNDES

Um importante e notório acordo entre os países é a Comunidade de Países de Língua Portuguesa, o CPLP, com cooperação cultural, educacional e econômica. Recentemente, a comunidade criou um fundo de solidariedade para o país, devido aos recentes acontecimentos envolvendo desastres naturais, doando cerca de 1,5 milhões de euros. Por fim, vale ressaltar que devido a esses desastres naturais, houve uma ação de para-diplomacia entre Brumadinho, em Minas Gerais e Moçambique, que recebeu bombeiros treinados para ações em deslocamento de terra e lama.

Referências

BOSTEN, Emmy. 2006. “China’s Engagement in the Construction Industry of Southern Africa: the case of Mozambique”. Consultado em: 31 de maio de 2019. Disponível em: <https://www.ids.ac.uk/files/emmybostonpaper.pdf>.

BRASIL. A Luta pela Independência. Portal do Governo de Moçambique. Consultado em 14 de maio de 2019. Disponível em: <http://www.portaldogoverno.gov.mz/por/Mocambique/Historia-de-Mocambique/ALuta-pela-Independencia>.

CPLP. Comunidade dos Países de Língua Portuguesa. Consultado em 27 de maio de 2019. Disponível em: < https://www.cplp.org/id-2595.aspx>.

DEUTSCH WELLE. Consultado em 27 de maio de 2019. Disponível em: < https://www.dw.com/pt-002/moçambique-cplp-apoia-vítimas-do-ciclone-idai-com-15-milhões-de-euros/a-48258958>.

FREEDOM HOUSE Report. Consultado em: 31 de maio de 2019. Disponível em: <https://freedomhouse.org/report/freedom-world/2018/mozambique>.

FREEDOM HOUSE. Consultado em: 31 de maio de 2019. Disponível em: <https://freedomhouse.org/report/freedom-world/2019/mozambique>.

HORTA, Loro. 2007. “China, Mozambique: old friends, new business”. Consultado em: 30 de maio de 2019. Disponível em: < https://www.farmlandgrab.org/2322>.

ITAMARATY. Consultado em: 28 de maio de 2019. Disponível em: <http://www.itamaraty.gov.br/pt-BR/discursos-artigos-e-entrevistas-categoria/ministro-das-relacoes-exteriores-artigos/16261-mocambique-e-brasil-historias-cruzadas-parcerias-solidas-o-pais-11-05-2017>.

MACEDO, Victor Miguel Castillo de; MALOA, Joaquim. "Em Moçambique só há partidos de direita": uma entrevista com Michel Cahen. Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP. Consultado em: 31 de maio de 2019. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/plural/article/view/74428/78051>.

THE WORLD FACTBOOK. Consultado em: 31 de maio de 2019. Disponível em: <https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/mz.html>.

UNDP. Human Development - Indices and Indicators - 2018 Statistical Update (PDF) (em inglês). Disponível em:<http://hdr.undp.org/sites/default/files/2018_human_development_statistical_update.pd f>. Consultado em 14 de maio de 2019.

WORLD BANK. Consultado em: 31 de maio de 2019. Disponível em: <https://www.worldbank.org/pt/country/mozambique/overview>.

Nigéria

Rodrigo Batista Rodrigues Dos Anjos

A República Federal da Nigéria é uma república federal da África Ocidental, na fronteira com o Níger, no Norte, Chad no Nordeste, Camarões no Leste, e Benin em o Oeste. Sua costa no Sul está localizada no Golfo da Guiné, no Oceano Atlântico. A federação é composta por 36 estados e 1 Território da Capital Federal, onde a capital, Abuja, está localizada e a constituição define o país como secular e democrático. (FACTBOOK, 2019)

A construção histórica do país foi marcada por diversas reviravoltas. A influência britânica, e o controle sobre o que se tornaria a Nigéria, o país mais populoso da África, cresceram ao longo do século XIX. Uma série de constituições após a Segunda Guerra Mundial garantiu maior autonomia à Nigéria, que após a independência em 1960, foi marcada por golpes de estado, e principalmente por um longo regime militar, até que a morte do chefe de estado militar Sani Abacha em 1998 permitiu uma transição política.

Abacha foi um general que presidiu a Nigéria entre 1993-1998, seu governo ditatório foi o último da ditadura militar na Nigéria. É amplamente credenciado por suas reformas econômicas e realizações, em setembro de 1994, ele emitiu um decreto que colocou seu governo acima da jurisdição dos tribunais, efetivamente dando-lhe poder absoluto. Outro decreto deu a ele o direito de deter qualquer cidadão por até três meses sem julgamento. (SANI ABACHA, 2012)

Durante a sua presidência, o país reprimiu fortemente a insegurança. O governo de Abacha foi acusado de abusos de direitos humanos, especialmente após o enforcamento do ativista de Ogoni, Ken Saro-Wiwa pela Comissão Oputa (apenas uma das várias execuções de ativistas de Ogoni que se opuseram à exploração de recursos nigerianos feita pela empresa multinacional de petróleo , Real Dutch Shell Group). (ARNOLD, GUY; 2005).

Em 1999, uma nova constituição foi adotada e uma transição pacífica para o governo civil foi concluída. O governo continua a enfrentar a difícil tarefa de institucionalizar a democracia e reformar uma economia baseada no petróleo, cujas receitas foram desperdiçadas através da corrupção e da má gestão. (CONSTITUTION OF THE FEDERAL REPUBLIC OF NIGERIA, 1999)

Embora as eleições presidenciais de 2003 e 2007 tenham sido marcadas por irregularidades e significativa violência, a Nigéria está atualmente passando pelo período mais longo de governo civil desde a independência. As eleições gerais de abril de 2007 marcaram a primeira transferência de poder de civis para civis na história do país e as eleições de 2011 foram geralmente consideradas como credíveis. A eleição de 2015 é considerada a mais bem administrada na Nigéria desde o retorno ao governo civil, com Muhammadu Buhari junto do partido da oposição, o All Progressives Congress, derrotando o Partido Democrático do Povo que governava desde 1999. (NIGERIA FINAL REPORT, 2007; BBC, 2015)

Buhari é um general aposentado no Exército da Nigéria e anteriormente serviu como chefe de estado da nação de 31 de dezembro de 1983 a 27 de agosto de 1985, depois de tomar o poder em um golpe militar. Ele concorreu sem sucesso para o cargo de presidente da Nigéria nas eleições gerais de 2003, 2007 e 2011. Em dezembro de 2014, ele emergiu como candidato presidencial do Congresso Todos os Progressistas para as eleições gerais de março de 2015.

Buhari ganhou a eleição, derrotando o ex-presidente Goodluck Jonathan. Isso marcou a primeira vez na história da Nigéria que um presidente em exercício perdeu para um candidato da oposição em uma eleição geral. Ele foi empossado em 29 de maio de 2015. Em fevereiro de 2019, Buhari foi reeleito presidente, derrotando seu rival mais próximo Atiku Abubakar por mais de 3 milhões de votos. (TELEGRAPH, 2019)

Eleições gerais foram realizadas na Nigéria em 23 de fevereiro de 2019 para eleger o Presidente, o Vice-Presidente, a Câmara dos Representantes e o Senado. As eleições foram as mais caras já realizadas na Nigéria, custando 69 bilhões a mais que as eleições de 2015. O presidente em exercício Muhammadu Buhari venceu, derrotando seu rival mais próximo Atiku Abubakar (que foi vice durante 1999-2007) por mais de 3 milhões de votos. Ele recebeu um Certificado de Retorno e será empossado em 12 de junho de 2019. (THE GUARDIAN, 2019)

Imediatamente após as eleições, houve alegações de fraude generalizada pela oposição. As reivindicações incluíam acusações de roubo de urnas, negociação de votos e roubo de identidade. Houve também alegações de que esconderijos de explosivos foram encontrados pela polícia. A União Africana disse que as eleições são "em grande parte pacíficas e favoráveis para a realização de eleições confiáveis". A comissão eleitoral também descreveu as eleições como principalmente pacíficas. (PUNCH NIGERIA, 2019; MERCURY NEWS, 2019)

Relevância Econômica e Militar Na Nigéria

Localizada na África Ocidental, na fronteira com o Golfo da Guiné com Benin e Camarões, tem uma das maiores áreas do mundo (entre todos os países ocupa a posição de número 33) com mais de 900 mil km². Seu litoral tem 853km e seu clima varia; equatorial no Sul, tropical no Centro, árido no Norte. Já seu terreno é formado por planícies no Sul que se fundem em colinas e planaltos centrais; montanhas no Sudeste, planícies no Norte. (FACTBOOK, 2019)

Quando se trata de seus recursos naturais, é rica principalmente em gás natural, petróleo, estanho, minério de ferro, carvão, calcário, nióbio, chumbo, zinco, terra arável. Sua população é a maior entre qualquer nação africana; aglomerados populacionais significativos estão espalhados por todo o país, sendo as áreas com maior densidade no Sul e no Sudoeste. Entre os as questões socioambientais estão superpopulação grave e urbanização rápida que levaram a inúmeros problemas ambientais; poluição urbana do ar e da água; desmatamento rápido; degradação do solo; perda de terra arável; poluição por óleo - a água, o ar e o solo sofreram sérios danos causados por derramamentos de óleo. (LIZZIE WILLIANS, 2005; OIL E GAS JOURNAL, 1995)

A partir de 2015, a Nigéria se tornou a 20ª maior economia do mundo, com valor superior a US $ 500 bilhões e US $ 1 trilhão em termos de PIB nominal e paridade de poder de compra, respectivamente. Ultrapassou a África do Sul para se tornar a maior economia da África em 2014. A dívida / PIB de 2013 foi de 11%. A Nigéria é considerada um mercado emergente pelo Banco Mundial; foi identificado como uma potência regional no continente africano, e foi identificado como uma potência global emergente. No entanto, atualmente tem um Índice de Desenvolvimento Humano "baixo", ficando em 152º lugar no mundo. (WORLD BANK, 2019)

A Marinha da Nigéria (NN) é o ramo marítimo das Forças Armadas da Nigéria. A estrutura de comando da Marinha nigeriana hoje consiste na sede naval em Abuja, três comandos operacionais com sede em Lagos, Calabar e Bayelsa. A sede do comando de treinamento está localizada em Lagos, a capital comercial da Nigéria, mas com instalações de treinamento espalhadas por toda a Nigéria.

A Nigéria é um membro do grupo MINT de países, que são amplamente vistos como as próximas economias do tipo " BRICS " do mundo. Ele também está listado entre as economias do " Onze Próximo " para se tornar uma das maiores do mundo. A Nigéria é um membro fundador da União Africana e membro de muitas outras organizações internacionais, incluindo as Nações Unidas, a Comunidade das Nações e a OPEP. (FACTBOOK, 2019)

A Nigéria é a maior economia da África Subsaariana e depende muito do petróleo como sua principal fonte de ganhos em divisas e receitas do governo. Após as crises financeiras globais de 2008-2009, o setor bancário foi efetivamente recapitalizado e a regulamentação aprimorada. Desde então, o crescimento econômico da Nigéria tem sido impulsionado pelo crescimento na agricultura, telecomunicações e serviços. (FACTBOOK, 2019)

A diversificação econômica e o forte crescimento não se traduziram em um declínio significativo nos níveis de pobreza; mais de 62% dos 180 milhões de pessoas da Nigéria ainda vivem em extrema pobreza. Apesar de seus fortes fundamentos, a Nigéria, rica em petróleo, tem sido prejudicada por fornecimento inadequado de energia, falta de infraestrutura, atrasos na aprovação de reformas legislativas, sistema ineficiente de registro de propriedades, políticas comerciais restritivas, ambiente regulatório inconsistente, sistema judicial lento e ineficaz, mecanismos de resolução de disputas não confiáveis, insegurança e corrupção generalizada. (QUARTZ AFRICA, 2018)

Restrições regulatórias e riscos de segurança limitaram novos investimentos em petróleo e gás natural, e a produção de petróleo da Nigéria vinha se contraindo todos os anos desde 2012 até uma ligeira recuperação em 2017. Buhari correu em uma plataforma anticorrupção e fez alguns avanços no alívio da corrupção, como a implementação de uma Conta Única do Tesouro que permite ao governo administrar melhor seus recursos e uma folha de pagamento e sistema de pessoal mais transparente que eliminou duplicatas e " trabalhadores fantasmas ". (FACTBOOK, 2019)

O governo também está trabalhando para desenvolver parcerias público-privadas mais fortes para estradas, agricultura e energia. A Nigéria entrou em recessão em 2016 como resultado da queda dos preços do petróleo e da produção, exacerbada por ataques de militantes às infraestruturas de petróleo e gás na região do Delta do Níger, juntamente com políticas econômicas prejudiciais, incluindo restrições cambiais.

O crescimento do PIB tornou-se positivo em 2017, à medida que os preços do petróleo se recuperaram e a produção se estabilizou. (FACTBOOK,2019) As despesas militares da Nigéria não representam nem 1% do seu PIB (0,43%). Os militares nigerianos são encarregados de proteger a República Federal da Nigéria, promover os interesses globais de segurança da Nigéria e apoiar os esforços de manutenção da paz, especialmente na África Ocidental. Isso é em apoio à doutrina às vezes chamada de Pax Nigeriana. O exército nigeriano consiste em um exército, uma marinha e uma força aérea. (FACTBOOK,2019)

Os militares na Nigéria desempenharam um papel importante na história do país desde a independência. Várias juntas tomaram o controle do país e governaram a maior parte de sua história. Seu último período de governo militar terminou em 1999 após a morte súbita do ex-ditador Sani Abacha em 1998. Seu sucessor, Abdulsalam Abubakar, entregou o poder ao governo democraticamente eleito de Olusegun Obasanjo no ano seguinte. (FACTBOOK,2019)

Como o país mais populoso da África, a Nigéria reposicionou seu exército como uma força de manutenção da paz no continente. Desde 1995, os militares nigerianos, através de mandatos da ECOMOG, foram destacados como forças de paz na Libéria (1997), Costa do Marfim (1997-1999) e Serra Leoa (1997-1999). De acordo com a delegação das forças da União Africana, fixaram-se na região do Darfur, no Sudão para tentar estabelecer a paz. (FACTBOOK,2019)

Brasil-Nigéria

O Brasil possui relações diplomáticas com a Nigéria desde 1961, e sua legação diplomática está sediada em Abuja, além de um consulado em Lagos. Estas relações concentram-se principalmente sobre o comércio e a cultura. Eles são respectivamente os países mais populosos na América Latina e na África. Os dois países tiveram nos últimos anos uma boa amizade, e um forte relacionamento sobre as bases da cultura (visto que muitos afro-brasileiros traçam a sua descendência e práticas religiosas da Nigéria), e das trocas comerciais. A Nigéria é um importante fornecedor de petróleo para o Brasil. (MINISTÉRIO DA ECONOMIA, 2019)

Durante o Governo Lula, o comércio entre os dois países havia praticamente quintuplicado entre os anos de 2002 a 2008. Os números colocaram a Nigéria como o décimo parceiro comercial do Brasil no mundo e o principal no continente africano. Porém, em 2019, a Nigéria ocupa o número 54 no ranking de exportações com o Brasil e 38 no das importações. O Brasil enviava a Nigéria 0,38% de suas exportações (cerca de US$750m) enquanto importa 0,54% de todas as exportações nigerianas (cerca de US$762m). (ATLAS MEDIA, 2019)

Perspectiva Do Governo Bolsonaro Para A Nigéria

Ainda esse ano, os dois países procuraram melhorar suas relações comerciais, consequência da reeleição de Buhari e da eleição de Bolsonaro. No início do ano, foi feito um acordo histórico entre os dois países para montar o maior projeto agropecuário do continente africano, com investimentos no valor de US$1 bi. O governo nigeriano exigiu que os equipamentos fabricados no Brasil sejam montados no seu país, para criar empregos locais. Segundo o estudo elaborado pela FGV, o programa deve gerar 100 mil empregos diretos e 5 milhões indiretos na Nigéria, que começou 2019 com uma taxa de desemprego de 23%. (O GLOBO, 2019)

A Embraer recebeu uma encomenda de 10 jatos E195-E2 da Air Peace, companhia nigeriana. O pedido foi confirmado nesta quarta-feira (3) em um evento do setor aeronáutico nas Ilhas Maurício, na África. O valor da venda é de cerca de US$ 700 milhões. O acordo prevê ainda o direito de compra de mais 20 aeronaves do mesmo modelo - o que agregaria, se todos os pedidos forem exercidos, mais US$ 1,4 bilhão ao valor do contrato. (G1, 2019)

Por outro lado, a Nigéria e principalmente sua imprensa, não demonstra tanto apoio direto em relação ao presidente Jair Bolsonaro, tanto que os acordos até agora firmados foram feitos com dirigentes de seu governo, porém, não diretamente com o próprio. A imprensa nigeriana sempre notifica os principais acontecimentos do Brasil e deixa claro o posicionamento do presidente como sendo de extrema direita. (PUNCH NIGERIA, 2019)

Referências

AÉREA NIGERIANA encomenda 10 jatos E195-E2 da Embraer. G1, 03 abril 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/vale-do-paraiba-regiao/noticia/2019/04/03/aerea-nigeriana-encomenda-10-jatos-e195-e2-da-embraer.ghtml>. Acesso em 28/05/2019.

AFRICA, A Modern History. Guy Arnold, [2005]. Acesso em 28/05/2019.

BRASIL quer incrementar relações com Nigéria, país mais populoso da África. O Globo, 05 Abril 2019. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/brasil-quer-incrementar-relacoes-com-nigeria-pais-mais-populoso-da-africa-23574149 >. Acesso em 28/05/2019.

BRASIL, Atlas. The Observatory of Economic Complexity. Disponível em: <http://www.mdic.gov.br/comercio-exterior/estatisticas-de-comercio-exterior/comex-vis/frame-pais?pais=nga>. Acesso em 28/05/2019.

BRAZIL'S Bolsonaro slammed for tweeting obscene carnival video. Punch Nigeria, March 6 2019. Disponível em: <https://punchng.com/brazils-bolsonaro-slammed-for-tweeting-obscene-carnival-video/>. Acesso em 28/05/2019.

BUHARI'S victory threatened as presidential candidate asks court to order fresh elections. Punch Nigeria, March 27, 2019. Disponível em: <https://punchng.com/buharis-victory-threatened-as-presidential-candidate-asks-court-to-order-fresh-elections/>. Acesso em 28/05/2019.

CENTRAL INTELLIGENCE AGENCY (CIA). The World Factbook: Nigeria. Disponível em: <https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/ni.html>. Acesso em 28/05/2019.

COMEX Vis: Países Parceiros: Nigéria, Ministério da Economia. Disponível em: < http://www.mdic.gov.br/comercio-exterior/estatisticas-de-comercio-exterior/comex-vis/frame-pais?pais=nga>. Acesso em 28/05/2019.

CONSTITUTION of the Federal Republic of Nigeria 1999. Nigeria Law Org., [1999]. Disponível em: <http://www.nigeria-law.org/ConstitutionOfTheFederalRepublicOfNigeria.htm#Powers_of_Federal_Republic_of_Nigeria>. Acesso em 28/05/2019.

EARLY Nigerian election results spark cries of fraud. Mercury News, 02 Feb. 2019. Disponível em: < https://www.mercurynews.com/2019/02/25/early-nigerian-election-results-spark-cries-of-fraud/>. Acesso em 28/05/2019.

MELOS, Ana Carolina; MEROLA, Victor. As relações bilaterais Brasil–Nigéria: um estudo de caso do período colonial aos dias de hoje, [2013]. Disponível em: <seer.ufrgs.br/RevistaPerspectiva/article/download/64963/37450>. Acesso em 28/05/2019.

MUHAMMADU Buhari claims victory in Nigeria's presidential elections. The Guardian, 31 Mar 2015.Disponível em: <https://www.telegraph.co.uk/news/worldnews/africaandindianocean/nigeria/11507102/Muhammadu-Buhari-claims-victory-in-Nigerias-presidential-elections.html>.Acesso em 28/05/2019.

MUHAMMADU Buhari wins Nigerian election with 56% of the votes. The Guardian, Feb. 26 2019. Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2019/feb/26/muhammadu-buhari-to-claim-victory-in-nigerias-presidential-election>. Acesso em 28/05/2019.

NIGER DELTA Oil Production, Reserves, Field Sizes Assessed. Oil & Gas Journal, 11 Nov. 1995. Disponível em: <https://www.ogj.com/articles/print/volume-93/issue-46/in-this-issue/exploration/niger-delta-oil-production-reserves-field-sizes-assessed.html>. Acesso em 28/05/2019.

NIGERIA ELECTION: Muhammadu Buhari wins presidency. BBC News, Apr. 2015. Disponível em: <http://www.bbc.com/news/world-africa-32139858>. Acesso em 28/05/2019.

NIGERIA has become the poverty capital of the world. Quartz Africa, June 25 2018. Disponível em: <https://qz.com/africa/1313380/nigerias-has-the-highest-rate-of-extreme-poverty-globally/>. Acesso em 28/05/2019.

NIGERIA: The Bradt Travel Guide, Por Lizzie Williams, [2005]. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=fwuQ71ZbaOcC&pg=PA26&redir_esc=y&hl=pt-BR#v=onepage&q&f=false>. Acesso em 28/05/2019.

NIGERIA FINAL REPORT. European Union Election Observation Mission, 21 April 2007. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20080216032839/http:/www.eueom-ng.org/Files/final_report.pdf>. Acesso em 28/05/2019

PIMENTEL, José Vicente de Sá. Relações entre o Brasil e a África subsaárica, [2000]. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-73292000000100001&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 28/05/2019.

SANI ABACHA. WEB ARCHIVE, [2019]. Disponível em: < https://web.archive.org/web/20121115132729/http:/www.saniabacha.com/index1.php?getpage=biography>. Acesso em 28/05/2019.

Paraguai e Uruguai

Júlia Torres Sarmento

Uruguai e Paraguai são duas importantes repúblicas federais da América do Sul, de fronteiras compartilhadas com o Brasil. A colonização de molde espanhol, submetido aos dois países, exerceu grande influência, que desde então, têm contato com a nação brasileira. A construção histórica do Uruguai foi marcada pela constante disputa entre espanhóis e portugueses. Portugal montara uma base em Sacramento, enquanto a Espanha ocupara Montevidéu, que viria a se tornar a capital do futuro país independente. O Brasil, sob domínio português, acabou por anexar o Uruguai, que mais tarde conseguiu sua liberdade. Enquanto o Paraguai, teve como política de colonização a delimitação das fronteiras com o Brasil contra a expansão portuguesa.

O primeiro grande conflito da região foi a Guerra da Cisplatina, um movimento de independência do atual Uruguai ao território brasileiro que, apoiado por Buenos Aires, resultou em sua emancipação. Já em relação ao Paraguai, houve a Guerra da Tríplice Aliança, que foi provocada pelo próprio país ao enfrentar Brasil, Argentina e Uruguai, visando expandir seu comércio com a obtenção de territórios que possuíssem saída estratégica para o mar, resultando em consequências extremamente negativas para a nação.

O Uruguai, agora independente, se voltou à agropecuária e utilizou empréstimos britânicos para sua modernização no século XIX. Nos meados da Segunda Guerra Mundial, porém, as exportações para os países europeus decaíram e suas reformas econômicas não funcionaram. Logo, o país entra em uma crise econômica, em 1955, dando espaço à ditadura cívico-militar.

O Paraguai, se especificou na mesma área da agropecuária, porém contou com a grande imigração de europeus e asiáticos, que povoaram as áreas rurais do país. Sofreu também várias guerras, como as civis paraguaias de 1922 e de 1947, tendo até sua constituição retirada. E não muito tempo depois, a nação conheceu a sua mais longa ditadura com Alfredo Stroessner, de 1954 até 1989.

Mais à frente, enquanto a América do Sul era assolada pelas várias ditaduras, a nação brasileira, paraguaia e uruguaia entre outras, se uniram para coordenar a repressão a opositores deste regime e eliminar líderes de esquerda, em uma aliança político-militar conhecida como “Operação Condor”. Após o período de ditadura até os dias de hoje, pode-se dizer que o Uruguai

progrediu muito mais do que o Paraguai em vários aspectos, como o PIB e o IDH, mesmo com um território bem menor. Ademais, tanto o Uruguai como o Paraguai são parceiros fundamentais para o Brasil.

Importância Regional

Levando em consideração os recursos naturais em comum de ambos os países e de apreço pelo Brasil, esses seriam: terras aráveis, alguns minerais menores, como minério de ferro, calcário e manganês, e talvez o mais importante, energia hidráulica. Pelas terras férteis, são grandes parceiros exportadores; pelo minério de ferro, são extremamente úteis para o fornecimento de ferro para trilhos; o manganês, para poderem serem feitas pilhas e baterias; o calcário, para neutralizar e eliminar gases liberados pelas grandes empresas queimadoras de combustíveis, além de ser feito o vidro; a energia hidráulica, mais conhecido o caso da Usina Hidrelétrica de Itaipu, a qual fornece 15% da energia consumida no Brasil e 90% no Paraguai, de acordo com o site governamental e oficial do Itaipu Binacional. (ITAIPU, 2016)

Outra questão importante que deve ser considerada, é o fato de serem pertencentes ao Mercosul: os três países mencionados são membros plenos e fundadores do bloco e trabalham juntos no realinhamento aos propósitos originais do Tratado de Assunção, pela democracia e direitos humanos, e no estímulo do mercado interno do bloco e no fortalecimento da agenda negociadora externa. O que é ótimo para o Brasil, pois além da proximidade há a questão de também serem pontos estratégicos com saída para o mar.

Além disso, de acordo com o World Bank, o Uruguai é o 10º melhor país para fazer negócios na região da América do Sul e Caribe, enquanto o Brasil está em 15º e o Paraguai em 17º. (WORLD BANK, 2018). Comparando as duas economias, Uruguai e Paraguai, mundialmente são o 96º e o 91º, respectivamente, em uma listagem de 190 países (THE WORLD FACTBOOK, 2016). Regionalmente, o Paraguai se mantém como a economia mais dinâmica, e apesar de pequeno o Uruguai se encontra com um ótimo PIB. Por causa dos terrenos férteis, o setor da economia que se destaca é o primário, tendo uma produção de mais de 50% na área de criação de ovinos e bovinos e no cultivo de variadas matérias-primas. Em relação ao Brasil, o comércio exterior do Paraguai é altamente integrado e complementar ao dos países vizinhos, sendo a nação brasileira seu principal parceiro comercial. Em 2018, absorveu mais de 30% do total das exportações paraguaias, considerada a energia de Itaipu não consumida pelo Paraguai e comprada pelo Brasil, e forneceu aproximadamente 22,5% de suas importações. (ITAMARATY, 2018)

Essa integração econômica com o país, no caso do Uruguai, tem beneficiado a economia e a indústria dos dois países. Com aumento das exportações e queda das importações brasileiras, resultou em um aumento do superávit brasileiro. Destacando, ainda, a importância dos investimentos brasileiros no Uruguai, particularmente em setores agroexportadores. Apesar disso, a nação uruguaia se encontra estagnada economicamente, mesmo com a baixa taxa de desemprego, alto PIB e IDH.

Questão de Itaipu

A região em que fica a agora Usina Hidrelétrica de Itaipu, o Salto de Sete Quedas, foi uma zona muito disputada entre o Brasil e o Paraguai, que voltou a entrar em foco na Guerra da Tríplice Aliança. No entanto, apenas em 1962 foi cogitada a ideia dos dois países se unirem para produzir energia em conjunto, a qual também foi abalada com a presença ameaçadora nos militares brasileiros na área. E só em 1965, com a criação da Ponte da Amizade foi aumentado o clima de cooperação, pois oferecia a exportação dos produtos paraguaios através do território brasileiro. O resultado das negociações foi a Ata do Iguaçu, assinada em 1966 pelos ministros das relações exteriores de ambos os países. Com esse esforço, em 1973 é assinado o Tratado de Itaipu, o qual os dois países poderiam fazer uso legal do aproveitamento hidrelétrico do Rio Paraná.

Por isso mesmo, sua produção de energia é dividida entre as duas nações, sendo que o Paraguai a utiliza bem mais do que o Brasil, por este ter outros meios e fontes de energia, como a eólica. Então, todo começo do ano, depois do fim do acordo que durou 10 anos, os países em questão se juntam para discutir e fazer uma avaliação da porcentagem que cada um consumirá para definir um cronograma de contratação de energia. No entanto, a nova proposta do Brasil, é que já se estenda o acordo até 2022 para que o governo brasileiro tenha garantia de previsibilidade das receitas necessárias para o pagamento das suas obrigações financeiras até o fim da renegociação do Anexo C do Tratado de Itaipu, previsto para acontecer em 2023. (ESTADÃO; 2019)

Outro motivo para tal prorrogação é para suavizar o impacto na conta de luz paraguaia, pois, no momento, o consumidor brasileiro está pagando mais caro. Isso porque, a Eletrobrás, empresa de energia brasileira, contrata toda a potência que vai necessitar, enquanto a Andes, empresa de energia paraguaia, contrata a metade do seu consumo e paga a energia adicional,

que é anunciada como mais barata, desagradando assim, o Brasil, que se vê injustamente pagando mais caro.

Por isso, para se chegar em um acordo, ainda está havendo uma séria de baterias de negociações diplomáticas, que estão sendo afetadas pela declaração, feita em fevereiro deste ano, do presidente do Brasil, Jair Bolsonaro, que elogiou o ditador que abalou a nação paraguaia, Stroessner, sendo que o país homenageia os ativistas sociais desta era. (EL PAIS, 2019)

Eleições no Uruguai

As eleições uruguaias, desde a redemocratização em 1985 do governo autoritário da ditadura cívico-militar, são feitas a cada 5 anos. E completará em 2019, 15 anos que o partido político Frente Ampla está no poder executivo do Uruguai.

Dessa forma, nestas eleições, surgiram figuras que tem ganhado atenção como os candidatos nacionalistas de centro-direita Luis Lacalle Pou, que é quem tem mais chances de alcançar o então concorrente da Frente Ampla, Daniel Martinez, favorito na posição; e Juan Sartori, apoiado pelo presidente da Argentina e do Brasil, Maurício Macri e Jair Bolsonaro respectivamente. Os dois candidatos vêm criticando a política do partido da Frente Ampla, exatamente nos pontos que as classes média e alta discordam da atual.

Haja vista, a onda nacionalista que vem tomando conta dos países leva em consideração a desestabilização da segurança internacional e de seu país, por isso, é compreensível a proximidade dos discursos que agora emergem e o porquê desses movimentos, como o nacionalista e o conservador, estarem se ascendendo.

Tanto que, Manini Rios, também candidato presidencial e ex-comandante em chefe do Exército, chegou a fazer uma declaração que não quer permitir que imigrantes trabalhem quando há desemprego por parte dos uruguaios: “não somos contra imigrantes, é apenas injusto” (LA DIARIA, 2019)

Obviamente que também houve críticas a tais atos e declarações, como da Lucia Topolansky, atual vice-presidente, e do atual ministro da economia, Danilo Astori, que criticou as propostas de Juan Sartori e de outros candidatos nacionalistas como sendo superficiais e irresponsáveis: “dá o objetivo, mas não diz como chegará lá. Propostas quase impossíveis” (LA DIARIA; EL OBSERVADOR, 2019)

Por causa disso, Sartori já voltou atrás e disse que os planos sociais, que já tinha criticado, continuarão. Entretanto, como já possui o apoio de outros presidentes, se for eleito, tanto ele como Le Pou, são capazes de continuar uma política amigável com o Brasil, pela proximidade de ideias e fundamentos.

Todavia, com a mais provável eleição de Daniel Martinez, do partido Frente Ampla, será notável uma política mais distante com o Brasil, ainda mais com o presidente dando discursos de apoio às ditaduras e por sua postura unilateral, que o faz estar muito próximo à União Europeia, contrariando antigos acordos, algo que já foi criticado pelos uruguaios.

Referências

CIA. The world factbook.Disponível em: <https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/> Acessado em: 19 de maio de 2019

CRONICAS. Juan Sartori: Si gana el Frente Amplio “habrá más impuestos y mucho más desempleo”. Disponível em:

<http://www.cronicas.com.uy/portada/juan-sartori-si-gana-el-frente-amplio-habra- mas-impuestos-y-mucho-mas-desempleo/>. Acessado em: 30 de abril de 2019

EL OBSERVADOR. Astori: propuestas de campaña de Lacalle Pou y Sartori son “superficiales”. Disponível em:

<https://www.elobservador.com.uy/nota/astori-propuestas-de-campana-de-lacalle- pou-y-sartori-son-superficiales--2019422134124>. Acessado em: 23 de abril de 2019

EL PAIS. Bolsonaro elogia ditador paraguaio Alfredo Stroessner em público.

Disponível em:

<https://brasil.elpais.com/brasil/2019/02/26/internacional/1551213499_127441.html> Acessado em: 09 de abril de 2019

EL PAIS. Brasil e Paraguai se preparam para a batalha da renegociação de Itaipu. Disponível em:

<https://brasil.elpais.com/brasil/2019/05/10/politica/1557523277_609786.html> Acessado em: 30 de abril de 2019

EL PAIS. Daniel Martínez es el preferido como futuro presidente, según Factum. Disponível em:

<https://www.elpais.com.uy/informacion/politica/daniel-martinez-preferido-futuro-presidente-factum.html>. Acessado em: 14 de maio de 2019

EL PAIS. Mercosur: decisión unilateral de Brasil y negociación con la Unión Europea. Disponível em:

<https://negocios.elpais.com.uy/noticias/mercosur-decision-unilateral-brasil- negociacion-union-europea.html>. Acessado em: 14 de maio de 2019

EL PAIS. Paraguai homenageia jesuíta espanhol que enfrentou a ditadura de Alfredo Stroessner. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2019/03/29/internacional/1553879369_387868.html> Acessado em: 02 de abril de 2019

ESTADÃO. Brasil e Paraguai tentam acordo sobre preço de energia de Itaipu nesta quinta. Disponível em: <https://economia.estadao.com.br/noticias/geral,brasil-e-paraguai-tentam-acordo-sobre-preco-de-energia-de-itaipu-nesta-quinta,70002787168>. Acessado em: 16 de abril de 2019

FOLHA. 'Bolsonaro uruguaio' desponta como possível zebra nas eleições presidenciais. Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2019/02/bolsonaro-uruguaio-desponta-como-possivel-zebra-nas-eleicoes-no-uruguai.shtml>. Acessado em: 9 de abril de 2019

ITAIPU BINACIONAL. Perguntas frequentes. Disponível em: <https://www.itaipu.gov.br/sala-de-imprensa/perguntas-frequentes> Acessado em: 28 de maio de 2019

ITAMARATY. República do Paraguai. Disponível em:

<http://www.itamaraty.gov.br/pt-BR/ficha-pais/5635-republica-do-paraguai> Acessado em: 21 de maio de 2019

LA DIARIA. Manini Ríos: “le estamos dando beneficios a los inmigrantes que muchas veces no tienen los uruguayos”. Disponível em:

<https://ladiaria.com.uy/articulo/2019/4/manini-rios-le-estamos-dando-beneficios-a- los-inmigrantes-que-muchas-veces-no-tienen-los-uruguayos/>

Acessado em: 23 de abril de 2019

LA DIARIA. Topolansky criticó propuestas de campaña de Lacalle Pou y Sartori. Disponível em:

<https://ladiaria.com.uy/articulo/2019/5/topolansky-critico-propuestas-de-campana- de-lacalle-pou-y-sartori/>. Acessado em: 14 de maio de 2019

REPUBLICA. Consejos de salarios y planes sociales se mantendrán en un gobierno de Sartori. Disponível em:

<https://www.republica.com.uy/consejos-de-salarios-y-planes-sociales-se- mantendran-en-un-gobierno-de-sartori-id709406/>. Acessado em: 14 de maio de 2019

REPUBLICA. Sartori propone a los precandidatos trabajar juntos contra campañas de emboscadas y barro. Disponível em:

<https://www.republica.com.uy/sartori-propone-a-los-precandidatos-trabajar-juntos-contra-campanas-de-emboscadas-y-barro-id706445/>. Acessado em: 16 de abril

WORLD BANK. Classificação das economias. Disponível em: http://portugues.doingbusiness.org/pt/rankings?region=latin-america- and-caribbean> Acessado em: 27 de maio de 2019

Peru

Vitória Mayu Sugimoto

Peru, oficialmente chamado de República do Peru, localiza-se na América do Sul Ocidental, fronteira do Oceano Pacífico, entre Chile e Equador. Possui aproximadamente 31,331,228 de população. A expectativa de vida é de 74.2 anos (2018 est.), ficando em 89º lugar no ranking de IDH. Atualmente o Peru é uma república presidencialista democrática com sistema multipartidário dividida em 25 departamentos, 195 províncias (incluindo a província de Lima) e 1.833 distritos (2012), sendo Martín Vizcarra o atual presidente. (Factbook2019)

O Peru era habitado por civilizações incas, até que foram conquistados por espanhóis em 1533. O Peru declarou sua independência em 1821 e as forças espanholas remanescentes foram derrotadas em 1824. Em 1980, o país voltou com a democracia, após doze anos de regime militar, porém enfrentou problemas econômicos e o crescimento de uma insurgência violenta. Com todo o cenário trágico, a eleição do presidente Alberto Fujimori, em 1990, abre uma década que melhora a economia e também em outros setores. No entanto, a sua reputação vai caindo com escândalos envolvendo como por exemplo, direitos humanos, e assim levando à sua renúncia em 2000. Em 2001, foi eleito o mais novo presidente, o Alejandro Toledo Manrique, primeiro presidente democraticamente eleito do Peru de etnia indígena.

Em 2006, o Alan García Perez é eleito, após um período presidencial decepcionante de 1985 a 1990. O ex-oficial do exército, Ollanta Humala Tasso, foi eleito presidente em junho de 2011 e seguiu as políticas econômicas sólidas. Os níveis de pobreza e desemprego caíram drasticamente na última década, e hoje o Peru possui uma das economias com melhor desempenho na América Latina. Em junho de 2016, o Pedro Pablo Kuczynski Godard foi eleito, porém enfrentou um impeachment após ser comprovado o envolvimento em um escândalo de compra de votos, e renunciado logo após. Dois dias depois, o primeiro vice-presidente Martin Alberto Vizcarra Cornejo foi nomeado como presidente. (FACTBOOK 2019)

Importância Regional e Econômica

O território peruano cobre 1 285 216 quilômetros quadrados de área, no oeste da América do Sul. O país faz fronteira com o Equador e a Colômbia ao norte, o Brasil a leste, a Bolívia a sudeste, o Chile ao sul e o oceano Pacífico a este. As montanhas dos Andes e o oceano Pacífico

definem as três regiões tradicionalmente usadas para descrever o país geograficamente. O clima no Peru não necessariamente é tropical, pois há muita influência da Cordilheira dos Andes e da corrente de Humboldt, assim gerando uma diversidade climática no país. A costa peruana tem temperaturas moderadas, baixos índices de precipitações e alta umidade, com exceção de sua região norte, mais quente e úmida. Na serra (sierra), há muita chuva durante o verão e a temperatura e a umidade caem com a altitude até os picos congelados dos Andes. (Instituto de Estudios Histórico–Marítimos del Perú)

O produto interno bruto nacional peruano foi de US $ 211 Bilhões e seu PIB per capita foi de US $ 13,4 Milhares. As principais exportações do Peru são de cobre, ouro, zinco, têxteis e petrolíferos refinados. Seus principais parceiros comerciais são os Estados Unidos, China, Brasil, Suíça, Coréia do Sul, México e Chile. (OEC, 2019) Nos últimos 15 anos a economia peruana tem mostrado um crescimento significativo, porém, desde 2009 até 2013, houve um aumento de 5,6% ao ano, em média, com uma taxa de câmbio estável e baixa inflação. Esse crescimento só ocorreu através dos altos preços internacionais das exportações de metais e minerais do Peru, que representam 55% do total das exportações do país.

Após 2014 para 2017, o crescimento caiu muito, por conta da queda dos preços mundiais fracos para esses recursos. Apesar do forte desempenho macroeconômico do Peru, a dependência das exportações de minerais e metais e de alimentos importados torna a economia vulnerável a flutuações nos preços mundiais. Uma vasta gama de recursos minerais importantes é encontrada nas áreas costeiras e montanhas, e as águas costeiras do Peru fornecem excelentes áreas de pesca.

O Peru teve uma rápida expansão, juntamente com transferências monetárias e outros programas ajudaram a reduzir a taxa de pobreza nacional em mais de 35 pontos percentuais desde 2004. Segundo o Factbook: “O governo Humala aprovou vários pacotes de estímulo econômico em 2014 para impulsionar o crescimento, incluindo reformas nas regulamentações ambientais, a fim de estimular o investimento no lucrativo setor de mineração do Peru, movimento que foi contestado por alguns grupos ambientalistas.”

Porém, em 2015, por conta dos preços das commodities globais, o investimento em mineração caiu, uma vez que os permaneceram baixos e os conflitos sociais atingiram o setor. (Factbook 2019) A política de livre comércio do Peru continuou sob o governo Humala. desde 2006, o Peru assinou acordos comerciais com EUA, Canadá, Cingapura, China, Coréia, México,

Japão, UE, Associação Européia de Livre Comércio, Chile, Tailândia, Costa Rica, Panamá, Venezuela, Honduras e concluiu negociações com a Guatemala.

O então Presidente Pedro Pablo Kuckzynski, que sucedeu a Humala em julho de 2016, concentrou em reformas econômicas e políticas de livre mercado destinadas a impulsionar o investimento no Peru. A produção mineira aumentou significativamente em 2016 e 2017, o que ajudou o Peru a alcançar uma das maiores taxas de crescimento do PIB na América Latina, e o Peru deve manter um forte crescimento em 2019. No entanto, o desempenho econômico foi deprimido por atrasos nos megaprojetos de infraestrutura e pelo início das atividades, um escândalo de corrupção associado a uma empresa brasileira. Enchentes maciças no início de 2017 também foram um obstáculo ao crescimento, compensadas de certa forma por gastos públicos adicionais destinados a esforços de recuperação.

Brasil-Peru

Brasil e Peru mantêm Aliança Estratégica desde 2003, e os dois são membros da Associação Latino-Americana de Integração (ALADI). Entre os principais temas da agenda bilateral estão o adensamento dos laços econômico-comerciais, a integração fronteiriça, o aprimoramento da infraestrutura regional e a cooperação em diversas áreas, como segurança, combate ao narcotráfico, ciência e tecnologia e cooperação técnica. (Itamaraty)

O Brasil é o terceiro maior parceiro comercial do Peru. Segundo o Ministério das Relações Exteriores, em 2018, o intercâmbio comercial foi de US$ 3,97 bilhões, tendo aumentado 2,5% em relação a 2017. As exportações brasileiras alcançaram US$ 2,15 bilhões, e as importações US$ 1,81 bilhões. O Brasil exportou para o Peru principalmente automóveis de passageiros; polímeros de etileno, propileno e estireno; chassis; barras de ferro e aço; e papel e cartão. Importou, por sua vez, naftas; minérios de cobre e seus concentrados; minérios de zinco e seus concentrados e catodos de cobre e seus elementos.

O Brasil mantém com o Peru seu mais extenso programa de cooperação técnica com um país da América do Sul. As iniciativas em execução abrangem as áreas de saúde, recursos hídricos, sistemas agroflorestais, desenvolvimento social, trabalho, entre outras. (Itamaraty)

Atualmente no Peru, existe uma força-tarefa específica para investigar as acusações da “Lava-Jato peruana”. A Odebrecht admitiu ter pago propinas em pelo menos 12 países, e o Peru é o que está com as investigações mais avançadas, e os peruanos vêm trabalhando em conjunto com os brasileiros nas investigações. Segundo a revista VEJA (2019), a estimativa do custo do

superfaturamento das obras ligadas à Odebrecht tenha chegado a 3 bilhões de dólares. Com o acordo de colaboração, a Odebrecht se comprometeu a pagar 230 milhões de dólares à Justiça peruana e oferecer mais informações.

O cenário peruano mostra que a corrupção não tem lado político, com políticos de esquerda e direita implicados nos escândalos, disse o Samuel Rotta, vice-diretor executivo da organização peruana Proética, capítulo da Transparência Internacional no Peru. Assim, a Odebrecht abriu uma caixa de pandora dos escândalos de corrupção na América Latina. A empreiteira já fechou acordos com as autoridades em oito países, mas ainda falta Argentina, Colômbia, Venezuela e Angola. Logo, há chances de surgir novas revelações.

Com esses escândalos, a opinião pública peruana está pressionando para que as reformas e os casos sejam investigados. (EXAME) Um exemplo aconteceu justamente no acordo de colaboração premiada da Odebrecht. No fim do ano passado, o procurador-geral peruano, Pedro Gonzalo Chávarry, foi denunciado por tentar “entorpecer e obstruir o acordo de colaboração com a empresa Odebrecht”, como apontou o Ministério Público na denúncia. (G1)

Um outro caso que podemos citar é do ex-presidente o Alan García, que estava envolvido em um caso de corrupção ligado à empreiteira brasileira Odebrecht. Ele estava sendo acusado por receber dinheiro ilegal da construtora brasileira na campanha eleitoral em 2006. Por esse envolvimento, o ex-presidente deu um tiro na cabeça após a chegada dos policiais na sua casa. (G1)

Agora, o atual presidente do Peru é, desde março de 2018, Martín Vizcarra, vice de PPK. Ele tem se posicionado com uma agenda anticorrupção que já vinha sendo demandada pelas organizações especializadas há algum tempo, como uma reforma política e do judiciário (esse também altamente envolvido em escândalos no Peru). (G1)

A corrupção está diretamente ligada ao fluxo de economia do país. Esperamos que o Vizcarra possa terminar o seu mandato limpo, e sem ser acusado de lavagem de jato e de corrupção. Diferente do Brasil, o Peru conseguiu conciliar uma corrupção endêmica com crescimento econômico

Referências

EL COMERCIO. Alan García: O ex-presidente do Peru faleceu, continua minuto a minuto [LIVE]. 2019. Disponível em: <https://elcomercio.pe/politica/alangarcia- murio-ex-presidente-peru-vivo-sigue-minuto-minuto-caso-odebrechtdirecto-noticia-627044>. Acesso em 28/05/2019.

EXAME. Como o Peru teve mais presidentes presos pela Lava-Jato que o Brasil. 2019. . Disponível em: <https://exame.abril.com.br/mundo/como-o-peruteve-mais-presidentes-presos-pela-lava-jato-que-o-brasil/>. Acesso em: 28/05/2019.

G1. Corrupção no Peru: entenda denúncias envolvendo a Odebrecht e 4 expresidentes peruanos. 2019. G1. Disponível em: <Corrupção no Peru: entenda denúncias envolvendo a Odebrecht e 4 ex-presidentes peruanos>. Acesso em 28/05/2019.

G1. Ex-presidente peruano Alan García é velado em Lima. 2019. Disponível em: https://g1.globo.com/mundo/noticia/2019/04/18/ex-presidente-peruanoalan-garcia-e-velado-em-lima.ghtml>. Acesso em 28/05/2019.

OEC. Peru. Disponível em: <https://atlas.media.mit.edu/pt/profile/country/per/>. Acesso em 31/05/2019.

PONCE DE LEÓN, J. El Perú y sus recursos - atlas geográfico y económico:2a.ed. Lima: Cobol, 1996.

REPÚBLICA DO PERU. ITAMARATY. Disponível em: <http:/ /www.itamaraty.gov.br/pt-BR/ficha-pais/6464-republica-do-peru>. Acesso em 28/05/2019.

THE WORLD FACTBOOK. South America: Peru. Central Intelligence Agency. Disponível em: <https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/pe.html>. Acesso em: 28/05/2019.

VEJA. MIRIAM. Denise. Lava Jato peruana fisgou quatro ex-presidentes subornados pela Odebrecht. 2019. VEJA. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/mundo/ lava-jato-peruana-fisgou-quatro-ex-presidentes-subornados-pela-odebrecht/>.Acesso em 28/05/2019.

Portugal

Lucas Faria Chacon Cardoso

Portugal é um país que fica localizado na Europa, especificamente na Península Ibérica, com 92.212 km², fazendo fronteira com a Espanha e saída para o Oceano Atlântico e o Mar Mediterrâneo. Possuí aproximadamente 10,31 milhões de pessoas (segundo a Eurostat), em sua maioria falam a língua oficial (português), porém nas escolas são ensinadas as línguas inglesa, francesa e espanhola. A principal religião do país é a o catolicismo romano (81%) e o resto da população possui uma variabilidade religiosa bem vasta.

O sistema político constitui-se em uma República Semipresidencialista, fundamentada na Constituição de 1976. Existem quatro Órgãos de Soberania: 1- Presidente da República (Chefe de Estado - poder moderador com um pouco de poder executivo); 2- Assembleia da República (Parlamento – poder legislativo); 3- Governo (poder executivo); 4- Tribunais (poder judicial). O semipresidencialismo português - de tendência parlamentarista - suporta 4 traços estruturais essenciais: 1- A eleição do Presidente da República por sufrágio direto e universal; 2- A partilha do poder executivo entre este e o Governo, sem nunca o primeiro chefiar direta e formalmente o Executivo; 3- A responsabilização política do Governo perante a Assembleia da República e o Presidente da República; 4- O Chefe de Estado detém o poder de dissolução do Parlamento e das Assembleias Legislativas Regionais.

A cultura portuguesa é bem rica e famosa por sua comida e por conta de suas paisagens belas, além de atividades culturais como cinemas, teatros entre outras coisas. Além disso Portugal recebe imigrantes de vários países africanos,

“O número de imigrantes em Portugal aumentou em 2017 pelo quinto ano consecutivo, estimando-se que tenham entrado no território 36 mil e 639 pessoas para residir no país, mais 6 mil e 714 face a 2016, segundo dados do Instituto Nacional de Estatística (INE). Por outro lado, o número de emigrantes diminuiu pelo quarto ano consecutivo, de acordo com os dados divulgados esta quinta-feira. As estatísticas demográficas referentes a 2017 revelam que 51% do total de imigrantes permanentes são mulheres, 55% tinham nacionalidade portuguesa, 38% nasceram em Portugal, 47% residiam anteriormente num país da União Europeia e 81% eram pessoas em idade ativa (15 a 64 anos).” (OBSERVADOR, 2018)

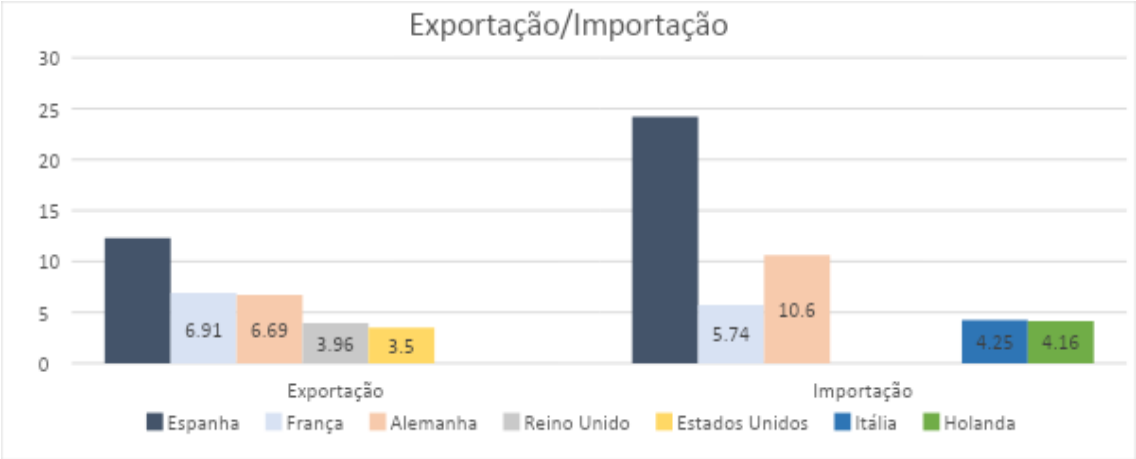
Por ser um país pequeno não há muita divergência entre os povos (como os espanhóis e os catalães). Também fez parte de vários processos de colonização de diversos países, como o Brasil, assim tendo uma influência muito grande com os mesmos. Portugal pode ser considerado um médio país, em termos europeus, e pequeno do Sistema Global das Nações. A situação geopolítica do país se dá no seguinte cenário: a) A nível Europeu: é um país diferente dos centros de tomada de decisões, porém está na União Europeia e é considerado um membro de pleno direito, com Direito de Veto se invocado o "Interesse Nacional Vital"; b) A nível Atlântico: está localizado no centro, do centro, de decisão internacional mais importante: Washington/Londres, e com acesso privilegiado ao Continente Sul Americano e África, no Atlântico Sul, onde nas duas margens se fala português; c) A nível Mediterrâneo: Portugal está na entrada/saída deste mar, tendo um controle maior sobre o mesmo do que os outros e desempenhou/pode desempenhar um papel importante em sua defesa e segurança. Tendo assim que Portugal é muito mais que um país europeu pequeno. (JORNAL TORNADO, 2015)

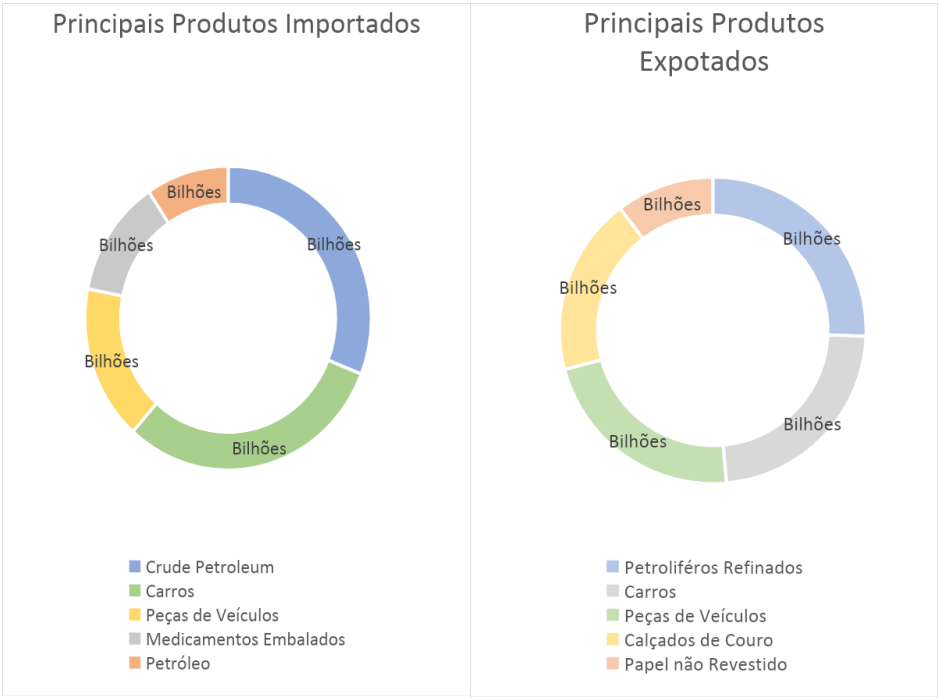
Os Açores e a Madeira são muito importantes como espaço de circulação entre parcelas do território nacional e águas territoriais, espaço aéreo nacional, fundos marinhos e a zona económica, porém é fundamental a eficácia do governo português para administra-la. (ESCORREGA, 2013)

Caráter Econômico e Político

Localizado em 41º lugar com 0,847 de IDH, no ranking europeu, Portugal apresenta um índice relativamente baixo de desemprego de 6,7% (janeiro de 2019, segundo a Eurostat), e um PIB de 217,6 bilhões de USD (em 2017, segundo o Banco Mundial). O país é a 44º maior economia de exportação no mundo, e 48º de acordo com o Índice de Complexidade Econômico (ICE, 2019).

Em 2017, Portugal exportou US $ 59,3 Bilhões e importou US $ 78,3 Bilhões, resultando em um saldo comercial positivo de US $ 19 Bilhões, com um PIB de US $ 217 Bilhões e seu PIB per capita foi de US $ 31,7 Milhares:





Parceiros Comerciais: Espanha, França, Alemanha, Reino Unido, Estados Unidos, Países Baixos, Itália, Angola, Bélgica e Marrocos. Gastos Militares: 1.84% do IDH (2016), 1.24% do IDH (2017) e 1.36% do IDH (2018).

Questões militares

O poder militar de Portugal se organiza em três nichos diferentes: 1- Exército Português; 2- Marinha Portuguesa; 3- Força Aérea Portuguesa.

A base militar nas Lajes é um ponto essencial para a OTAN e para atividades militares dos EUA e de Portugal, sustentou o político representante do Estado da Califórnia no Congresso, apesar da redução militar de 2015 que levou à eliminação de centenas de postos de trabalho nas Lajes, entre os quais a rescisão por mútuo acordo de cerca de 400 funcionários portugueses.

Na região dos Açores as bases americanas estão instaladas desde 1945 e continuam em atividade, porém isso está causando uma contaminação de resíduos tóxicos e nucleares que, além de, aumentar os casos de câncer na região também deixou o solo da mesa improdutivo (perto da região da base).

Em entrevista com à agência portuguesa em Washington, Jim Costa (representante dos EUA) reafirmou que é contrário à redução e extinção da base nas Lajes "Com as negociações que têm tido lugar entre os portugueses e os norte-americanos e com os esforços adicionais com que temos pressionado o Departamento de Defesa, no Congresso, esperamos que o novo perfil nos permita continuar a utilizar essa infraestrutura e que no futuro possamos tirar vantagem das oportunidades se a geopolítica mudar", disse. A base militar nas Lajes é essencial para a OTAN e para atividades militares dos EUA e de Portugal, sustentou Jim, além de estabelecer um vínculo maior com os EUA, fazendo alianças militares, políticas e econômicas com o mesmo. (NOTICIASAOMINUTO, 2019)

Portugal com a OTAN: parceria de 70 anos, sendo Portugal um membro fundador, usa da posição geopolítica dos Açores como “Trampolim Atlântico” para uma ponte entre os dois continentes, tem como parceiros marítimos o Reino Unido, EUA, Canadá, Noruega e Islândia. Com os avanços de interesses na região do arquipélago português temos o reposicionamento do AIR Center (Azores International Research Center) e a ilha de Santa Maria como sede da Agencia Espacial Portguesa. Tem como plano de segurança estratégica o Atlântico Sul, onde o triangulo CPLP (Cabo Verde – Brasil – Angola) surge. A OTAN é uma organização com elemento de ligação entre seus dois pilares o americano e o europeu, onde Portugal é uma peça chave nessa ligação. (OBSERVADOR, 2019)

Problemas Transnacionais: 1- Portugal não reconhece a soberania espanhola sobre o território de Olivença, baseada numa diferença de interpretação do Congresso de Viena de 1815 e do Tratado de Badajoz de 1801; 2- Pessoas apátridas: 14 (2017); 3- Drogas: recorde de apreender grandes quantidades de cocaína latino-americana destinada à Europa; um portal europeu para a heroína do Sudoeste Asiático; ponto de transbordo de haxixe do norte da África para a Europa; consumidor de heroína do sudoeste asiático. (THE WORLD FACTBOOK, 2019)

Portugal na UE

Portugal faz parte da história da União Europeia, pois é membro desde 1º de janeiro de 1986, e participa da maioria dos tratados da União como o Espaço Schengen; Possui 21 deputados no Parlamento Europeu, 12 membros no Comité Económico e Social Europeu, 11 membros no Comité das Regiões Europeu, fez parte de algumas Presidências do Conselho da União Europeia em: janeiro à junho de 1992| janeiro à junho de 2000| julho à dezembro de 2007, tem representação permanente junto da União Europeia e se comunica com as instituições europeias através de sua representação permanente em Bruxelas (a principal tarefa da representação permanente é assegurar a defesa dos interesses e a prossecução das políticas do país a nível da UE, de forma tão eficaz quanto possível), participa regularmente nas reuniões do Conselho da UE e é membro da Comissão Europeia (representado por Carlos Moedas, Comissário da Investigação, a Ciência e a Inovação). (EUROPA, 2019)

Brasil - Portugal

A relação do Brasil com Portugal é bem pacífica e próspera. Segundo dados europeus e portugueses, o Brasil, em 2011, foi o décimo mercado para as exportações portuguesas e o terceiro mais importante entre os destinos não-comunitários (depois de Angola e Estados Unidos), Brasil absorveu 1,4% do total exportado por Portugal, foi o décimo mercado fornecedor do país (sendo o terceiro não-comunitário) com uma participação de 2,5% nas compras portuguesas do exterior.

Segundo o INE em 2011, o comércio entre Brasil e Portugal aumentou 37,6% em relação à 2010 (€ 2,045 bilhões), enquanto as exportações brasileiras à Portugal alcançaram € 1,460 bilhões, e as importação de Portugal somaram € 586 milhões. O saldo comercial de acordo com a história de Brasil-Portugal ampliou-se em 44,2% alcançando € 874 milhões. O principal grupo de produtos exportados pelo Brasil a Portugal foi o dos minerais (pouco mais de metade do valor total, composto sobretudo por petróleo em bruto). Segundo o Itamaraty, os principais produtos exportados são: da indústria alimentar (13,6% do total), os produtos do reino vegetal (13,5%) e os metais (6,1%). Portugal exportou sobretudo gorduras e óleos animais ou vegetais (19,3 % do total, maioritariamente composto de azeite de oliva), produtos minerais (16,4 %), máquinas e aparelhos (13,4) e animais vivos e produtos do reino animal.

Já a balança comercial bilateral no setor de serviços, em 2011, alcançou € 1,4 bilhões, aumentando 8,8% em comparação ao ano anterior. As exportações brasileiras de serviços

alcançaram € 370 milhões, enquanto as portuguesas daquele setor totalizaram em € 1 bilhão. Em 2011, as exportações brasileiras de serviços, com variação negativa de 1,5% em relação a 2010, foram maioritariamente compostas pelo setor de viagens e turismo (45,2%) e pelo de transportes (33,2%). As exportações portuguesas de serviços ao Brasil aumentaram 13,1% em relação ao ano anterior, também subdivididas entre o setor de transportes (51,9%) e o de viagens e turismo (38,3%). O aumento reflete o fato de a TAP voar semanalmente para dez capitais brasileiras.

Ao contrário do que ocorre no setor de bens, a balança no setor de serviços é superavitária para Portugal, com saldo favorável de € 628 milhões, 24% superior em relação ao ano anterior. O Brasil ocupa, portanto, posição mais relevante para Portugal na balança comercial de serviços do que na balança de mercadorias. O Brasil foi o sexto cliente de Portugal em matéria de serviços (5,2% do total exportado) e o oitavo fornecedor dos mesmos (3,2% do total adquirido).

O Brasil é um dos principais receptores de investimento estrangeiro entre os países emergentes (US$ 67 bilhões em 2011), e tem sido o principal destino do investimento português no estrangeiro nos últimos anos (€ 554 milhões em 2011). O regime de economia aberta, a dimensão do mercado consumidor, as perspectivas de crescimento econômico, a existência de um acordo para evitar a dupla tributação com Portugal, o estreito relacionamento entre os dois Governos e a proximidade cultural têm contribuído para que inúmeras empresas portuguesas, desde os grandes grupos econômicos até pequenas e médias empresas, se tenham instalado no Brasil. (ITAMARATY, 2019)

Referências

CMJORNAL. “Portugal sobe para 41.º lugar no 'ranking' de desenvolvimento da ONU” Disponível em: - https://www.cmjornal.pt/sociedade/detalhe/portugal-sobe-uma-posicao-para-41-lugar-no-ranking-de-desenvolvimento-da-onu, último acesso em: 31/05/2019.

ESCORREGA. L. F. “Importância geoestratégica dos Açores e da Madeira”. Disponível em:https://www.academia.edu/10362055/Import%C3%A2ncia_geoestrat%C3%A9gica_dos_A%C3%A7ores_e_da_Madeira, último acesso em: 31/05/2019.

EUROPA. “Portugal” Disponível em: https://europa.eu/european-union/about-eu/countries/member-countries/portugal_pt, último acesso em: 31/05/2019.

JORNAL TORNADO. “O Poder dos Pequenos Estados: Geopolítica e Geoestratégia de Portugal no Atlântico (I)”. Disponível em:https://www.jornaltornado.pt/o-poder-dos-pequenos-estados-geopolitica-e-geoestrategia-de-portugal-na-bacia-do-atlantico-i/, último acesso em: 31/05/2019.

NOTICIAS O MINUTO. “Situação dos Açores”. Disponível em: https://www.noticiasaominuto.com/pais/1181181/base-militar-das-lajes-e-critica-para-estabilidade-e-seguranca-dos-eua, último acesso em: 31/05/2019.

OBSERVADOR. “Número de imigrantes em Portugal aumenta; diminui o número de portugueses que vão para fora”. Disponível em:https://observador.pt/2018/11/15/numero-de-imigrantes-em-portugal-aumenta-diminui-o-numero-de-portugueses-que-vao-para-fora/, último acesso em: 31/05/2019.

OBSERVADOR. “Portugal, a NATO e o mar: os primeiros 70 anos”. Disponível em: https://observador.pt/opiniao/portugal-a-nato-e-o-mar-os-primeiros-70-anos/, último acesso em: 31/05/2019.

SECOM. “Setor de Promoção Comercial (SECOM)” Disponível em: http://lisboa.itamaraty.gov.br/pt-br/assuntos_comerciais.xml, último acesso em: 31/05/2019.

THE WORLD FACTBOOK. “Portugal”. Disponível em: https://www.cia.gov/library/publications/resources/the-world-factbook/geos/po.html, último acesso em: 27/03/2019.

Reino Unido

Daniel Silva Gatti

O Reino Unido da Grã-Bretanha e da Irlanda do Norte, que se localiza no continente europeu, está entre os países mais importantes no cenário internacional. O país possui uma grande importância política e econômica, além de importante influência regional no continente europeu. Possui umas das economias mais estáveis e fortes do mundo contemporâneo, se situando como a 5° mais rica e estável, apesar de toda a atual conjuntura britânica.

A sua forma de Governo é a Monarquia com o uso do sistema Parlamentarista de Governo, ou seja, diferentemente de uma Monarquia Absolutista, na qual o Rei comanda com punho de ferro. Enquanto que no primeiro modelo a Rainha serve como Chefe de Estado, porém, com o Parlamento governando o país. Porém, a Rainha possui poderes especiais no Reino Unido, como os poderes para demitir o Primeiro Ministro e seus ministros e dissolver e convocar novas eleições para o Parlamento.

No modelo britânico atual, quem governa é o Parlamento, formado por cerca de 650 assentos, que são divididos pelos partidos políticos que o formam. Estes sendo principalmente os Partidos Conservador (Torys), Trabalhista (Labour), Liberais Democratas e Nacional Escocês. No momento tem como líder a Primeira Ministra Theresa May e como Monarca regente a Rainha Isabel II da Dinastia dos Windsor, a regente com maior tempo de reinado na história da Grã-Bretanha.

Na atual o momento, o Reino Unido passa por um momento político muito conturbado devido ao impasse sobre a questão do Brexit, que abalou as bases políticas do Governo Britânico principalmente em virtude de recentes acontecimentos sobre a renúncia da Primeira Ministra.

O Caminho para o BREXIT

Apesar da diminuição do poder britânico desde o final da Segunda Guerra Mundial, o Reino Unidos contínua como uma das maiores forças militares do mundo. Nota-se que os britânicos comandam uma força militar que é dotada de capacidade atômica, o que o torna um dos países mais relevantes do mundo, pois, países que são detentores de armamento nuclear possuem um poder maior de dissuasão no cenário internacional. Além disto, aqueles que possuem armas nucleares consequentemente são capazes de influenciar com maior capacidade a política

regional e internacional, sendo este um elemento fundamental na estratégia de defesa do Reino Unido.

Após a Segunda Guerra Mundial, o Reino Unido estava devastado economicamente e suas estruturas sociais estavam igualmente abaladas. Estes impactos econômicos e sociais ainda eram notados durante o segundo governo de Winston Churchill, que durou de 1951 - 1954. O governo de Churchill foi marcado por mais motivos domésticos do que internacionais. Mas isso não impediu com que o Primeiro Ministro britânico buscasse colocar o Reino Unido em uma posição de destaque e proeminência. Um destaque histórico da administração Churchill foi a nomeação de um dos promotores do famoso Julgamento de Nuremberg, na Alemanha.

Com o passar dos anos o Reino Unido enfrentaria uma série de acontecimentos que levariam a uma crise político-social que permitiriam a ascensão da mulher, talvez, mais polêmica da história do Reino Unido, Margaret Thatcher. A senhora Thatcher assumiria o Reino Unido em um momento de extrema dificuldade em que os serviços públicos se encontravam em condição precária, o que levava a apagões e falta de coleta de lixo. Thatcher foi marcada por ser uma pessoa inflexível para com sua tomada de decisão e pela onda de privatizações de empresas estatais e pelo Thatcherismo.

O legado de Thatcher seria sentido ao longo dos 20 anos que sucederam sua renúncia em 1990. Durante o governo de Tony Blair eles continuariam a ser sentidos, porém não com a mesma intensidade percebida em outros. Porém, o governo trabalhista de Tony Blair recebeu um destaque maior devido ao apoio do Reino Unido para os Estados Unidos na então titulada “Guerra ao Terror”, promovida pelo Presidente Bush, o que na época trouxe muitas represálias para o Primeiro Ministro trabalhista na época.

Com o fim do mandato de Tony Blair em 2007, um novo Primeiro Ministro seria escolhido para suceder Tony Blair, que foi marcado não só pelo apoio à Política Externa dos Estados Unidos mas pela pressão sofrida por ele pelo seu partido e pelo Parlamento que o acusava de má liderança. E o homem que seria eleito após sua resignação e um ano de governo do substituto de Blair, seria David Cameron.

David Cameron se tornou Primeiro ministro em 2010 e com isso é o mais jovem Premier Britânico na história. Além disso, a eleição de Cameron seria a primeira vez em mais de 15 anos que os Conservadores venceram uma eleição para Primeiro Ministro. O governo Cameron foi marcado principalmente pelo referendo pela Libertação da Escócia em 2014 e pelo Referendo do

Brexit em 2016, este último indo na contramão do que seus aliados e que resultou no fim do mandato de Cameron como Primeiro Ministro.

Após Cameron deixar o cargo, o governo seria liderado mais uma vez por uma mulher, Theresa May. May no começo de seu mandato aparentava que seria a pessoa que conseguiria passar um acordo de saída, porém, a nova Premier encontrou inúmeras dificuldades no exercimento de seu cargo, como a feroz oposição ao governo, a questão da Irlanda e o Parlamento que não aprovou as suas propostas para um Brexit. Isto sem contar na incapacidade/má governança de May que é atribuída como um dos pilares que levaram a renúncia da mesma no final de maio de 2019.

BREXIT

Na história do Reino Unido a questão da permanência deste na União Europeia foi sempre muito turbulenta desde sua adesão. Uma vez que ao longo de sua história, os governos britânicos sempre tiveram um posicionamento contra ou a favor da União Europeia.

Em 1975 foi realizado o primeiro referendo sobre a permanência do Estado Britânico no bloco europeu e quatro anos depois este governo optou por não se manter sistema monetário europeu, o que viria dar origem a moeda euro.

Ao observarmos a história do Reino Unido especificamente as personalidades políticas, uma delas se destaca como sendo uma das maiores figuras eurocéticas da vida pública da história do Reino Unido, a ex-Primeira Ministra Margaret Thatcher. A história da senhora Thatcher com a União Europeia foi marcada por um grande impasse. No começo de sua vida política a senhora Thatcher não era contrária ao bloco político, porém quando ela assumiu o cargo de Primeiro Ministro e de líder do Partido Conservador (Conservative Party/Torys), Maggie Thatcher começou a ser contrária a União Europeia.

Thatcher defendia que a Reino Unido estava gastando demais na contribuição do país para o orçamento do bloco e que era necessária uma diminuição graças ao difícil momento econômico que seu país passava. Apesar disso as discussões não pareciam progredir, o que fez com que Thatcher várias vezes afirmasse que ela retiraria o RU da Comunidade Europeia caso a discussão sobre a redução da contribuição britânica não fosse incluída nas pautas de discussão (Nugent, 1999). No final das contas, graças a sua determinação, a Premier Britânica foi capaz de reduzir a contribuição britânica para o orçamento da União Europeia.

Apesar disso, Thatcher concordou com a assinatura do Ato Único Europeu, pois, na visão da falecida primeira ministra, havia ainda muitas barreiras ao livre comércio entre os países do bloco europeu, porém, sua atitude resultaria na criação de uma moeda comum para o bloco, um dos motivos que levariam à sua queda no final de 1990. Posteriormente a esta questão da contribuição para com o orçamento da UE, Margaret Thatcher e seus membros do gabinete entrariam em atrito com a questão moeda comum.

Na eleição para o cargo de Primeiro Ministro em 2016 o antigo premier britânico é reeleito tendo como uma de suas promessas a afirmação de que se eleito, David Cameron organizaria a formação de um referendo a respeito da permanência do RU na União Europeia. Após a sua reeleição, o Primeiro Ministro fez conforme prometido em campanha e realizou o referendo. Sua atitude levou a muitas críticas de seus aliados que não concordavam com sua atitude, pois, todos acreditavam que era um risco muito grande a ser tomado e que não havia a necessidade de ser tomado já que Cameron podia muito bem voltar atrás em sua afirmação durante a campanha, o que é muito comum no mundo político. Entre aqueles que se posicionaram contra tal ação estão os membros do Partido Conservador e Donald Tusk, Presidente do Conselho Europeu.

De qualquer forma e agindo de forma contrária às recomendações de seus aliados, o referendo foi feito em todos os países que formam o Reino Unido no ano de 2016, e foi decidido, pela vontade do povo, que o Estado Britânico deveria deixar a União Europeia. O resultado abalaria extremamente o governo de Cameron, resultando em sua renúncia ao cargo, tal atitude forçou o Partido Conservador a escolher um novo nome para comandar o Reino Unido e para liderar os Torys em uma época que muitos previam que seria muito turbulenta. Após discussões foi decidido um substituto para o cargo, e com 60% dos votos o Reino Unido teria pela segunda vez em sua história uma mulher no cargo de Primeiro Ministro, esta mulher seria Theresa May.

As posições partidárias entraram em choque com a afirmação de que o Brexit aconteceria. O Partido Conservador, do governo, ficaria a favor de uma saída da UE. Enquanto que a oposição liderada por Jeremy Corbyn, se posicionasse de forma contrária à saída da comunidade europeia. A oposição dos trabalhistas levaria a tentativas de realizar um novo referendo que no final acabaria por ser apoiada pelos Torys, causando mais danos à imagem do governo.

Os britânicos que votaram a favor a saída da Grã Bretanha da União Europeia basearam seus votos em virtude da defesa da soberania britânica, na qual é permitido que qualquer cidadão europeu possa entrar no Reino Unido, uma incoerência para com a eleição dos representantes do

povo europeu, o fim de uma contribuição maior do que é enviado para o Reino Unido assim como fim de impostos da UE.

Dentro da conjuntura política interna do RU, existem dois grandes partidos, o Partido Conservador e o Partido Trabalhista, e partidos menores como os Liberais Democratas, o Partido pela Independência do Reino Unido, o Partido Nacional Escocês e o Partido Verde além do mais recente formado Partido do Brexit. Apesar dos Torys e os Trabalhistas serem os dois maiores partidos, nenhum Primeiro Ministro consegue governar sem o apoio dos partidos menores, e Theresa May não foi exceção a esta afirmação.

Desde que Theresa May invocou o artigo 50 do Tratado de Lisboa, o que notificou a UE de sua intenção de deixar o bloco, em março de 2017, a Premier Britânica tem enfrentado uma oposição feroz liderada por Jeremy Corbyn, do Labour Party (Trabalhista), oposição que tem se recusado a conversar com o governo para realizar o Brexit, tais atitudes podem ser notadas através das publicações no Diário Oficial do Reino Unido. Além de uma forte oposição no começo de seu governo, May antecipou as eleições gerais para que a mesma tivesse mais controle das negociações do Brexit, porém, o reverso aconteceu e os Conservadores perderam assentos na Câmara dos Comuns enquanto que a oposição ganhou assentos. A situação pioraria para May e os Torys, porque com a perda dos assentos na Câmara dos Comuns o Governo perdeu a maioria que é necessária para formar um governo de maioria, forçando Theresa May a dialogar com o Partido Unionista Democrático para formar um governo minoritário para que ela pudesse governar.

No meio desta derrota, boatos de que um voto de não confiança seria realizado começaram a surgir. O que geraria uma pequena tensão e instabilidade dentro do Governo May e no Partido Conservador. Além disso, muitos analistas começavam a cogitar uma incapacidade da Primeira Ministra de conseguir liderar um processo de tamanha complexidade como o Brexit. Com isso, muitos nomes começavam a ser apontados como possíveis sucessores de May, caso ela perdesse um voto de não confiança, como Boris Johnson, Jeremy Corbyn e Andrea Leadsom.

No ano de 2018, a Primeira Ministra continuava com seus esforços para que ela fosse capaz de realizar um acordo para que o Reino Unido se retirasse da União Europeia. Mas conjunturas políticas externas dificultariam ainda mais a situação como por exemplo a questão do movimento sindical na Irlanda e um voto de não confiança em sua liderança, que se obtivesse a maioria no Parlamento forçaria a Primeira Ministra a convocar novas eleições, porém este não foi o caso de Theresa May. Entretanto, a vida política da Premier se manteria turbulenta, pois, em janeiro de 2019 ela foi alvo de mais uma moção de desconfiança que mais uma vez foi vencida

por ela. A determinação de May para com o Brexit fez com que muitos membros da imprensa britânica e do parlamento associarem sua força de vontade com a da falecida Margaret Thatcher. Porém tal atribuição foi alvos de críticas de simpatizantes da antiga Premier do Reino Unido.

O ano de 2019 é decisivo para questão do Brexit, e Theresa May estava chegando ao fim do prazo estipulado sem apresentar resultados. Ela estava ficando sem opções e seus aliados começavam a diminuir cada vez mais, botando a Primeira Ministra em situação extremamente desgastante e problemática. As tensões aumentaram quando foi divulgado que o partido de Nigel Farage, um dos políticos eurocéticos mais destacados após o fim da era Thatcher (1979 - 1990), o Brexit Party estaria legitimado de fato como um partido e estaria presente nas eleições para o Parlamento Europeu caso o Reino Unido ainda estivesse na União Europeia.

Porém, Theresa May mostrou sua capacidade como Primeira Ministra quando a mesma solucionou a questão da fronteira entre as Irlandas, o que era visto por muitos como um dos principais empecilhos em relação ao Brexit, uma vez que a República da Irlanda não faz parte do Reino Unido mas faz parte da União Europeia.

A situação aparentava tomar rumos novos com o comunicado de que oficial de que o Governo Conservador de Theresa May e a Oposição Trabalhista liderada por Jeremy Corbyn estavam dialogando entre si para que fosse possível encontrar uma saída para o impasse da saída do Reino Unido da UE. Entretanto, as conversas entre ambos os lados pareciam não estar sendo produtivas, uma vez que Corbyn afirmou que as conversas eram prejudicadas devido a uma agenda mal organizada do governo e posteriormente o mesmo iria sugerir que as conversas entre ambos estava chegando ao fim. Para piorar a situação, rumores apontavam que May seria alvo de outro voto de não confiança, o que fragilizava ainda mais a posição da Premier e consequentemente, o seu governo.

Após Theresa May adiar a saída do Reino Unido da União Europeia duas vezes, ver sua proposta para o Brexit ser rejeitado três vezes pelo Parlamento e sofrer imensa pressão de aliados e oposição, ela chegou ao seu limite. No dia 24 de Maio de 2019, Theresa May anunciou que a mesma irá renunciar ao cargo de Primeira Ministra e de líder do Partido Conservador, se tornando a segunda mulher a renunciar ao cargo e por coincidência, com semelhanças à renúncia de Dama de Ferro, Margaret Thatcher.

Agora que May anunciou sua renúncia, a corrida para conseguir seu cargo começou e não aparenta que vai desacelerar tão cedo. Inúmeros nomes já conhecidos da política assim como

novos começaram a ser apontados como possíveis candidatos para serem o novo(a) líder do Reino Unido, porém, poucos são confirmados como candidatos.

Um nome se destaca entre as personalidades políticas, Boris Johnson. O ex secretário de relações exteriores se tornou um dos homens mais citados e mencionados pelos jornalistas e analistas da política doméstica britânica para assumir a posição que por enquanto pertence a atual Primeira Ministra. Muitos defendem que Boris Johnson seria o pior nome possível para assumir a situação presente do Brexit, pois, Johnson é conhecido por ser uma figura política que defende um "Hard Brexit", que significa a defesa de uma saída da União Europeia sem nenhum tipo de acordo entre as partes e em que o Reino Unido deixaria de fazer parte do mercado único europeu e da união.

Outros nomes confirmados na disputa são o ex-secretário Dommnic Rove, o atual Chanceler Britânico, Jeremy Hunt e Angela Leadsom a representante do governo no Parlamento Britânico juntamente com Michael Gove, o atual Ministro do Meio Ambiente.

Existe um perigo maior dentro das conjunturas partidárias, que é a possibilidade de membros dos partidos grandes de migrarem para o Partido do Brexit, do muito bem conhecido Nigel Farage. Este partido foi visto por muitos como um partido que não poderia ser subestimado e que se os líderes Conservadores e Trabalhistas não tomassem cuidado, os membros de seus partidos poderiam migrar para este novo partido.

As eleições para o Parlamento Europeu que foram realizadas recentemente provaram a queda da confiança nos Conservadores e Trabalhistas quando comparados ao sucesso do Brexit Party. Os resultados mostram o Brexit Party recebendo cerca de 31% dos votos, seguidos pelos Liberais Democratas com 18,6% , os Trabalhistas com 14%, o Partido Verde com 11%, os Conservadores com 8,7% e o Partido de Independência do Reino Unido com aproximadamente 3,6%.

A queda dos Conservadores é justificada pela incapacidade de Theresa May de passar o acordo do Brexit além do apoio da Primeira Ministra para a realização de um segundo referendo para então se confirmar a vontade do povo. Os trabalhistas de Corbyn ao apoiarem a iniciativa de realizar um segundo referendo foram prejudicados, entretanto, suas críticas direcionadas ao Governo os renderia mais votos. As críticas feitas à ambos os partidos foram usados a favor do Brexit Party, que capitalizou e conseguiu uma excelente performance em comparação à derrocada dos Conservadores e a queda dos Trabalhistas.

As eleições gerais de 2022 serão decisivas para os Conservadores. Caso o novo Primeiro Ministro e consequente líder do partido for incapaz de lidar com o Brexit, é possível que o Partido Conservador perca a sua posição de destaque, posição que é sua desde a formação deste meio político no Século XIX.

BRASIL – REINO UNIDO

O Reino Unido possui relações bilaterais com inúmeros países ao redor do mundo, incluindo o Brasil, sendo o décimo sétimo parceiro comercial no ranking de países cujo mercado recebe mercadorias brasileiras (ITAMARATY, 2018). Os valores do PIB britânico mais recentes afirmam que ele seja 2,6 trilhões de dólares e ele realiza transações conforme as regras do bloco europeu ao qual ele pertence. Porém a previsão é de que caso o Brexit seja feito sem um acordo, ou seja, caso seja realizado um Hard Brexit, os Britânicos farão uso das diretrizes Organização Mundial do Comércio (OMC) e consequentemente impactando positivamente e negativamente o comércio entre o país e seus parceiros.

Os principais países com os quais a Grã-Bretanha realiza comércio são os Estados Unidos, Alemanha, Holanda e França. Realizando principalmente exportações de combustível, tabaco e bebidas juntamente com carros, medicamentos e petróleo. Vale destacar que os Estados Unidos são um dos principais países do globo que investem no Reino Unido, fortalecendo assim os vínculos econômicos entre os dois países ocidentais. Com as declarações do Presidente Donald Trump, de que ele vê Boris Johnson e Nigel Farage como grandes homens, Trump da mais um sinal de que caso o Brexit aconteça, os Estados Unidos e o Reino Unido devem fortalecer ainda mais seus vínculos econômicos.

Apesar de estar presente na União Europeia, a moeda utilizada no país europeu é a Libra Esterlina. Isto se deve a preferência britânica de “manter um status de soberania econômica” para com a União Europeia. Além disso, uma autonomia monetária permitiria com que o Banco da Inglaterra adotar medidas como intervenções na taxa de juros ou desvalorização da moeda para tentar regular a economia.

Com a questão do Brexit se acirrando, as previsões são de que o futuro Governo dos Torys, com o nome de Boris Johnson como principal candidato ao cargo de Theresa May, que defende a realização de um Hard Brexit, o que causaria com que o Reino Unido deixasse de seguir as diretrizes comerciais da UE e de contribuir para com o orçamento do bloco. Porém, muitos economistas e o próprio Banco da Inglaterra afirmam que os efeitos de um Brexit sem acordo

resultariam em efeitos paralelos à Crise de 2008, geraria uma queda de 8% e um aumento de 3,4% nos índices de desemprego.

Caso o Reino Unido se separe da União Europeia muito se preocupa com o impacto que esta cisão possa causar ao Brasil. Muitos estudiosos afirmam que caso ocorra um Brexit, o comércio agrícola entre Brasil e a Grã-Bretanha pode ser intensificado, uma vez que o comércio agrícola praticado, por parte do país europeu, é realizado com muita intensidade com os países do bloco e com uma separação deste, é viável que o Reino Unido olhe para o agronegócio brasileiro como uma forma de substituir os países europeus que exportavam produtos agrícolas para o país de Elizabeth II.

Um dos cenários possíveis para a eleição de 2022 é a vitória dos Trabalhistas em detrimento dos Torys. Essa previsão se fundamenta na opinião dos próprios habitantes do Reino Unido e em virtude do mal desempenho dos Torys nas eleições para o Parlamento Europeu. Juntamente disso há a enorme possibilidade de, caso o próximo Premier for incapaz de retirar o RU da UE, o Partido do Brexit pode assumir uma grande quantidade de cadeiras dentro do Parlamento Britânico.

A vitória eleitoral dos Trabalhistas dependerá de como for o posicionamento destes para com o Brexit. Caso os Trabalhistas continuem a apoiar o acordo, eles podem conseguir o apoio dos simpatizantes do Partido do Brexit, o que pode gerar uma migração votos que seriam destinados ao Partido do Brexit para o Labour Party.

Com as boas performances dos Liberais Democratas e do Brexit Party, é possível que ambos tenham a chance e consigam um número significativo de cadeiras no Parlamento Britânico. E com uma ascensão destes, é viável afirmar que a chance de os Conservadores perderem muito sua influência na Grã-Bretanha é alta.

Outro ponto muito debatido é a possibilidade de que o Mercosul e o Reino Unido estabeleçam laços comerciais, o que tem sido buscado por um longo tempo pelo bloco da América do Sul. Portanto, os mercados latino americanos seriam impactados de forma positiva pelo Brexit quando atentamos para a possibilidade uma parceria no agronegócio.

Entretanto, assim como podem existir pontos positivos, também existem projeções negativas em relação a parceria Brasil - Reino Unido. Tendo em vista que no ano de 2018 o Brasil exportou para seu parceiro econômico cerca de 11 bilhões de reais em mercadorias. As preocupações se originam na ideia de que com uma separação da União Europeia ocorra um

aumento na burocracia britânica, o que prejudicaria as chances da concretização de uma relação comercial entre ambos os países.

Caso tenhamos um cenário de um Soft Brexit, as conjunturas políticas e econômicas seriam abaladas em diferentes intensidades. Se o Reino Unido deixar a bloco europeu através de um acordo, é possível que os Trabalhistas vençam as eleições gerais de 2022 e que os Conservadores percam parcialmente a força que eles detêm no atual momento. Um caso que mostra a perda da confiança do povo britânico é as eleições Parlamentares deste ano em que os Conservadores conseguiram somente 8% dos votos, enquanto os Liberais Democratas e o Brexit Party conseguiram cerca de 18% e 31% dos votos. Além disso, do lado econômico, é previsto que o Brasil se beneficie com até 4 bilhões de dólares, pois, caso o Reino Unido ainda manteria uma certa parceria com o mercado europeu, o Brasil ainda enfrentaria a concorrência europeia nas exportações. Entretanto, existe a possibilidade de uma retração da economia britânica em 3,9%.

Se for realizado um processo de Hard Brexit, o Brasil seria muito mais beneficiado do que em um soft Brexit. Pois, ao contrário de um Soft Brexit, o Reino Unido não manterá suas taxas tributárias caso ocorra um Hard Brexit, portanto, os produtos brasileiros não seriam taxados quando importados pelo Reino Unido/ exportados pelo Brasil. Porém, um Hard Brexit pode afetar diretamente e principalmente o Estado Alemão, além de impactar indiretamente a economia brasileira com quase 10 mil brasileiros sendo afetados pelo não acordo entre as partes, conforme afirmado pelo estudo do Instituto Halle de Pesquisa Econômica (IWH).

Se as opções de Hard e Soft Brexit são viáveis, a de um novo Referendo deve ser considerada. Em caso da realização de um segundo referendo, tem-se duas possibilidades, a de que o Referendo afirme que o Brexit deva continuar e a de que o Brexit deva ser interrompido. Caso o Brexit seja interrompido pela vontade da maioria do povo britânico, muitos votos que seriam destinados para o Partido Conservador seriam redirecionados para os outros partidos e possibilitaria um enfraquecimento do primeiro e movimentos pela saída do Reino Unido do bloco europeu podem ter um aumento significativo de proporção. Se o povo britânico votar novamente a favor da continuação do Brexit, o governo Conservador será, como na situação anteriormente prevista, alvo de inúmeras críticas, com a possibilidade de muitos de seus membros do parlamento (MPs) trocarem de partido, migrando muito provavelmente para o Partido do Brexit devido à posição deste com o tema e a semelhança ideológica entre os dois.

Referências

CONNELLY, AJ Eileen.2019.O Reino Unido tem um lista crescente de candidatos para suceder Theresa May.https://nypost.com/2019/05/25/uk-has-growing-list-of-candidates-trying-to-succeed-theresa-may/.Acesso em:30/05/2019.

GALLAGHER, Tom. Tony Blair. 2019.https://www.britannica.com/biography/Tony-Blair. Acesso em:28/05/2019

KIRBY, Jen.2018.O Brexit prejudicará a economia britânica, não importa o cenário.Afirma o analista do governo.https://www.vox.com/2018/11/28/18116763/brexit-economy-bad-deal-no-deal.Acesso em:30/05/2019.

LABOUR PARTY. Negotiating Brexit.2019.https://labour.org.uk/manifesto/negotiating-brexit/. Acesso em 27/05/2019.

ODILLA, Fernandes.Governo brasileiro tenta medir impacto do Brexit para empresas do país.2019.https://economia.uol.com.br/noticias/bbc/2019/04/08/governo-brasileiro-tenta-medir-impacto-do-brexit-para-empresas-do-pais.htm.Acesso em:25/05/2019.

REUTERS. Estratégia de Theresa May para o Brexit sai derrotada de votação no Parlamento do Reino Unido.2019.https://g1.globo.com/mundo/noticia/2019/02/14/estrategia-de-theresa-may-para-o-brexit-sai-derrotada-de-votacao-no-parlamento-do-reino-unido.g. Acesso em:30/05/2019

RUIC , Gabriela.Derrotada e fragilizada, Theresa May desiste de votação do Brexit.2018.https://exame.abril.com.br/mundo/derrotada-e-fragilizada-theresa-may-desiste-de-votacao-do-brexit/.Acesso em:26/05/2019.

RUIC, Gabriela.Brexit:Parlamento rejeita acordo e Theresa May é novamente derrotada.2019.https://exame.abril.com.br/mundo/brexit-parlamento-rejeita-acordo-e-theresa-may-e-novame.nte-derrotada/.Acesso em 29/05/2019.

UK . Winston Churchill. https://www.gov.uk/government/history/past-prime-ministers/winston-churchill. Acesso em:28/05/2019

WHEELER, Brian. The David Cameron Story.https://www.bbc.com/news/uk-politics-eu-referendum-36540101. Acesso em:30/05/2019

WHEELER, Brian.Stamp,Gavin.The Theresa May story: The Tory leader brought down by Brexit.2019.https://www.bbc.com/news/election-2017-46225949.Acesso em:28/05/2019

Rússia

Maria Vitória Oliveira Rodrigues de Souza

A Rússia é o maior país em extensão territorial do mundo, situando-se em parte da Europa Ocidental e no norte da Ásia, fazendo fronteira com 15 países. Os mais importantes e preocupantes são: Bielorrússia (devido aos oleodutos russos que passam pelo país para abastecer outros países na Europa), China (aliado econômico), Coreia do Norte (aliado militar) e Ucrânia (devido as eleições presidenciais que ocorreram no período da análise). (CIA, 2019)

O território russo foi inicialmente povoado por diversas etnias que para ali migraram, tem relevância os eslavos do leste que surgiram como grupo étnico por volta dos séculos III e VIII. Passa a ter maior importância no cenário internacional por volta do século XVIII com sua grande expansão territorial e anexação de outros territórios tornando-se o Império Russo, que durante aproximadamente dois séculos (1721-1917) permaneceu como o terceiro maior império da história. Sua predominância fez com que se tornasse a principal república constituinte da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), que perdurou entre os anos de 1922 e 1991. (HISTORY, 2019)

Durante a Segunda Grande Guerra, por intermédio do frio e da resistência do povo, derrotou a Alemanha na Operação Barbarrossa, que ocorreu logo após a quebra do pacto de não agressão por parte da Alemanha nazista de Hitler. A União Soviética fazia parte dos Aliados, bloco de países que lutavam contra o nazifascismo. Como consequência, a URSS e os EUA tornaram-se as duas maiores potências mundiais, em torno destes, surgiram dois blocos: o bloco socialista e o bloco capitalista, dando início a Guerra Fria. A Rússia foi o primeiro país com regime socialista duradouro, que foi instaurado por meio de uma revolução. (FERREIRA, JORGE ; p.5)

A chamada Guerra Fria perdurou durante os anos de 1945 (com o fim da Segunda Guerra) até 1991 (com a dissolução da União Soviética). Foi marcada pelo uso massivo da propaganda, pela divisão da Alemanha em Ocidental (capitalista) e Oriental (socialista), tendo como principal símbolo o muro de Berlim, uma corrida armamentista nuclear e uma corrida espacial. Essas superpotências não entraram em embates diretos, porém financiavam guerras e levantes, dando-se enfoque às Guerras da Coréia, Vietnã e Afeganistão. Tal financiamento, principalmente os gastos com as tropas socialistas no Afeganistão, contribuiu, junto com o rígido controle da

economia, para a desestabilização econômica soviética piorando as condições de vida da população e culminando em uma dissolução do bloco. (POLITIZE, 2017)

Em 1991, com a dissolução do bloco socialista, cria-se a Comunidade dos Estados Independente (CEI), que contava com a participação inicial de quase todos os antigos países membros da União Soviética. Essa comunidade visa o trabalho em conjunto dos membros para o estabelecimento de economias de mercado e possuem um Tratado de Segurança Coletiva (OTSC), nela não existem relações de comercialização, relações econômicas, união alfandegária e a antiga Assistência Mútua dos soviéticos. Os países membros são Armênia, Azerbaijão, Bielorrússia, Cazaquistão, Quirguistão, Moldávia, Rússia, Tajiquistão, Turquemenistão e Uzbequistão. A Geórgia e a Ucrânia também faziam parte, porém se retiraram, a primeira 2009 e a segunda em 2018. (COMUNIDADE DOS ESTADOS INDEPENDENTES/Содружество Независимых Государств 2019)

GEOPOLÍTICA

O embate da Guerra Fria possui consequências atuais. A Rússia continua em conflitos indiretos com os Estados Unidos, tendo como argumento principal a Venezuela. Sofre com a contraposição da OTAN (Organização do Tratado do Atlântico Norte - criada em 1949, durante a Guerra Fria, unindo em um pacto militar de defesa mútua, os países do bloco capitalista) e outras alianças militares, devido, principalmente, ao seu grande poderio armamentista nuclear, herança da corrida nuclear que ocorreu durante a bipolaridade, e a elevada taxa de exportação de armas para outros países.

Casos como o da Turquia, que havia fechado uma compra avaliada em US$2,5 bilhões com a Rússia e logo após os Estados Unidos interrompeu uma entrega de equipamentos relacionados aos caças furtivos F-35 . Por conseguinte, a Rússia e a Turquia foram questionadas publicamente pela Otan. Outro grande caso de venda de armamento tendo a Rússia como vendedora foi a venda de armamentos, principalmente tanques, à Índia em um contrato avaliado em US$ 1,93 bilhões e outra venda, assinada em 2017, porém entregue em abril de 2019 à Arábia Saudita de um pesado sistema de artilharia antiaérea . (THE MOSCOW TIMES, 2019)

Acontece que, muito se fala de uma provável Segunda Guerra Fria, o que está longe de acontecer, pois apesar das intrigas governamentais o mundo atual não sofre com a possibilidade de voltar a ser bipolar e dividido com base em ideologias de economia de mercado, uma vez que o capitalismo mostra-se como base para a política russa. Mas é fato que os dois países ainda possuem muitos embates na questão de compra e vendas armamentistas, principalmente

nucleares, nas áreas de certa ‘influência’, com enfoque principal na Venezuela, na corrida petrolífera e econômica.

Com a divulgação do Relatório Mueller, que investigava uma suposta interferência russa nas eleições presidenciais norte-americanas de 2016, e que teve início em 2017 após, segundo a reportagem do jornal de divulgação online O Globo datada de 03 de maio de 2017 , o diretor do FBI, James Comey, afirmar que o governo russo ainda trata de influenciar na política dos Estados Unidos e representa "a maior ameaça" para a segurança da nação. Apesar dos pequenos conflitos midiáticos, no dia 15 de maio de 2019, segundo o jornal online ‘The Moscow Times’, “o secretário de Estado dos EUA, Mike Pompeo, viajou à Rússia para conversar com o presidente Vladimir Putin e o ministro das Relações Exteriores, Sergei Lavrov.

A viagem de Pompeo marcou a primeira visita de alto nível dos EUA à Rússia desde as alegações de interferência russa na eleição presidencial de 2016 e uma investigação subsequente que irritou as relações bilaterais. Reunidos na cidade de Sochi, no Sul, Pompeo, Putin e Lavrov expressaram um desejo mútuo de melhorar os laços afetados de seus países. Ao mesmo tempo, Pompeo entrou em choque com Lavrov em várias questões de política externa. Um assessor do Kremlin disse que as negociações não resultaram em um avanço, mas acrescentou que elas foram realizadas em uma atmosfera de negócios.”

Tais afirmações contradizem o embate geopolítico das duas nações e demonstra de forma superficial uma possível melhora nas relações entre estes dois gigantes militares. Podendo culminar em uma melhoria econômica a nível mundial após a junção destes dois ou, caso não haja reaproximação, em uma nova disputa entre os dois países por áreas de influência, dessa vez não ideológica e sim comercial.

A Rússia possui o maior potencial do mundo em mineral, e tem como principal elemento econômico o petróleo, sendo as principais exportações da Rússia o petróleo bruto (US $ 96,6 bilhões), petróleo refinado (US $ 58,4 bilhões), gás de petróleo (US $ 19,8 bilhões), briquetes de carvão (US $ 16,1 bilhões) e trigo (US $ 7,93 bilhões, segundo o Observatório da Complexidade Econômica (2017).

De acordo com a Agência Internacional de Energia, a Rússia detém as maiores reservas de gás natural do mundo. A União Europeia consome 70% do petróleo e 65% do gás exportados pela Rússia, regionalmente a Rússia é um grande exportador de petróleo, e vem aprofundando os seus negócios a partir de pesquisas de extração de petróleo no Ártico, porém o recente caso de

contaminação de petróleo russo em oleodutos localizados na Bielorrússia, principal caminho de exportação do petróleo para a Europa, fez com que a Polônia, Alemanha, Ucrânia, Eslováquia e outros países suspendessem a importação de petróleo proveniente deste oleoduto, o que caiu em cerca de 10% a produção de petróleo na Rússia (O GLOBO, 2019).

Especulações mais recentes, divulgadas no The Moscow Times no dia 14 de maio de 2019, mostram que a Rússia pretende voltar com o abastecimento ao normal durante a segunda metade do mês de maio, entretanto a Bielorrússia disse que a retomada total dos fluxos pode levar vários meses. No dia 05 de maio chegou à Bielorrússia uma remessa de petróleo de boa qualidade, porém, dez dias depois (dia 15 de maio) chegou outra demanda de petróleo contaminado. Em resposta, o presidente da Bielorrússia, Alexander Lukashenko, disse que espera uma compensação russa pelos danos causados pelo petróleo contaminado.

Se o impasse petrolífero continuar, a Rússia tem grandes chances de perder dinheiro e áreas de importação do seu petróleo na Europa, fazendo com que a gigante do petróleo sofra com quedas altas na exportação que podem vir a afetar seu PIB, uma vez que aumentará a desconfiança acerca da qualidade de seu petróleo. Porém caso seja rapidamente resolvido e o petróleo exportado para a Bielorrússia volte a ser de qualidade e no fluxo antigo, somado ao aumento de investimentos e um possível aumento na produção de petróleo com as aplicações monetárias no Ártico, a Rússia tem tudo para se tornar maior ainda no ramo petrolífero e exercer uma área maior de influência na Europa por esta, hipoteticamente, tornar-se dependente em grande parte do seu petróleo.

O país vem sofrendo com oposição popular devido à anexação da Crimeia, antiga península ucraniana, ocorrida em 2014, a interferência política na Bielorrússia e as recentes liberações de cidadania russa para ucranianos. Tem causado preocupações no cenário regional e alertando o mais novo presidente ucraniano, o humorista Volodymyr Zelenskiy, que já declarou publicamente sua admiração ao Presidente Jair Bolsonaro e sua política de direita. Zelenskiy derrotou dois veteranos na política, o magnata Petro Poroshenko e a ex-primeira-ministra Yulia Timoshenko.

A saída do antigo presidente Viktor Yanukovich com grandes escândalos de corrupção em seu currículo preocupa o país devido ao fato do ex-presidente ser seu aliado. Contudo, a inserção deste novo tipo político no cenário preocupa diplomatas ocidentais devido a Zelenskiy não possuir um programa claro e concreto e ter subido ao poder com uma campanha parecida com a do presidente norte-americano Donald Trump, com seu discurso populista.

A dúvida que surge atualmente na Rússia é de como será sua relação com a Ucrânia e seu novo presidente, uma vez que a sua forma de política assemelha-se a dos presidentes Jair Bolsonaro e Donald Trump, com sua popularidade nas redes sociais, durante a campanha, o candidato novato evitou comícios públicos e falou com os eleitores através de vídeos transmitidos em redes sociais.

BRASIL-RÚSSIA

O embate russo e norte-americano que tem como ponto central a Venezuela também possui respingos em território brasileiro. Ocorre que, enquanto a Rússia junto com outros Estados, principalmente a China, declara apoio ao governo Maduro , os Estados Unidos e outros Estados, o Brasil entre estes, apoiam publicamente o autodeclarado presidente interino da Venezuela Juan Guaidó , gerando assim um clima de divergência ideológica política. Como demonstração de apoio ao governo Maduro, a Rússia aterrissou no dia 23 de março de 2019 em Caracas um avião militar russo com centenas de militares , instaurou bases de treinamento militar e declarou apoio público ao governo, além de disparar comentários midiáticos contra a atuação dos Estados Unidos e contra a ação de Juan Guaidó, este disparou dizendo que a entrada militar russa em território venezuelano era inconstitucional.

Em meio a toda essa disputa territorial, está o Brasil, que se encontra apoiando Guaidó e permanecendo ao lado dos Estados Unidos visando conseguir uma boa imagem perante a grande potência norte-americana. O Brasil, integrante do Prosul, teve espaço no debate russo quando a Rússia citou apoiar esta coalizão, que é um foro regional de diálogo, proposto por Sebastián Piñera, presidente do Chile, e Iván Duque, presidente da Colômbia e criado em março de 2019, com a assinatura da “Declaração Presidencial sobre a Renovação e o Fortalecimento da Integração na América do Sul”, tal organismo surge intrínseco ao enfraquecimento da Unasul. A diferença entre ambos é que o Prosul surge em um momento de ascensão dos governos de direito na América Latina e a Unasul havia surgido quando os governos de esquerda estavam em alta.

O Brasil também está interligado com a Rússia pelo BRICS, que engloba Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul, entretanto, esta coalizão não chega a ser um bloco econômico em nenhum sentido, sendo apenas um conjunto das principais economias emergentes mundiais e um mecanismo internacional na forma de um agrupamento informal, não registrado burocraticamente com estatuto e carta de princípios . Os países que a ele pertence, tendem a se consolidar como potência e tem como principal especulação econômica, superarem as atuais grandes potências mundiais em um período de, no máximo, 50 anos. Porém, percebe-se que assim como a Unasul,

foi criado em um momento no qual o Brasil passava por um governo com princípios de esquerda, o que levanta a ideia de que o atual governo, que tem diretrizes de direita, não assume publicamente sua participação no BRICS.

O futuro das relações do Brasil com a Rússia tem como base as relações de ambos com Estados Unidos. Espera-se que a política protecionista russa não afete uma hipotética relação comercial entre os dois e que acordos econômicos possam florescer do BRICS. Leva-se em consideração, a probabilidade de uma aliança entre os Estados Unidos e o Brasil que enfureça a Rússia, ainda mais no tocante Venezuela.

É conhecida publicamente a vontade do presidente Jair Bolsonaro de fazer alianças com os Estados Unidos e não seria improvável uma aliança militar entre os países no tocante ao território venezuelano que é vizinho do brasileiro, o que não seria bem visto por Putin que é um dos apoiadores de Maduro.

Referências

BBC. Os mísseis russos que se tornaram alvo de disputa entre EUA e Turquia. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/brasil-47851647. Acesso em: 02/06/2019.

EL PAIS. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/03/24/internacional/1553458236_783517.html. Acesso em: 02/06/2019.

EL PAIS. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/03/28/internacional/1553803929_078467.html. Acesso em: 02/06/2019.

EXTRA. Russia corta produção de petróleo. Disponível em: https://extra.globo.com/noticias/economia/russia-corta-producao-de-petroleo-em-cerca-de-10-em-meio-problemas-para-exportar-23641219.html. Acesso em: 02/06/2019.

G1. Disponível em: https://g1.globo.com/mundo/noticia/2019/04/21/comediante-volodymyr-zelenskiy-e-eleito-presidente-da-ucrania.ghtml. Acesso em: 02/06/2019.

G1. Disponível em: https://g1.globo.com/mundo/noticia/diretor-do-fbi-diz-que-russia-ainda-influencia-na-politica-dos-eua.ghtml. Acesso em: 02/06/2019.

G1. Disponível em: https://g1.globo.com/mundo/noticia/diretor-do-fbi-diz-que-russia-ainda-influencia-na-politica-dos-eua.ghtml. Acesso em: 02/06/2019.

OEC. Disponível em:https://atlas.media.mit.edu/en/profile/country/rus/. Acesso em: 02/06/2019.

SENADO. O desafio da energia. Disponível em: https://www12.senado.leg.br/emdiscussao/edicoes/o-desafio-da energia/mundo/a-dependencia-europeia-do-gas-russo. Acesso em: 02/06/2019.

THE MOSCOW TIMES. Disponível em: https://www.themoscowtimes.com/2019/04/02/us-halts-f-35-deal-with-turkey protesting-its-plans-to-buy-from-russia-a65045. Acesso em: 02/06/2019.

THE MOSCOW TIMES. Disponível em: https://www.themoscowtimes.com/2019/04/09/india-to-buy-over-450-russian-tanks-worth-2bln-reports-a65146. Acesso em: 02/06/2019.

THE MOSCOW TIMES. Disponível em: https://www.themoscowtimes.com/2019/04/10/russia-delivers-flamethrower-systems-to-saudi-arabia-reports-a65185. Acesso em: 02/06/2019.

THE MOSCOW TIMES. Disponível em: https://www.themoscowtimes.com/2019/05/14/russias-plan-to-cleanse-tainted oil-pipe-proves-slow-going-a65575. Acesso em: 02/06/2019.

Suíça

Laura Santos Lisbôa

A Suíça é um país localizado na Europa Central, onde faz fronteira com Alemanha, França, Itália e Áustria. Sua população é em torno de 8,2 milhões de habitantes, entretanto a maior parte das pessoas vivem nas cidades de Zurique e Genebra, seus quatro idiomas oficiais são: alemão, francês, italiano e romanche. O país é uma república democrática em forma de confederação, a qual compartilha o poder com outros 26 cantões, que são, historicamente, considerados Estados soberanos. (FDFA, 2017; CIA, 2018)

O governo suíço – Conselho Federal – é formado por 7 membros eleitos pela Assembleia Federal, a qual é constituída por 246 deputados escolhidos pela população. Os cantões possuem constituição, parlamento, governo e tribunais próprios, e de acordo com a Constituição Federal, ficam encarregados por toda e qualquer competência que não seja de responsabilidade da Confederação, como nas áreas da educação e serviços de saúde. (FDFA, 2017)

Em relação a envolvimento militar, a Suíça se mostrou neutra ao longo da história, sua ultima participação em uma guerra internacional foi em 1815. Atualmente suas despesas militares são relativamente baixas, gastando apenas 0,68% de seu PIB e até 2017 ocupava a 133° posição no ranking mundial. Além disso, o país é considerado um dos mais ricos e uma das economias de mercado mais prósperas do mundo, segundo dados coletados do site da Central Intelligence Agency. Seu PIB ultrapassa os 670.000 bilhões de dólares, e cresce em aproximadamente 1,7% ao ano, já seu PIB per capita chega ao valor de US$ 62.100, o que contribui para que o país mantenha seu posto de 2° maior Índice de Desenvolvimento Humano (0,944), atrás apenas da Noruega.

Devido a sua baixa tributação dos ativos estrangeiros, e forte confidencialidade de contas, a Suíça é considerada um paraíso fiscal desde o início dos anos 20, o que faz com que atraia grandes investidores que não querem ter contas vinculadas ao seu nome. De acordo com a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico, paraísos fiscais se referem a lugares que impõem um baixo ou nenhum imposto e são utilizados por instituições a fim de evitar tributos que teriam que pegar em outros países. Segundo relatório emitido pela OCDE, paraísos fiscais têm como características: nenhum ou apenas impostos nominais; ausência de troca efetiva

de informações; falta de transparência no funcionamento das disposições legislativas, legais ou administrativas.

Quando se pensa em paraísos fiscais, normalmente se remete a uma ideia de que seriam regiões onde é permitido cometer crimes, todavia, abrir contas em paraísos fiscais não se configura como um ato criminoso, pois o investidor tem o direito de procurar melhores maneiras de aplicar seu dinheiro pagando o mínimo de imposto possível.

Escolher meios a fim de diminuir a carga tributária sobre seu patrimônio, através de um planejamento tributário, é uma atividade lícita chamada de elisão fiscal, tal ato pode provir da própria lei ou de brechas da lei. O problema todo está em atrair dinheiro de origem ilegal. A prática de evasão fiscal, ou sonegação fiscal, é uma série de ações administrativas ilegais que visam também a diminuição do pagamento de impostos, a partir de 2012, com a aprovação da Lei 12.683/12, essa atividade passou a ser caracterizada como crime de lavagem de dinheiro, pois, omissão da movimentação de valores, adulteração de documentos e não emissão de nota fiscal, são algumas das práticas realizadas.

Conforme o Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime (UNODC), a prática de lavagem de dinheiro, em 2013, movimentava aproximadamente US$ 2 trilhões, correspondendo a 5% do PIB mundial. A maior dificuldade acerca da lavagem de dinheiro é que por trás desse mecanismo está a corrupção e o crime organizado.

Por conta de pressão da União Europeia e dos Estados Unidos e após vários escândalos de evasão ilegal de dinheiro, o país vem tentando se livrar dessa imagem. Em 2015 foi anunciado que o Conselho Nacional do país aprovou a troca automática de informações financeiras e fiscais promovida pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE).

LAVA JATO E COOPERAÇÃO COM O BRASIL

Em 1934, foi aprovado na Suíça a Lei dos Bancos, que legitimava o sigilo bancário e condenava quem o violasse. A entrada em vigor, em 2018, do acordo desenvolvido pela OCDE, resultou no fim de mais de 80 anos de sigilo bancário suíço. Antes desse protocolo, a Suíça apenas compartilhava informações caso fossem solicitadas por países com os quais tivesse firmado convênios de dupla imposição, mas, ainda assim, o pedido era repleto de burocracias. (EL PAÍS, 2017)

De acordo com Monia Bhatia, chefe do secretariado do Fórum Mundial para a Transparência e Troca de Informações Tributárias, a transparência fiscal está no foco da

comunidade internacional e, por conta disso, a Suíça tem sofrido forte pressão internacional. Portanto, a fim de desvincular a ideia de destino de dinheiro adquirido por meio de atividades ilegais, a Suíça tem passado a cooperar de maneira mais natural nas investigações sobre contas secretas relacionadas às práticas ilícitas, como é o caso da Lava Jato no Brasil. Em um relatório da Procuradoria-Geral da Suíça divulgado no dia 29 de abril cita que 75% dos trabalhos de uma das sedes da Procuradoria-Geral são vinculados ao escândalo da Petrobras.

A operação Lava Jato é a maior investigação da Polícia Federal acerca de corrupção já realizada no Brasil. A primeira fase da Lava Jato começou, de fato, em 17 de março de 2014, conduzida pelo, até então, juiz Sérgio Moro, porém as investigações que deram origem à operação se iniciaram em 2009. Atualmente, está em sua 61ª fase, e de acordo com dados do Ministério Público, mais de 270 pessoas foram acusadas e mais de 140 condenadas, entre elas aparece os nomes de Lula e Michel Temer – ambos ex-presidentes do Brasil. (FOLHA, S/D)

A princípio, a operação iniciou com o objetivo de investigar um caso onde postos de combustíveis e lava jatos eram utilizados para movimentar dinheiro de origem ilícita. Um dos primeiros nomes a ser investigado foi o doleiro Alberto Youssef, que através de escutas telefônicas foi revelado que o ex-diretor de abastecimento da Petrobras, Paulo Roberto Costa, havia "ganhado" um carro importado, para não serem presos ou terem a pena reduzida, Youssef e Paulo Roberto concordaram em cooperar com a Polícia Federal. (MPF, S/D)

A partir destas delações foi descoberto um grande esquema de desvio de recursos públicos envolvendo funcionários da Petrobras, algumas das maiores construtoras do país e inúmeros políticos. Ao decorrer da operação, desvendou-se que os braços da corrupção iam além da Petrobras, o dinheiro obtido ilegalmente pelas empresas era passado a servidores públicos e políticos em forma de doações para campanhas, caixa 2 e propinas.

Para entender o envolvimento da Petrobras na Lava Jato é necessário conhecer como funcionava a estatal. A empresa, para realizar obras, recorria a licitações – concurso entre empresas para realizar serviços para a Petrobras, desde que aconteça de forma sigilosa. Porém, foi formado por um grupo de empresas – "clube das empreiteiras", um cartel que avaliava os contratos de licitação da Petrobras, onde as empreiteiras combinavam o resultado dessas licitações. A priori, haviam apenas seis empresas e anos depois passou a ter 16 ligadas ao esquema, a partir de 2007, foi formado um subgrupo, que contava apenas com seis construtoras consideradas as mais poderosas: Camargo Corrêa, Andrade Gutierrez, Odebrecht, OAS, Queiroz

Galvão e UTC Engenharia. Esse subgrupo costumava impor suas vontades sobre os demais participantes do cartel. (G1, 2017)

Durante uma delação em 2017 o ex-executivo da Odebrecht, Márcio Faria da Silva, afirmou que tal esquema passou a ter efetividade a partir de 2004 e que o cartel era a "regra do jogo, quem não pagava, estava fora". Segundo o Ministério Público, para que ocorresse o funcionamento do cartel, diretores e funcionários da estatal participavam com a missão de limitar o número de empresas chamadas para as licitações, cobravam propina de empresas e outros fornecedores, além de fornecer informações que beneficiava a empreiteira ganhar o contrato. Tais contratos eram superfaturados a fim de possibilitar o desvio de dinheiro para aqueles que se beneficiavam com o esquema.

A propina paga pelas empreiteiras e fornecedores era desviada para lobistas, doleiros e outros encarregados de repassá-lo a políticos e funcionários públicos. De acordo com o depoimento de Márcio Faria, as obras realizadas na Refinaria Abreu e Lima, em Pernambuco, renderam em torno de R$ 90 milhões em propinas. Os valores foram distribuídos entre o empresário Aldo Guedes, ligado ao PSB, o ex-gerente da Petrobras ligado ao PT, o ex-deputado José Janene (PP) e, por último, para Glauco Lagatti (ex-gerente da Refinaria).

Os operadores financeiros ou "doleiros" atuavam pegando esse dinheiro "sujo" (obtido de forma ilegal) e o "lavavam". Uma das muitas maneiras de lavar esse dinheiro é abrir contas em paraísos fiscais, desta maneira o dinheiro voltaria ao Brasil em forma de investimentos de empresas fantasmas. O Ministério Público da Suíça informou que, só em 2015, as investigações já tinham descoberto mais de 300 contas bancárias ligadas a Lava Jato, além de ter bloqueado em torno de US$ 400 milhões associados ao escândalo da Petrobras.

Em 2016, a Suíça autorizou que documentos sobre transações e dados sobre executivos relacionados à Odebrecht, os quais foram imprescindíveis para o processo contra Marcelo Odebrecht, apesar da empresa tentar impedir que essas informações chegassem nas mãos do antigo juiz e atual ministro, Sérgio Moro. Porém, essa não foi a primeira vez que a Suíça colabora com investigações no Brasil, como por exemplo: em 2010, a Suíça congelou uma conta no valor de US$ 13 milhões do filho do ex-presidente José Sarney.

Em abril desse ano, Raquel Dodge juntamente com Michael Lauber – procurador geral da Suíça – fecharam declaração conjunta em que se comprometem a fortalecer a cooperação jurídica no combate à criminalidade. Através da definição de estratégias conjuntas e o compartilhamento

de informações, a declaração tem como objetivo enfrentar crimes relacionados a lavagem de dinheiro que atinge os dois países.

Durante uma palestra realizada antes da assinatura do documento, a procuradora-geral da República afirmou que a troca constante de informações e provas tem sido decisiva para o combate à corrupção e recuperação de ativos. Até ano passado o Ministério Público Federal apresentou mais de 100 pedidos de cooperação jurídica a mais de 30 países, dentre eles a Suíça, para contribuir com as investigações da Lava Jato. Lauber também destacou a importância de fortalecer cooperação mútua entre os dois países para combater crimes financeiros transacionais, ressaltou, ainda, que em termos de assistência jurídica ao combate à lavagem de dinheiro o Brasil é um dos principais parceiros da Suíça. (MPF, 2019)

Desde o início da Lava Jato, a Suíça foi o país que mais cooperou com o Brasil nas investigações. Foram feitos mais de 200 pedidos de cooperação de ativos e passivos entre o Ministério Público dos dois países, um terço de todas as demandas internacionais feitas pelo Brasil por assistência jurídica foi destinado ao MP suíço. Em contrapartida, a Suíça solicitou ao Brasil, 109 pedidos de cooperação referentes à Lava Jato. (MPF, 2019)

Recentemente foi anunciado que a Suíça já devolveu mais de 1,4 bilhão de reais para o Brasil referente a Lava Jato e mais de R$ 2,6 bilhões estão bloqueados no país, para que este valor congelado seja devolvido, os donos das contas deverão ser julgados em última instância. Segundo dados do Banco Nacional da Suíça, após as investigações acerca da Lava Jato e a assinatura do acordo da OCDE, o valor mantido por brasileiros na Suíça caiu em cerca de R$ 9 bilhões, de acordo com as estatísticas do banco, em 2015 os brasileiros mantinham R$15,8 bilhões e em 2017 esse valor já havia despencado para R$ 6,5 bilhões – menor montante em mais de 10 anos.

A partir dos fatos mencionados, pode-se esperar para o futuro que os esforços da Suíça em cooperar com as investigações brasileiras trará mais resultados positivos para o Brasil, embora essa colaboração tenha se iniciado com o propósito de desvincular uma imagem negativa ao seu nome, as investigações, de acordo com o jornal suíço Neue Zürcher Zeitung (NZZ), têm colocado a Suíça sob “forte pressão” além de constituir um “alto risco à sua reputação”. O número de contas em bancos suíços vinculadas a Lava Jato aumenta a cada ano, e em virtude da cooperação entre os dois países, dinheiro originado de corrupção voltará para território brasileiro, ainda que esse processo seja demorado.

Referências

BRASIL. Ministério Público Federal. Grandes Casos. Disponível em: < http://www.mpf.mp.br/grandes-casos/caso-lava-jato/atuacao-na-1a-instancia/parana/investigacao/historico/por-onde-comecou > Acesso em 25 de mai. 2019.

BRASIL. Ministério Público Federal. PGRs de Brasil e Suíça se comprometem a intensificar cooperação jurídica para combater crimes transnacionais. MPF, 8 de abr. 2019. Disponível em: <http://www.mpf.mp.br/pgr/noticias-pgr/pgrs-de-brasil-e-suica-se-comprometem-a-intensificar-cooperacao-juridica-para-combater-crimes-transnacionais> Acesso em 30 de mai. 2019.

CHADE, Jamil. "Lava Jato suíça" anuncia que ainda têm R$ 2,6 bi bloqueados. UOL, 9 de abr. 2019. Disponível em: < https://jamilchade.blogosfera.uol.com.br/2019/04/09/lava-jato-suica-anuncia-que-ainda-tem-r-26-bi-bloqueados/ > Acesso em 30 de mai. 2019.

CHADE, Jamil. R$ 9 bilhões de brasileiros “desaparecem” de contas na Suíça. Estadão, 2 de dez., 2018. Disponível em: <https://economia.estadao.com.br/noticias/geral,brasileiros-tiram-r-9-bi-da-suica-apos-lava-jato,70002629759> Acesso em 25 de mai. de 2019.

CIA, Central Intelligency Agency. The World Factbook: Switzerland. Disponível em: <https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/sz.html> Acesso em 26 de mar. 2019.

COUTO, Rodrigo Carrizo. A Suíça dá adeus a 80 anos de sigilo bancário. El País, 22 de jan. 2017. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2017/01/21/internacional/1485019176_572228.html> Acesso em 28 de mai. 2019.

FERNANDES, Daniela. Como o esforço da Suíça para limpar imagem de paraíso fiscal ajuda a Lava Jato. BBC Brasil, 3 de nov. 2015. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/11/151101_suica_dinheiro_lk> Acesso em 28 de mai. de 2019.

G1. Cartel na Petrobras era ‘regra do jogo’ e quem não pagava ‘estava fora’, diz delator, G1, 21 de abr. de 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/operacao-lava-jato/noticia/cartel-na-petrobras-era-regra-do-jogo-e-quem-nao-pagava-estava-fora-diz-delator.ghtml> Acesso em 28 de mai. de 2019.

G1. Delatores contam em detalhes como funcionava o "clube das empreiteiras". G1, 22 de abr., 2017. Disponível em: < http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2017/04/delatores-contam-em-detalhes-como-funcionava-o-clube-das-empreiteiras.html > Acesso em 27 de mai. 2019.

G1. Suíça devolveu mais de R$ 1,1 bilhão ao Brasil em investigações da Lava Jato, diz relatório de país europeu. G1, 29 de abr. 2019. Disponível em: < https://g1.globo.com/pr/parana/noticia/2019/04/29/suica-devolveu-mais-de-r-11-bi-ao-brasil-em-investigacoes-da-lava-jato-diz-relatorio-de-pais-europeu.ghtml > Acesso em 29 de abr. 2019.

O GLOBO. Suíça já transferiu R$ 1,4 bilhão ao Brasil por investigações da Lava Jato. O Globo, 9 de abr. 2019. Disponível em: < https://oglobo.globo.com/brasil/suica-ja-transferiu-14-bilhao-ao-brasil-por-investigacoes-da-lava-jato-23584360 > Acesso em 9 de abr. 2019.

ONU. Unodc: lavagem de dinheiro movimenta até US$ 2 trilhões no mundo. ONU News, 29 de out. 2013. Disponível em: < https://news.un.org/pt/story/2013/10/1454761-unodc-lavagem-de-dinheiro-movimenta-ate-us-2-trilhoes-no-mundo > Acesso em 30 de mai. 2019.

SUÍÇA. Federal Department of Foreign Affairs. Disponível em: <https://www.fdfa.admin.ch/eda/en/home.html> Acesso em 25 de mai. de 2019.

UNODC, Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime. O que é crime de lavagem de dinheiro? Disponível em: <https://www.unodc.org/lpo-brazil/pt/crime/o-que-e-o-crime-de-lavagem-de-dinheiro.html> Acesso em 30 de mai. 2019.

UOL. Entenda a Operação Lava Jato. Folha de São Paulo. Disponível em: < http://arte.folha.uol.com.br/poder/operacao-lava-jato/#capitulo1 > Acesso em 28 de mai. 2019

VENTURINI, Lilian; Aragão, Alexandre. Lava Jato: a origem e o destino da maior operação anticorrupção do país. Nexo Jornal, 16 de mar. 2018. Disponível em: < https://www.nexojornal.com.br/explicado/2018/03/16/Lava-Jato-a-origem-e-o-destino-da-maior-opera%C3%A7%C3%A3o-anticorrup%C3%A7%C3%A3o-do-pa%C3%ADs > Acesso em 28 de mai. 2019.

WENTZEL, Marina. Suíça diz que sistema financeiro do país foi seriamente afetado por escândalo da Petrobras. BBC Brasil, 5 de nov. 2015. Disponível em: < https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/11/151105_escandalo_petrobras_impacto_suica_lgb > Acesso em 30 de mai. 2019.

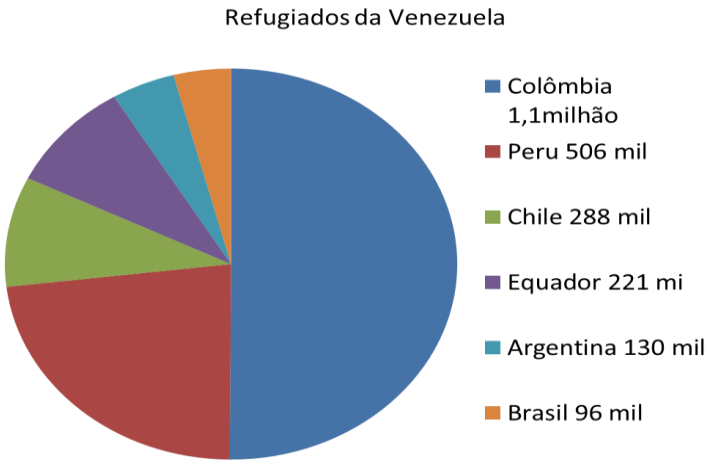
Venezuela

Renan Papale

A República Bolivariana da Venezuela é um dos mais importantes países da América do Sul. O estado caribenho tem como sua capital Caracas e faz fronteiras com Colômbia, Brasil e Guiana (com quem mantém disputas territoriais). Atualmente está sob o governo de Nicolás Maduro, que desde 2013, segue a linha de Hugo Chávez, seu antecessor (1999-2013). Em 2009, após um referendo constitucional, foi aprovada uma Emenda que garantiu ao presidente (no caso, Hugo Chávez) e aos demais cargos públicos, o direito de "reeleição ilimitada". Sua população gira em torno de 31,98 milhões (BANCO MUNDIAL, 2017).

A Venezuela tem extrema importância em seu continente pois detém amplas reservas de petróleo, grande diversidade ambiental e recursos naturais, contando com parte expressiva da floresta amazônica em seu território. Atualmente causa preocupação mundial por conta de crises políticas e socioeconômicas, causando além de pobreza e insatisfação, problemas imigratórios. O êxodo de venezuelanos que fogem da situação econômica desastrosa no país é considerado pela ONU o mais maciço da história recente da América Latina, prevendo que em 2019 o número vai a chegar a 5,3 milhões de refugiados pelo mundo.

Países que mais receberam imigrantes venezuelanos (BBC, 2018):



CHAVISMO

Para entender a situação da Venezuela temos que começar nos tempos de Hugo Chávez, durante muito tempo presidente da Venezuela e criador do que chamamos hoje de

Chavismo, usado também como base do governo de Nicolás Maduro. O Chavismo é composto por três fontes básicas: as ideias de Simón Bolívar, Ezequiel Zamora e Simón Rodríguez, mas ainda leva ideia de: Ernesto Guevara, Fidel Castro, Augusto César Sandino, entre outros. Formando uma teoria de um "socialismo revisado" que é definido como "Socialismo do século XXI". Tal segmento tem como elementos centrais uma atuação muito maior do Estado e a defesa de medidas que ampliam a participação social na política. Também é caracterizado por uma política "anti-imperialista", defendendo a integração dos povos latino-americanos para combater a influência dos Estados Unidos na região. No chavismo, o governante tem seu poder baseado num forte militarismo. Depois da morte de Chávez, em 2013, Nicolás Maduro, que era seu vice-presidente, e também do PSUV (Partido Socialista Unido da Venezuela), já foi eleito e reeleito presidente com a promessa de dar continuidade às políticas do antecessor. (DIPLOMATIQUE, 2016)

Maduro herdou a Venezuela já entrando em colapso econômico e tomou medidas que contribuíram mais para a crise. A principal fonte de renda da Venezuela é o petróleo. Após a Primeira Grande Guerra seus governantes deixaram o desenvolvimento agrícola e industrial de lado para investimento em petróleo, que hoje corresponde a 96% das exportações do país Sul-Americano. Durante o governo Chavista e início do governo de Maduro, o investimento teve retorno, quando o preço do barril estava alto (entre 2004 e 2014), porém em 2014 o preço do petróleo desabou por conta de tensões políticas e econômicas ao redor do mundo envolvendo alguns dos principais produtores de petróleo do mundo, Arábia Saudita e Irã. (BBC, 2019) O barril, que custava 120 dólares, passou a custar apenas U$50. Então, sem esse dinheiro, o governo perdeu a capacidade de importação, inclusive de itens de necessidade básica e teve significativa redução dos investimentos. Portanto, a falta de infraestrutura nas empresas petrolíferas, diminuíram a produção drasticamente, a má gestão e alto grau de corrupção fizeram o mercado do petróleo entrar em colapso, afetando o país inteiro. (POLITIZE, 2019)

A CRISE

Desde então a discussão sobre o presente e qual será o futuro da Venezuela repercutiu para todos os cantos, debates e votações na ONU, suposta intervenção de países como Estados Unidos e Rússia e criação de fóruns de debate para tentativa de solucionar o problema que causa fome e miséria pelo país inteiro. Em especial temos o Grupo de Lima. Chamado de fórum de articulação, o grupo foi criado em 2017 para avaliação da situação da Venezuela pelos seus

vizinhos e alguns países pelo mundo, doze inicialmente assinaram a declaração: Argentina, Brasil, Canadá, Chile, Colômbia, Costa Rica, Guatemala, Honduras, México, Panamá, Paraguai e Peru. Guiana e Santa Lúcia aderiram mais tarde. (FOLHA, 2019)

Em seus pressupostos básicos fala-se em "solução pacífica e negociada" e "respeito ao princípio de não intervenção". Em seu último encontro, dia 25 de fevereiro de 2019, foi discutido se o grupo deveria manter a mesma postura ou se haveria possiblidade de posicionamentos favoráveis a uma ação militar, devido à gravidade em que o problema chegou. Importante notar que mesmo sem fazer parte do grupo, a presença de Mike Pence, vice-presidente dos Estados Unidos, foi celebrada no último encontro, evidenciando a importância que a questão venezuelana ganhou para o governo de Donald Trump. O Brasil também se fez presente, Hamilton Mourão (vice-presidente) e Ernesto Araújo (ministro das Relações Exteriores) estavam no encontro. Mourão, em seu discurso, posicionou o Brasil ao lado de uma solução pacífica, sem medidas extremas e sem violação de "soberanias nacionais". (FOLHA, 2019)

Além da crise econômica, o país também conta com uma grave crise política. Em 2014, o líder oposicionista Leopoldo López foi preso após ter sido acusado de incitar a violência durante protestos contra o governo. Maduro constantemente acusa oposicionistas de tentarem tirá-lo do poder por meio de golpes orquestrados com a ajuda de outras inteligências, principalmente do Estados Unidos.

Outro grande problema na Venezuela é a mistura dos chamados "três poderes": Executivo, Legislativo e Judiciário. Tanto que em março de 2017 o Tribunal Superior de Justiça assumiu funções do Legislativo, acusando o parlamento de "desobediência". Tal ato foi malvisto por estudiosos e pela sociedade, tratado como golpe pela oposição e depois de dois dias o tribunal voltou atrás. Portanto, a ideia que se passa é que não há independência entre os poderes do território Venezuelano. (BBC, 2019)

Em 2018 Maduro foi reeleito em eleições supostamente fraudadas. O governante foi acusado de compra de votos e coerção por meio do Estado para que os mais pobres votassem, oferecendo benefícios em troca. Com muitos oposicionistas presos e incapazes de disputar as eleições, Henri Fálcon foi derrotado e disse não reconhecer a legitimidade das votações. O governo afirmou que as eleições foram "livres e justas". (BBC, 2019) Após tais acontecimentos, a Organização do Estados Americanos (OEA) e o Mercado Comum do Sul (MERCOSUL) suspenderam as atividades relacionadas a Venezuela, alegando desrespeito a Carta Democrática Interamericana.

Já em 2019, após anos de recessão e hiperinflações, o líder do Parlamento Venezuelano, Juan Guaidó, se autoproclamou como Presidente Interino e elevou a crise política a outro patamar. Agora, o governo vive em um contexto complexo, com dois presidentes reconhecidos internacionalmente, cada um apoiado por coligações de países. Guaidó é apoiado por potências como Estados Unidos e países da União Europeia, enquanto maduro tem ao seu lado outros países importantes no cenário mundial como a Rússia, a China e países simpatizantes ao bolivarianismo. Nessa discussão entre "presidentes" o foco é levado para forças armadas, pois aquele que detém maior apoio supostamente derrubará o outro. O exército da Venezuela é o terceiro maior contingente da região, atrás de Brasil (360 mil) e Colômbia (295 mil). O Instituto Internacional de Estudos Estratégicos (sigla em inglês IISS), é o elaborador do "Balanço Militar", um estudo anual de forças armadas pelo mundo, e os dados do estudo mais recente são: 123 mil homens na ativa, 63 mil no Exército, 25,5 mil na Marinha, 11,5 mil na Força Aérea e 23 mil na Guarda Nacional. (FOLHA, 2019)

Porém, a Venezuela conta também com 220 mil integrantes de milícias paramilitares. Civis ideologicamente a favor do regime de Chávez e Maduro, armados para defender o território Venezuelano. O regime atual conta também com investimento externo na área militar, tanto Chinês quanto Russo, com sistemas avançados de longo e médio alcance para defesa aérea. (FOLHA, 2019)

Juan Guaidó declara ter apoio das forças armadas para uma ação mais intensa. Porém não é isso que fica claro. Guaidó, apesar das tentativas, não consegue reunir forças armadas para algo de grande impacto. Até agora o seu maior feito foi a libertação do oposicionista, até então preso, Leopoldo López.

RELAÇÕES BRASIL-VENEZUELA

Brasil e Venezuela intensificaram suas atividades econômicas no final do século XX. Um ponto importante, e que evidenciou e aumentou a parceria desses dois países foi a visita do então presidente Rafael Caldera (1969-1974 e 1994-1999) ao Brasil em 1996. O presidente venezuelano trouxe uma extensa delegação, composta de ministros, parlamentares, técnicos e empresários, e discursou sobre suas intenções e motivações com o Brasil. Identificando a Venezuela como uma potência energética, interessado na comercialização dessa energia. (Política Externa, Vol. 18, Nº. 4, 2010)

Outro ponto importante colocado pelo ex-presidente venezuelano foi na qualificação da parceria Venezuela-Brasil, que não seria apenas bilateral, mas sim estava inserida em um contexto

amplo de “integração latino-americana”. Dando extrema importância para a relação, até porque os dois países compartilhavam como fronteira a floresta amazônica. No mesmo ano foi assinado um contrato entre as estatais Edelca e Eletrobrás para que a Venezuela vendesse a energia excedente da usina hidrelétrica de Guri, ao estado de Roraima. (Política Externa, Vol. 18, Nº. 4, 2010)

O acordo foi noticiado como um avanço para estabelecer uma dinâmica integradora na região, assim como o Brasil tinha com outros países da América do Sul. O governo venezuelano queria suprir também a necessidade do petróleo brasileiro em 25%, desbancando seus principais fornecedores, no caso Arábia Saudita e Argentina. (Política Externa, Vol. 18, Nº. 4, 2010)

Já no século XXI, o Brasil sempre entendeu a Venezuela como um mercado atrativo. Com investimentos e acordos do período de Fernando Henrique Cardoso, passando por Lula e chegando a Dilma, entre os anos de 2002 a 2010, o comércio entre os dois países da América do Sul cresceu mais de 227%, elevando de US$ 1,43 bilhão, em 2002, para US$ 4,68 bilhões em 2010. O país não tinha um ano sequer de déficit com a Venezuela, até 2014, porém foi logo superado em 2015. (FOLHA, 2019)

O governo brasileiro, principalmente durante as crises, evitava criticar as decisões de Maduro para não comprometer as relações econômicas. Após a explosão dos calotes por parte da Venezuela e o Impeachment da Dilma, o governo Temer se manteve neutro, acompanhando a situação da Venezuela. Com as eleições de 2018 e a eleição de Jair Bolsonaro, o Brasil tomou outros lados, aliando-se a Trump, contra ao regime de Maduro.

A opção desejada para solução do problema venezuelano é sempre o diálogo, Instituições e Estados estão a todo o momento buscando meios para realização de acordos entre o Chavismo e a oposição. A perspectiva mundial para o conflito da Venezuela é otimista caso consigam uma trégua de forma rápida e que beneficie o povo. Caso contrário, quanto mais tempo o conflito durar, por mais tempo a hiperinflação persistirá e mais perigosa vai ser a situação da Venezuela.

Referências

BRACHO, Yoletty e REBOTIER Julien. O chavismo por sua base. Disponível em: https://diplomatique.org.br/o-chavismo-por-sua-base/

CARDOSO, Eliel. Relações Bilaterais entre o Brasil e a Venezuela (1983-1998) Versão corrigida 2014

CORAZZA Felipe, MESQUITA Lígia. Crise na Venezuela: o que levou o país ao colapso econômico e à maior crise de sua história. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/internacional-45909515

FOLHA DE SÃO PAULO. Exército venezuelano é 3º maior contingente da região e foca defesa aérea. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2019/04/exercito-venezuelano-e-3a-maior-forca-da-regiao-e-foca-defesa-aerea.shtml

FOLHA DE SÃO PAULO. O que é o Grupo de Lima, que reúne 14 países para discutir a crise na Venezuela. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2019/02/o-que-e-o-grupo-de-lima-que-reune-14-paises-para-discutir-a-crise-na-venezuela.shtml

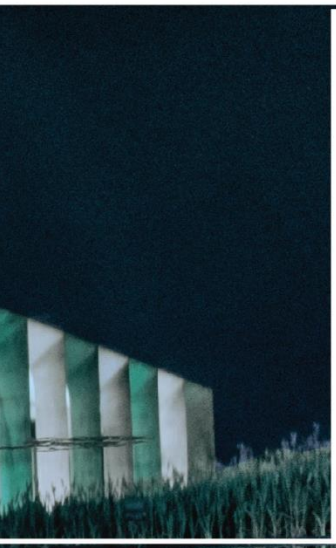
Limites do ativismo venezuelano para América do Sul. In: Política Externa, Vol. 16, Nº. 2. São Paulo: Paz e Terra, Setembro/Outubro/Novembro 2007.

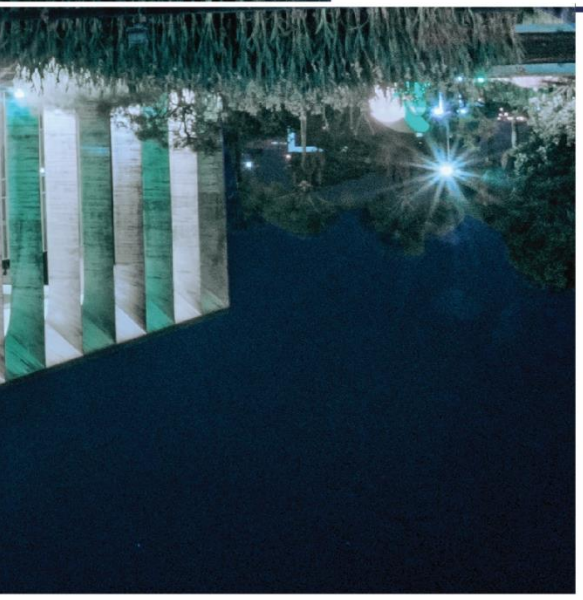
LISSARDY, Gerardo. Os negócios que unem Brasil e Venezuela. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/03/150311_brasil_venezuela_negocios_gl_pai

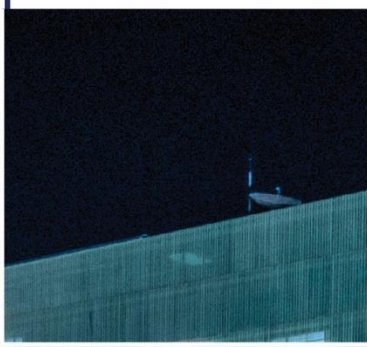
POLITIZE. Como começou a crise na Venezuela? Disponível em: https://www.politize.com.br/crise-na-venezuela/

CALDERA (1916-2009) e a democracia: memória política de um estadista latino-americano. In: Política Externa, Vol. 18, Nº. 4. São Paulo: Paz e Terra, Março/Abril/Maio 2010.

VILLA, Rafael A. D. Política externa na administração Hugo Chávez. In: Política Externa, vol. 13, Nº 1, São Paulo: Paz e Terra, Junho/Julho/Agosto 2004.







UNIVERSIDADE
CATÓLICA
DE SANTOS